

Sandra Regina de Sousa

CONTEMPLAÇÃO PARA ALCANÇAR AMOR

EXPERIÊNCIA DO DEUS-TRINO NA ORAÇÃO,
CAMINHO TRANSFORMADOR DA PRÁXIS CRISTÃ

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Profº. Dr. Ulpiano Vázquez Moro

Apoio: FAPEMIG

Belo Horizonte

FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2015

Sandra Regina de Sousa

CONTEMPLAÇÃO PARA ALCANÇAR AMOR

EXPERIÊNCIA DO DEUS-TRINO NA ORAÇÃO,
CAMINHO TRANSFORMADOR DA PRÁXIS CRISTÃ

Dissertação apresentada no Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisição parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia da Práxis Cristã

Orientador: Profº. Dr. Ulpiano Vázquez Moro

Apoio: FAPEMIG

Belo Horizonte

FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

S729c Sousa, Sandra Regina de
Contemplação para alcançar amor: experiência do Deus-Trino na oração, caminho transformador da práxis cristã / Sandra Regina de Sousa. - Belo Horizonte, 2015.
141 p.

Orientador: Prof. Dr. Ulpiano Vázquez Moro
Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Espiritualidade. 2. Oração. 3. Práxis. 4. Exercícios Espirituais. 5. Inácio, de Loyola, Santo. I. Vázquez Moro, Ulpiano. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 248

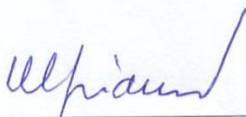
SANDRA REGINA DE SOUSA

CONTEMPLAÇÃO PARA ALCANÇAR AMOR
EXPERIÊNCIA DO DEUS-TRINO NA ORAÇÃO, CAMINHO TRANSFORMADOR
DA PRÁXIS CRISTÃ

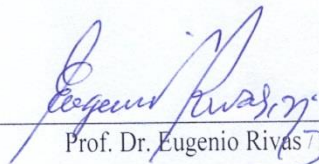
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestra em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 25 de março de 2015.

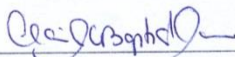
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Ulpiano Vázquez Moro / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Eugenio Rivas / FAJE



Prof.ª Dr.ª Ceci Maria C. Baptista Mariani / PUC- Campinas (Visitante)

DEDICATÓRIA

Peregrino

“Quando teu navio ancorado muito tempo no porto te deixar a impressão enganosa de ser uma casa; quando teu navio começar a criar raízes na estagnação do cais, faze-te ao largo. É preciso salvar a qualquer preço a alma viajadora de teu barco e tua alma de peregrino”.
(Dom Hélder Câmara)

A todas as pessoas que me ensinaram a acreditar no amor e me possibilitaram crescer, amando. Em especial aos meus pais, irmãos e sobrinhos, vó Chica (*in memorian*), Maurício (*in memorian*), Vera, tia Zélia, Silvinha, Marina, Adriana, tio Maurício, Cidinha, Viviane, Marcelo, Teresa, Cássia, Sônia, Agnes, Tania, Mauro, Ilza, Tiny, Ricardo, Cristina, Graça, Lourdinha, Joaquim, Pe. João Batista Libanio (*in memorian*).

AGRADECIMENTOS

À Trindade Santa que me fez conhecer seus caminhos e a grandeza que há em uma vida entregue ao amor e ao serviço.

Aos meus pais, amigos fiéis nesta jornada.

Aos familiares que torceram por mim e rezaram.

Aos amigos e amigas pelas orações, escuta, cuidado, carinho e gratuidade.

Ao Prof. Ulpiano, meu orientador, que me permitiu ser conduzida pelo Espírito.

À faculdade Jesuíta que me deu as bases teológicas para a reflexão.

Ao Prof. Manuel Hurtado, pela colaboração.

Ao Pe. João Batista Libanio (*in memoriam*), pela clareza de pensamento e ensinamentos profundos.

Aos colegas de mestrado que, vivendo a mesma batalha, foram portadores de força e incentivo para prosseguir. Em especial Fabrício Veliq, Rodrigo Ladeira e Luciana Gangussu.

À Zita, Vanda, Aldair, Jordan, Adriano, Viviane, funcionários da biblioteca, extensão da minha casa que, com carinho e alegria colaboraram muito neste processo.

Ao Prof. Geraldo De More, coordenador da pós-graduação, pelos inúmeros desafios impostos que me ajudaram a crescer na confiança.

Aos funcionários da faculdade que gentilmente me atenderam em várias solicitações. Em especial Edna, Patrícia, Adriana, Andreia, Késia.

Ao Irmão Eudson que delicadamente me acolheu em situações difíceis.

À minha comunidade, Paróquia nossa Senhora da Boa Viagem, pela compreensão nos momentos de afastamento.

Ao Pe. David que colaborou com este trabalho e ainda ouviu minhas queixas e secou minhas lágrimas na orientação espiritual, e a Pe. Jackson que continua o processo de me orientar.

À Josina, pela amizade e o carinho nas correções do texto.

À FAPEMIG que financiou meus estudos.

Ao meu pai espiritual Inácio de Loyola, que com seus Exercícios Espirituais e testemunho de vida provocou revoluções em minha história.

PREFÁCIO

Meu coração inquieto andou por muitos anos à procura de beber da fonte que me saciasse a sede mais profunda de Amor. As palavras tão bem descritas no livro do Apocalipse: “A quem tem sede eu darei gratuitamente da fonte de água viva” (Ap 21,6), queimavam minha interioridade e me impeliavam a buscar sem descanso esse dom. Cavei cisternas e bebi em vários poços, mas nada matava a sede de desejar a água, com a avidez de quem está no deserto.

Prossegui a busca com coragem e esperança. Em meio a caminhos, descaminhos, atalhos, encontrei os Exercícios Espirituais¹, e através deles, a fonte que tanto desejei. Nela saciei a sede várias vezes, mas sabe como é sede, sempre volta e, voltando, aumentava a intensidade, me fazendo querer cada vez mais a água pura. Idas e vindas até descobrir que havia iniciado um caminho na vida espiritual. Aos poucos fui percebendo a profundidade dessa descoberta. Um facho de luz aqui a iluminar as trevas mais densas do meu ser; uma faísca acolá a riscar o céu dos grandes medos; um raio na fresta da janela a acender o desejo de crescer no autoconhecimento; um lampejo ao longe a descortinar o sentido da existência; um intenso desejo de crescer na espiritualidade criando um vínculo de amizade com o Senhor.

E assim, aprendi com Inácio de Loyola a importância da oração cotidiana. Fechar a porta do quarto, estar a sós com a Trindade e dialogar. Mergulhar em sua Palavra, me alimentar dela, saborear, sentir o cheiro, contemplar, me deixar questionar em minhas atitudes e rumores, infinitas misérias e inúmeras vontades. Comprometer-me em vivê-la no ordinário da vida com seus assustadores desafios e incontáveis alegrias. Nela ouço a voz do Amor que me fala com ternura e firmeza quem sou eu em minhas sombras e luzes, ensinando-me a escutar meus passos, meu respirar, as emoções confusas, os temores escondidos, a ignorância sem compaixão, dons, fracassos, ilusões, vocação, inseguranças, surdez, cegueiras, egoísmos, orgulho... tudo que dentro dos meus limites, sob a luz divina, consigo perceber que é imprescindível remexer, podar, transformar. “Aquilo que o Senhor do mundo opera nas almas racionais se destina ou a nos dar mais glória ou a impedir de sermos piores, porque ele não encontra em nós matéria para outra coisa” (CE 6).

¹ Livro escrito por Santo Inácio de Loyola, fruto da sua experiência espiritual. Tornou-se um método que há cinco séculos possibilita às pessoas no mundo inteiro percorrerem um caminho de encontro com Deus-Trino, na oração. O capítulo 1, ponto 1.5 aprofundará o seu processo e suas marcas estão em todo este trabalho.

Nesse bonito encontro com Deus na oração, a inquieta fé lançou-me para *águas mais profundas* (cf. Lc 5,4), e parti em direção ao outro. Visitei presidiários que choram suas mágoas atrás das grades e idosos abandonados em asilos ou em leitos de hospitais; rezei com prostitutas e travestis nas portas dos motéis, e me dei conta do quão triste é o submundo depredado pelo preconceito; subi morros e entrei em barracos desnudos, mas plenos de solidariedade e aconchego; sentei em meio fio e ouvi tristes histórias de dor e abandono; acompanhei pessoas totalmente quebradas pela dependência química, e mães dilaceradas que passaram pelo inferno de perder seus filhos para a cruel violência; presenciei os maus-tratos sofridos por tantos seres humanos completamente sozinhos, esquecidos e humilhados.

Compreendi profundamente o grande sofrimento que há no mundo e suas consequências na vida de tantos seres marcados a ferro e a fogo no fundo da alma. Descobri a importância de escutar o outro por inteiro, olhando nos olhos, atenta aos gestos, palavras não ditas, sorrisos inexpressivos, sussurros, lágrimas, silêncios. Entendi a expressão de Inácio “O amor consiste mais em obras do que em palavras” (EE 230), e percebi que há nesse amor um convite a sair de si em prol de uma entrega generosa e gratuita, tornando-se força provocativa, capaz de causar grandes transformações, pois a fonte de onde brota é o próprio Deus. Experimentei que cada um tem o que oferecer ao outro, independente da condição em que se encontra ou da história que vive.

O tesouro chamado *Exercícios Espirituais* provocou revoluções no meu íntimo e a “Contemplação para alcançar amor” (EE 230-237) me fez acordar para o valor da oração na vida diária, pois nela, amar é resposta ao amor recebido e isso exige colocar os pés no chão da realidade com os olhos atentos e o coração aceso, em cujo centro não cabe mais os frios desejos, as atitudes vazias e os apegos infantis, mas sim, o sorriso sincero, o cuidado, a sensibilidade; a entrega toda a Deus e ao próximo.

Também me fez olhar ao redor e perceber nas comunidades cristãs onde trabalho e escuto as pessoas, quão grave é a crise vivida hoje na espiritualidade, em que uma boa parte dos membros do Corpo de Cristo, por um lado não cultivam a vida interior – pela falta de tempo, interesse ou prioridade –, privando-se de construir uma relação de amizade fecunda com o Deus-Trino, que leve a uma verdadeira conversão nos pensamentos, palavras e ações. A vida tem sido gasta na temporalidade dos dias em inúmeros compromissos que roubam o precioso tempo do verdadeiro encontro; acúmulo de funções, títulos e feridas que anestesiam o serviço alegre e despretensioso; doses imensas de preconceitos e fechamentos, que excluem, machucam e levam os irmãos e irmãs a desacreditarem da vida fraterna.

Por outro lado, os que estão submersos numa oração intimista ou em certas práticas devocionais, voltadas inteiramente para questões particulares, resultando num desconhecimento total de si mesmos, pelo fato de não experimentarem na profundidade do ser um encontro libertador com o Deus vivo, o que reflete em práticas descomprometidas com a comunidade de fé e com o mundo que grita por mudanças, testemunhos autênticos, corações ardentes e acolhedores.

Diante dessa realidade, nasceu em mim uma vontade imensa de estudar, refletir e escrever sobre a experiência espiritual feita por Inácio e sua contribuição para a renovação da espiritualidade na Igreja. A obra dele é a própria vida que experimenta as marcas profundas da comunicação de Deus. Mas, por que essa história? Cinco séculos nos separam e podem causar a impressão de que ele já está ultrapassado e não traz novidade alguma para a inconstante e dispersa pós-modernidade, imersa em tantas outras buscas espirituais. Por que justo esse homem que peregrinou obstinadamente à procura da vontade de Deus, não escreveu tratados teológicos, nem doutrinas ou manuais?

Creio que as respostas estão dentro do meu coração, pois minha própria vida assemelha-se à dele nessa dimensão de busca incansável por encontrar tal vontade. Inácio é um homem comum e sua história é repleta de coisas às vezes insignificantes, assim como a de todos nós. Seus limites, fraquezas e realismo nos colocam diante de uma realidade concreta, onde é possível experimentar Deus interiormente no caos de uma vida formatada pela religiosidade devocional, pela fé que não passa pelo conhecimento, pelo vilão do ativismo ou ainda pelas vaidades, ostentações e soberbas que nos cercam no dia a dia.

Ele, marcado em suas dimensões mais profundas por Jesus Cristo, uniu oração e práxis, deixando-se mover pelo Espírito que acendeu um fogo novo nos seus desejos, fazendo-o passar pelo processo de conhecer-se a si mesmo, cultivar a interioridade, “ordenar a própria vida [...] para buscar e encontrar a vontade divina” (EE 1. 21). Tal experiência ainda toca corações, transforma vidas e está aberta a todos os seres humanos. Cada pessoa, a seu modo, tem a chance de experimentar no mais íntimo a presença do Deus que é amor (cf 1Jo 4,16). Construir com Ele uma relação de intimidade que provoque mudanças e dê frutos saborosos de serviço aos irmãos, sem pretensões de alcançar visões místicas ou arrebatos espirituais, mas simplesmente relacionar-se, dar tempo para estar a sós, escutar, silenciar, aprender a caminhar guiado por Suas mãos paternas. “Há uma passagem, um caminho, uma esperança de um aproveitamento? Vamos adiante!” (CE 7).

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a importância da oração como caminho de transformação da práxis cristã. Para fundamentá-lo foi escolhida a trajetória de conversão feita por Inácio de Loyola, que ao encontrar-se com Cristo, contempla a comunicação de Deus em seu mistério de amor, vive profundas mudanças e descobre sua missão no mundo, deixando-se conduzir pelo Espírito. À luz dessa experiência, propõe-se pensar sobre a necessidade de redescobrir na Igreja, onde há uma distância entre oração e práxis, o caminho de integração entre ambas, através do cultivo da interioridade, como condição de possibilidade de conhecer internamente o amor do Deus vivo para mais *amar e servir*. A resposta de quem experimenta esse amor é a entrega de si mesmo: *Tomai, Senhor, e recebei*, visto que *o amor é comunicação de ambas as partes* e abre horizontes para *encontrar Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus*. O fruto dessa oração é a escuta do chamado de Jesus Cristo dia a dia, para servir a Igreja e o mundo, pois *o amor consiste mais em obras do que em palavras*, e é legitimado na realidade cotidiana, onde tudo deve ser feito para a *maior glória de Deus*.

Palavras-chave: Experiência, Oração, Práxis, Inácio de Loyola, Fé, Amor, Serviço, Exercícios Espirituais, Comunicação, Discernimento.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the importance of prayer as a path of transformation of christian praxis. It is based on the path of conversion undergone by Ignatius of Loyola, who meets Christ, contemplates the communication of God in his mystery of love, experiences, deep changes and discovers his mission in the world, allowing himself to be led by the Holy Spirit. In the light of this experience it is proposed to consider the need to rediscover in the church, where there is a distance between prayer and praxis, the path of integration between both, through the cultivation of one's interior, as a condition of possibility of knowing internally the love of the living God in order to *love and serve*. The answer of those who experience this love is a surrendering of oneself: *take, oh! Lord, and receive* because *love is communication of both sides* and opens horizons for *finding god in all things and all things in God*. The result of this prayer is listening to the call of Jesus Christ, day to day, serving church and the world, because *love consists more in works than in words*, and is legitimized in everyday reality, where everything should be done for *God's greater glory*.

Keywords: Experience, Prayer, Praxis, Ignatius of Loyola, Faith, Love, Service, Spiritual Exercises, Communication, Discernment.

ABREVIATURAS

Aut.	Autobiografia de Santo Inácio de Loyola
CE	Cartas Escolhidas
CCJ	Constituições da Companhia de Jesus
CR	Catequese Renovada
DA	Documento de Aparecida
DE	Diário Espiritual
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil
DH	Denzinger-Hünemann
DNC	Diretório Nacional de Catequese
DV	Dei Verbum
DCE	Deus Caritas Est
EE	Exercícios Espirituais
EG	Evangelii Gaudium
GS	Gaudium Spes
LG	Lumen Gentium
LF	Lumen Fidei
MN	Mens Nostra
SC	Sacrosanctum Concilium
SD	Salvifici Dolores

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1: O AMOR É COMUNICAÇÃO DE AMBAS AS PARTES.....	24
1 A TRAVESSIA INTERIOR	27
1.1 Do vazio à conversão	28
1.1.1 O vazio do não encontro.....	30
1.1.2 O encontro com a Palavra	32
1.2 Da exterioridade à interioridade.....	34
1.2.1 Descer ao coração.....	36
1.2.2 Primeiros passos na oração	37
1.3 Da desolação ao dom da graça.....	40
1.3.1. Os espinhos cortantes da alma	41
1.3.2 As lições de Deus	43
1.4 A epifania nas profundezas do ser.....	44
1.4.1 O incessante peregrinar	47
1.4.2 O desejo ardente de “ajudar as almas”	50
1.5 A experiência torna-se itinerário.....	52
1.5.1 O caminho do Criador com a criatura	54
1.5.2 Deixar-se conduzir pelo Espírito.....	55
1.5.3 A História da Salvação nos Exercícios Espirituais	57
1.5.3.1 O amor-amizade entre Deus e o ser humano	58
1.5.3.2 O processo de conversão à luz do mistério de Cristo	59
1.5.3.3 Conhecer internamente para mais amar e seguir	60
1.5.3.4 O amor apaixonado a Cristo crucificado	62
1.5.3.5 A alegria da vida nova em Cristo	63
1.6 Conclusão: “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas internamente”	64

CAPÍTULO 2: CONTEMPLAÇÃO PARA ALCANÇAR AMOR	65
2 O CAMINHO DA CONTEMPLAÇÃO	69
2.1 O ritmo dos elementos essenciais	71
2.1.1 Oração preparatória	72
2.1.1.1 A ordenação do “afeto”	73
2.1.2 Composição do lugar.....	75
2.1.2.1 Ver com os olhos da “imaginação”	76
2.1.3 Petição da graça.....	77
2.1.3.1 A profundidade do “conhecer, amar e servir”	78
2.2 A lógica trinitária do amor	80
2.2.1 Amar por ser amado	82
2.2.1.1 “Tomai, Senhor, e recebei”	84
2.2.2 Deus habita todas as criaturas	87
2.2.2.1 O corpo é templo do Espírito.....	88
2.2.3 O incansável trabalho de Deus no mundo	90
2.2.3.1 A participação amorosa na obra divina	91
2.2.4 A Fonte de todos os dons e bens	91
2.2.4.1 O dom de si para os outros	92
2.3 Conclusão: “Encontrar Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”	94
CAPÍTULO 3: O AMOR CONSISTE MAIS EM OBRAS DO QUE EM PALAVRAS ..	96
3. O SERVIÇO À IGREJA E AO MUNDO.....	99
3.1 Escutar na vida cotidiana o chamado do Amor	102
3.1.1 Discernimento das motivações profundas	104
3.1.2 A indiferença que busca liberdade	107
3.1.3 Humildade para servir por amor.....	110
3.2 Quem ama dá e comunica o que tem	113
3.2.1 O sofrimento humano no coração do Redentor.....	115

3.2.1.1 A compaixão pelos pequenos	117
3.2.2 As dores da “Mãe-Terra” nas mãos do Criador	119
3.2.2.1 A consciência de pertença e cuidado	122
3.3 Conclusão: “A maior glória de Deus”	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é a ligação profunda e enraizada entre oração e práxis. Ambas andam sempre em busca da comunicação e cada uma tem sua maneira própria de realizá-la. No silêncio, na escuta, na intimidade, no diálogo, comunica-se a oração, enquanto que a práxis, no gesto concreto, distante ou próximo, nos braços abertos, nas mãos estendidas, nas mudanças provocadas. São duas dimensões que se encaixam numa simetria perfeita e se complementam na mais autêntica harmonia.

Na esteira do Cristianismo muito se tem escrito sobre essa estreita relação e sua importância no horizonte de dar sentido ao ser cristão. Jesus de Nazaré viveu uma profunda intimidade com o Pai², e seus gestos amorosos de inclusão, acolhida e perdão, devolveram a *coragem de ser*³ a quem dele se aproximou. Oração e ação formando uma unidade movidas pelo Espírito. Sua postura revela a centralidade da práxis cristã, segundo o Evangelho do amor e do serviço: “Tu, porém, quando orares, entra em teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está lá, no segredo” (Mt 6,6); “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros” (Jo 13,34); “Vinde, benditos de meu Pai!” (Mt 25,34); “Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés” (Jo 13,14); “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,39); “Vai, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10,37).

A coerência de Jesus em viver oração e práxis de maneira integrada questiona a realidade atual da Igreja, em que a práxis, atolada em um ativismo sem limites, asfixia a oração em suas raízes mais profundas. Por outro lado, a oração subjetivista que visa apenas alcançar os benefícios divinos, cria distância da possibilidade de viver uma práxis do serviço. Essa desintegração coloca em crise a espiritualidade de uma boa parte dos membros do Corpo de Cristo, fazendo brotar a pergunta fundamental deste trabalho: **“Como é possível viver hoje uma experiência espiritual feita de encontro, diálogo e intimidade com Deus que se consolide em uma práxis comprometida com as realidades humanas?”** A busca por essa resposta é feita dentro de um caminho consciente dos grandes desafios a serem enfrentados na pesquisa; dos limites de tempo e espaço impostos pelo universo acadêmico; da certeza de que os horizontes do tema *oração e práxis* são infinitos para serem esgotados por completo neste trabalho.

² Cf. Mt 11,27; 26,36; Lc 3,21-22; 5,15; 6,12-13; 9,28-29; 22,39-44; Jo 17.

³ Esta expressão dá nome a um livro do teólogo Paul Tillich, que se tornou capelão voluntário na primeira guerra mundial (1914) e viveu experiências profundas na dimensão da fé.

“A vida de oração é insubstituível”, pois ela busca o “fogo unificador de Deus em meio à matéria dispersa [...] do mundo”⁴. Sua importância é vital para o crescimento da espiritualidade. Precisa ser uma experiência que ultrapasse as fronteiras do estreito subjetivismo e alcance as profundezas da interioridade, onde o “amor foi derramado por Deus em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). Necessita de tempo, despojamento, entrega plena, escuta atenta para crescer no conhecimento interno de Jesus Cristo, que redime, purifica, ilumina, descentrando o ser de si mesmo, conduzindo-o a uma práxis libertadora consolidada na história humana.

Portanto, oração e práxis se entrelaçam e são a cor e o tom desta pesquisa, formando o eixo central pelo qual passará toda a reflexão aqui proposta, a partir da experiência espiritual de Inácio de Loyola. Ele que, afetado em sua essência mais pura pela vida de Cristo, contempla Deus “em seu mistério de amor”⁵ – comunicando e criando comunicação. Percorre com lucidez a estrada da conversão, vive mudanças profundas no seu íntimo em busca de descobrir sua missão no mundo, deixando-se conduzir pelo Espírito para mais *amar e servir* (EE 233), num aprendizado contínuo de ser *contemplativo na ação*⁶.

Essa profunda experiência de Deus o leva a uma reciprocidade que se dispõe a realizar a vontade divina na livre entrega de si mesmo, despertando a consciência para assumir o compromisso verdadeiro com a Igreja de Jesus Cristo, onde “descobriu uma maneira de ajudar almas como a sua, que queriam tornar-se uma com o Senhor na oração e no trabalho”⁷, pois “o amor consiste mais em obras do que em palavras”⁸ e “é comunicação de ambas as partes” (EE 230-231). “Tenhamos cuidado de manter nossos corações numa grande pureza de amor a Deus” (CE 18).

As fontes inicianas aqui estudadas, têm como base o livro dos *Exercícios Espirituais*, “que nem pode ser chamado de livro, mas é um manual prático, um caderno de apontamentos. Não foi feito para ser lido, sim para orientar a prática do método”⁹. É o registro da experiência de mudança radical vivida por Inácio no encontro com Deus.

⁴ BUELTA, Benjamín González. *Orar em um mundo fragmentado*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 16.

⁵ BINGEMER, Maria Clara. *Em tudo amar e servir, mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 23.

⁶ Expressão usada por Pe. Nadal, companheiro de Inácio, ao referir-se à forma de viver desse grande homem, que plenamente unido a Deus, alcança a liberdade interior e todas as suas ações direcionadas ao próximo são encharcadas por esse Amor experimentado na interioridade.

⁷ BARRY, William; DOHERTY, Robert. *Contemplativos em ação: o caminho jesuíta*. São Paulo: Loyola, 2005, p.19.

⁸ No texto original é escrito “se pone”, mas neste trabalho optou-se por usar “consiste” da tradução em português.

⁹ IPARRAGUIRRE, Ignacio. *Obras Completas de San Ignacio de Loyola*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1952, vol. 86, p. 64*. (Tradução nossa).

Relato de tudo que foi experimentado no caminho e que deu consistência à sua vida de *Peregrino*¹⁰, transformando-se em um itinerário de oração para ser experienciado por quem deseja entrar nos caminhos do Espírito, encontrar-se com o Criador do universo, configurar-se com Jesus pobre e humilde, deixando-se continuamente alcançar pelo Amor. “Neles se pode encontrar a ‘teoria’ ou teologia que faz com que a experiência e a práxis de Inácio sejam verdadeiramente teológicas [...] e claramente trinitárias”¹¹.

Inácio escreve as *Constituições*, “expressão privilegiada da experiência fundante dos primeiros companheiros” com esforço, lágrimas, orações, participação na Celebração Eucarística, sob a unção do Espírito (CCJ 3,1^a). Elas contêm a estrutura da *Companhia de Jesus*¹², os fundamentos que dão solidez à vida religiosa, consistência e coerência aos seus membros, suscitando a disposição do coração em realizar de forma integrada o ideal missionário de servir a Cristo em todo o mundo. A fórmula do Instituto explicita o objetivo da Companhia:

A Companhia foi instituída para a defesa e a propagação da fé e o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristãs, por meio de pregações públicas, lições e qualquer outro ministério da palavra de Deus, Exercícios Espirituais, formação cristã das crianças e dos rudes, Confissão, administração dos outros sacramentos, buscando principalmente a consolação espiritual dos fiéis. Foi também instituída para pacificar os desavindos, piedosamente ajudar e servir os que se encontram presos nas cadeias e enfermos nos hospitais, e exercitar as outras obras de caridade conforme se julgar conveniente para a glória de Deus e o bem universal (CCJ 1).

O *Diário Espiritual* é uma tentativa de traduzir em palavras os movimentos secretos impressos pela Trindade em sua alma, marcados por lágrimas, devoções e muitas consolações, durante a oração pessoal ou participando das Missas. “Eu não via as Pessoas distintamente, mas sentia como numa luminosa claridade a única essência. Ela me atraía todo a seu amor” (DE 99). Realça também a decisão por viver a pobreza como norma de vida da Companhia que “tira maiores forças espirituais e maior devoção imitando e contemplando o Filho da Virgem, nosso Criador e Senhor, tão pobre e no meio de tantas adversidades”. Para Inácio “não querer nada garantido confunde melhor toda a avareza humana” (DE 38r)¹³.

¹⁰ Expressão usada por Inácio em sua *Autobiografia* para definir seu permanente estado de caminhante incansável e buscador da vontade divina.

¹¹ BINGEMER, 1990, p. 22.

¹² Nome da Congregação fundada por Inácio de Loyola e seus companheiros. Em latim escreve-se *Societas Iesu*, cuja sigla é SJ, colocada no final do nome de todos os seus membros. Foi reconhecida em 27 de setembro de 1540, por Paulo III, na Carta Apostólica *Regimini militantes Ecclesiae* e confirmada por Júlio III em 21 de julho de 1550, na Carta Apostólica *Exposcit debitum*.

¹³ Para todas as citações do *Diário Espiritual* foi usada a obra em português: LOYOLA, Inácio. *Diário espiritual*. Tradução: R. Paiva, SJ. São Paulo: Loyola, 2008.

No *Epistolário*, que contém cartas e instruções, o leitor tem “acesso à riqueza espiritual deste grande inspirador de homens e mulheres no seguimento de Cristo e no serviço evangélico do Reino de Deus” (CE, p. 7)¹⁴, mostrando assim o jeito inaciano de viver e ser contemplativo na ação. Deixa transparecer a personalidade de Inácio e seu modo de agir. Sustenta a importância de escrever cartas como meio de reforçar a unidade entre os membros do corpo apostólico da Companhia¹⁵. Há também todo um universo de pessoas para as quais escreve, importantes personagens, almas aflitas, gente influente nas mais diversas situações.

A *Autobiografia*, aqui revisitada no primeiro capítulo, não foi escrita, mas narrada por ele a pedido de seus companheiros, que desejavam saber da história da sua vida “pelo grande bem que disso resultaria para toda a Companhia de Jesus” (Aut. p. 5)¹⁶. Pe. Luís Gonçalves da Câmara foi o escolhido para percorrer junto com Inácio os caminhos de sua conversão. Era possuidor de uma memória extraordinária e escrevia em seu quarto tudo que ouvia da libertadora experiência vivida por esse homem, que se entregou sem reservas ao Amor.

Da escrita dos Exercícios à fundação da Companhia, Inácio deixa um legado inestimável à Igreja e ao mundo que a circunda. Essa riqueza atravessa cinco séculos de história e marca pessoas em todos os cantos da Terra, que com coragem e determinação entram na dinâmica dos Exercícios, dispostos a trilhar um caminho de encontro, em que a intimidade construída com o Senhor suscita o desejo sincero de unir oração e práxis. A universalidade desse carisma é expressa nos documentos fundacionais, cujo desejo é “ir de um lugar ao outro e viver em qualquer parte do mundo onde se espera maior serviço de Deus e bem do próximo”¹⁷.

Todavia, esse ideal missionário que enfrenta desafios e anuncia uma Boa-Nova apaixonante, impulsionando uma entrega total ao apostolado, sofre grandes perseguições, tanto Inácio, que responde alguns processos em sua caminhada de fé, quanto a Companhia que foi extinta em todo o mundo, com exceção da Rússia de Catarina II. Um dos fatos mais tristes da história¹⁸, que cala a voz de seus membros por muito tempo e provoca grandes sofrimentos.

¹⁴ Esta citação encontra-se na obra em português: LOYOLA, Inácio. *Cartas Escolhidas*. Tradução: R. Paiva, SJ. São Paulo: Loyola, 2007. Ao longo do trabalho serão utilizadas também citações das *Cartas* tiradas da obra de Ignacio IPARRAGUIRRE em espanhol, com tradução nossa.

¹⁵ LOYOLA, Inácio. *Cartas Escolhidas*. Tradução: R. Paiva, SJ. São Paulo: Loyola, 2007, p. 19.

¹⁶ As citações da *Autobiografia* usadas neste trabalho foram retiradas da edição em português: LOYOLA, Inácio. *Autobiografia de Inácio de Loyola*. Tradução e notas: Pe. Armando Cardoso, SJ. São Paulo: Loyola, 5ª ed., 1997.

¹⁷ BINGEMER, Maria Clara; NEUTZLING, Inácio; MAC DOWELL, João (orgs). *A globalização e os jesuítas: origens, história e impactos*. Anais. São Paulo: Loyola, vol. 1, 2007, p.14.

¹⁸ A Companhia foi extinta em 1773 por Clemente XIV em seu Breve *Dominus ac Redemptor*. Pode ser consultado o site www.bicentenariosj.com.br para maiores informações. O tema é abordado no nº 95 da ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana, março/2014; Cf. AGÚNDEZ, Urbano Valero. *Supresión y restauración de la Compañía de Jesús (Documentos)*. Coleção Manresa 52.

No entanto, sua *restauração*¹⁹ abre as portas novamente a esses missionários incansáveis e atentos à ordem que Jesus Ressuscitado deixa aos seus amados discípulos: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

Em todos os lugares onde há uma obra da Companhia, muito decisiva tem sido sua contribuição em diversos campos da sociedade. Na educação, espiritualidade, artes, arquitetura, música, matemática, astronomia, física. Na reflexão teológica e filosófica, na colaboração com a investigação científica, na consolidação da cultura humanista, no “desenvolvimento e cultivo da inteligência”²⁰. E ainda na abertura da consciência para a realização do *Magis*²¹, tendo em vista as grandes transformações a serem efetuadas nas mais diversas realidades.

O apostolado nascido da oração de Inácio, gera dentre os seus filhos espirituais, o Papa Francisco, homem formado na espiritualidade do amor e do serviço, que ocupando o lugar mais alto na hierarquia da Igreja, não deixa que as algemas do poder o encarcerem em uma burocracia extenuante e muito menos numa visão principesca de si mesmo, mas revela em cada gesto, sorriso, posturas, seu amor imenso a Jesus Cristo e ao rebanho que lhe foi confiado. Suas atitudes revelam a transparência de quem encontrou-se verdadeiramente com Deus.

Ele defende os que sofrem à margem do sistema capitalista, produtor da “economia da exclusão e da desigualdade social”, e denuncia a cruel competitividade que transforma o ser humano em descartável, *bem de consumo*, excluído da sociedade, morrendo à míngua, faminto, enquanto toneladas de alimento se destinam ao lixo todos os dias. O cenário mundial que mostra a face horrível de uma cultura de morte firmada numa *globalização da indiferença*, que anestesia corações, impedindo-os de se compadecerem das dores alheias (EG 53-54).

Francisco envolve-se com questões seríssimas dentro e fora da Igreja, mostrando a solidez da sua fé, extraída da experiência pessoal do amor de Deus que ele tão bem comunica a todos. Sua fecunda liberdade interior o faz romper barreiras e ir além dos grandes muros que ainda insistem em fechar a vida eclesial. Chama a atenção dessa pós-modernidade – refém do individualismo –, a ultrapassar as barreiras do egoísmo e comunicar o amor buscando em tudo, o bem do próximo.

¹⁹ Acontecida em 7 de agosto de 1814, por Pio VII em sua Bula *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum*. “Três fatores aceleraram sua restauração: a abolição da monarquia francesa, promovendo o retorno dos jesuítas aos seus domínios; a mudança gradual de posição de Pio VI, que passou de uma cautelosa e tímida aprovação a um desejo claro do restabelecimento da Companhia e a firme determinação de restaurá-la do seu sucessor Pio VII, eleito em 1800”. Cf. CODINA, Victor. *A restauração da Companhia (1814), reflexões e questionamentos*. ITAICI- Revista de Espiritualidade Inaciana 95, 2014, p. 33.

²⁰ BINGEMER et al., 2007, p.14.

²¹ Palavra de origem latina significa o mais, o melhor. Inácio a utilizou para dizer que é possível avançar em tudo que se faz em busca de um bem maior. No site www.magis2013.com, está sua história e proposta de trabalho.

Somente graças a esse encontro – ou reencontro – com o Amor de Deus, que se converte em amizade feliz é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos quando somos mais que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Se alguém acolheu esse amor que lhe devolve o sentido da vida, como pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros? (EG 8).

Esse apanhado do conjunto da obra de Inácio de Loyola é feito com o intuito de dar uma visão geral do que a oração desencadeou na sua consciência missionária, e o que disso resultou em benefícios concretos para a comunidade de fé e a sociedade. Ele não é um pensador que sistematizou uma teologia e suas obras são estudadas na Academia. Por isso, ao longo desta dissertação, não será feita uma reflexão sistemática sobre seus escritos ou uma historiografia, mostrando contexto social, político e cultural em que viveu, nem apresentar os grandes feitos ou a história da Companhia, muito menos uma aproximação psicológica da sua pessoa, mas sim, uma abordagem do caminho mistagógico percorrido por ele, escrito de maneira simples e direta na *Autobiografia*, em cujo cerne há um retrato fiel de que o “amor é comunicação de ambas as partes” (EE 231).

Sua história parte do vazio de uma vida centrada em si mesma, destituída do sentido existencial transcendente, que é tocada pela presença transformadora de Jesus e chega progressivamente pela oração a uma conversão radical, experiência plena da comunicação de Deus em seu ser, que o leva a escrever o itinerário dos Exercícios Espirituais, a fincar raízes na história eclesial e a solidificar uma práxis do amor e do serviço. “A experiência desse amor havia libertado o cavaleiro Inácio de Loyola das glórias mundanas. Depois da sua conversão, Inácio amou e serviu a Deus e aos seus irmãos como discípulo de Jesus Cristo”²².

No primeiro capítulo está toda a travessia espiritual realizada por ele e os fundamentos dessa profunda experiência, em que a Palavra conduz a fé a uma experiência de encontro, a fé desperta a oração, a oração experimenta o amor e o amor gera a práxis. Esses elementos interligados contribuem de maneira efetiva com o propósito de redescobrir na Igreja a importância da integração entre oração e práxis, através do cultivo da interioridade, lugar teológico onde é possível estabelecer uma relação de amizade com Deus. Chave para o crescimento da espiritualidade, que não se contenta com o *muito saber*, mas sim, com o *saborear todas as coisas internamente* (EE 2).

²² BARREIRO, Álvaro. “*Conhecer, acolher e viver o amor de Deus: como orar a Contemplação para alcançar amor*. São Paulo: Loyola, 2011, p.74.

No segundo capítulo é feito um recorte dos Exercícios Espirituais privilegiando a “Contemplação para alcançar amor”, com a finalidade de comprovar seu papel determinante na compreensão do caminho trilhado, acentuar sua principal característica de ser ponte que conduz à vida cotidiana e provocar a reflexão sobre o amor a ser alcançado na oração, como essência da identidade cristã e centro da sua práxis²³. Para atingir tal meta é preciso adentrar na estrutura da oração de *contemplação*, perceber seus traços em todo o itinerário dos Exercícios e aprofundar os elementos essenciais, que articulados entre si, possibilitam um crescimento no conhecimento interno do Deus vivo para mais “amar e servir” (EE 233), alcançando em profundidade o amor ofertado por Ele desde o “Princípio e Fundamento” (EE 23). A resposta a esse amor é a livre entrega de si mesmo: “Tomai, Senhor, e recebei” (EE 234); o reconhecimento de que “Deus habita todas as criaturas” (EE 235); a certeza de que Ele chama a colaborar com Seu trabalho no mundo (EE 236); o despertar da consciência de que “todos os bens e dons descem do alto” (EE 237) enraizando-se na realidade, onde o desejo deve ser sempre o de “encontrar Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus” (CCJ 288).

No terceiro capítulo encontra-se o fruto da experiência do Amor na Contemplação: “consiste mais em obras do que em palavras” (EE 230), e requer o compromisso de colocar-se inteiramente a serviço da Igreja e do mundo, deixando-se mover pelo Espírito, escutando cotidianamente o chamado de Jesus Cristo, que exige *discernimento* das reais motivações que levam ao seguimento, *indiferença* frente às escolhas a serem feitas, almejando em tudo a liberdade interior, e *humildade* para servir por amor sem pretensões de honras e glórias. É uma contínua descoberta de que “quem ama dá e comunica o que tem ou pode a quem ama” (EE 231), ultrapassando barreiras institucionais e colocando os pés na História, onde o sofrimento humano encontra abrigo no coração do Redentor e pede *compaixão* com os pobres-crucificados, e a “Mãe Terra” geme em dores de parto nas mãos do Criador, implorando por *consciência e cuidado*.

A práxis cristã movida pelo amor é o único meio eficaz para despertar a humanidade do sono profundo que a empurra cada vez mais à uma desumanização destruidora, estimulando a sensibilidade a reconhecer que todo o universo está interligado pelo mesmo fio do Amor altruísta que deseja apenas o bem em todas as suas dimensões. “Pelos seus frutos os reconheceréis” (Mt 7,16). Lavar os pés, devolver a dignidade a quem está excluído, mudar as estruturas, são gestos que só podem ter sentido para aquele que mergulha na oração e, na práxis, age em tudo, desejando unicamente “a maior glória de Deus” (EE 152).

²³ JEANROND, Werner G. *Teología del amor*. Santander: Sal Terrae, 2013, p. 49.

Precisamos identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida (EG 71).

Os três capítulos formam uma unidade. A experiência de Amor feita por Inácio de Loyola numa vida orante resulta em seguimento a Jesus Cristo e compromisso apostólico. O caminho trilhado por ele – embora pareça ultrapassado diante dos desafios de uma pós-modernidade centrada em si mesma –, possui uma riqueza inesgotável, pois nele é possível ver que o encontro com Deus é gerador da liberdade interior e se dá na vida concreta de homens e mulheres, com suas contradições e conflitos, esperanças e alegrias.

A oração transforma o âmago do ser, fazendo-o crescer na intimidade com o Senhor e o lança para fora de si mesmo em direção ao outro que se encontra na exterioridade, lugar onde deve transparecer a “imagem e semelhança” (cf. Gn, 1,26) do Deus-Amor, para depois voltar a essa Fonte que abastece e reanima a caminhada, impulsionando a recomeçar todos os dias. Por isso, a práxis cristã não tem raízes sólidas sem o amor que a sustente, e este, sem a práxis, perde a capacidade de crescer, estender seus ramos e abrigar o mundo com benevolência.

Que ninguém queira ser tido por hábil nem seja vaidoso da própria aparência, de ter bom senso, de falar bem. Olhe-se Cristo, que considerou tudo isso nada e que escolheu ser, por nossa causa, humilhado e desprezado pelos homens, mais do que ser honrado e considerado. [...]. Um dos pontos que devemos estabelecer com firmeza para sermos agradáveis a Deus será afastar de nós tudo o que nos possa separar do amor de nossos irmãos: trabalharemos para amá-los com uma caridade cordial, pois diz a soberana Verdade: *Por este sinal reconhecerão que vós sois meus* (1Jo 13,35) - (CE 18).

CAPÍTULO 1

“O AMOR É COMUNICAÇÃO DE AMBAS AS PARTES”

A comunicação do Deus Criador com a sua criatura é mistério insondável e grandioso, transformador da vida de tantos seres humanos que se deixam conduzir por suas mãos ao longo da História da Salvação. Ele é quem, “no seu imenso amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e conversa com eles (Br 3,38)” convidando-os à intimidade que os torna participantes da sua comunhão. Na pessoa de Jesus Cristo, a verdade dessa revelação manifesta-se inteiramente a toda a humanidade (DV 2).

Deus se dá a conhecer como o *Rei* que habita as profundezas do “castelo interior”, e ali, na mais íntima união, abre os tesouros da sua infinita bondade¹. Outras vezes é *Presença* viva que se mostra na face de um leproso e acorda a misericórdia de um homem através de um abraço². Também é *Força* arrebatadora que derruba por terra o obstinado, preso à Lei que não conhece a compaixão (cf. At 9,1-9). E ainda, é *Clareza* que reluz no mais íntimo do coração, expulsando as trevas e rompendo a surdez daquele que O busca fora de si mesmo³.

Comunica-se com cada ser humano de maneira surpreendente e única, respeitando limites, tempo e ritmo, história de vida e desejos. Nesse encontro, estabelece aliança e permite que a liberdade responda ao Seu toque numa reciprocidade verdadeira. Assim o fez com Teresa, Paulo, Agostinho, Francisco, Selito, Mariana, Edith, Martinho, Luciano, Helder, Doroty, Maurício, Zilda e tantos outros, santos ou não, os devidamente reconhecidos nos altares da Igreja, mas também os desconhecidos, que movidos pelo vento do Espírito, experimentam o Amor e tornam-se livres no encontro com Jesus Cristo, descobrindo a vocação à santidade – “Sede santos, porque eu Iahweh vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2; 1Pd 1,16) – inscrita no coração de cada batizado e sua dimensão missionária presente no cotidiano da vida. “A pessoa que fez a experiência do amor de Deus vê os seres humanos, todas as criaturas e os acontecimentos com os olhos do amor”⁴, por isso, nela não há mais espaço para o egoísmo que aprisiona e a intolerância que destrói.

¹ ÁVILA, Teresa. *Escritos de Teresa de Ávila*. São Paulo: Loyola; Higienópolis: Carmelitanas, 2001, p. 488.

² TEIXEIRA, Celso Márcio (org). *Fontes franciscanas e clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2004. Primeira de Celano, cap. VII, nº 7, p. 209.

³ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulinas, 1984, livro X, p.277.

⁴ BARREIRO, 2011, p.18.

Inácio também é um desses que foi marcado no fundo da alma pelo Amor. De servidor do rei, rapaz de bons modos, ambição e carisma tornou-se servidor do *Rei Eterno*⁵, o Senhor que mudou sua história e o fez atravessar gerações em todos os cantos da Terra, apontando caminhos possíveis de encontro entre o Criador e a criatura. Sua vida feita de intensa peregrinação em busca de achar a vontade divina e seu lugar no mundo, foi sendo lapidada com paciência pelas mãos do Pai.

Quando afirmo que tive uma experiência de Deus, não sinto a necessidade de apoiar esta afirmação em uma dissertação teológica [...], nem pretendo falar dos fenômenos que a acompanham: visões, símbolos e audições figurativas, nem do dom das lágrimas ou coisas semelhantes. A única coisa que digo é que experimentei a Deus, ao indizível e insondável, ao silencioso e contudo próximo, na tridimensionalidade de sua doação a mim. [...]. Era Deus mesmo que eu experimentei; não palavras humanas sobre Ele. Deus e a surpreendente liberdade que o caracteriza e que somente se pode experimentar em virtude de Sua iniciativa. [...]. E ainda que esta experiência constitua uma graça, isto não significa que, em princípio seja negada a ninguém⁶.

Experiência é processo dinâmico. Tem que ser vivida onde Deus quer se revelar e ser encontrado: na concretude da história humana, “situada no tempo e no espaço”, condicionada a fatores sociais, culturais, econômicos, religiosos. Ele encontra-se com a pessoa nos acontecimentos diários, nas realidades do mundo feitas de contrastes e discrepâncias. Revela-se no humano para recriar, descentrar e transformar em Cristo⁷.

Este capítulo percorre a estrada espiritual de Inácio de Loyola no passo a passo da sua *Autobiografia*, um “livro de viagem ao interior de si mesmo”⁸, sentindo as batidas do seu coração inquieto à procura de grandes feitos, vanglórias, conquistas e honras. Não é fácil para ele sair de si, do mundo dos ideais, das fantasias e dos sonhos para entrar no caminho da conversão gratuita, reconstruindo a vida sob outra perspectiva, com todas as rupturas cabíveis e inimagináveis, mas também com a esperança de que o novo que chega traga a certeza de quem ele é, e o conduza a uma integração de todo o seu ser. Mudar a direção só é possível quando Deus revela-se inesperadamente nas profundezas do coração e abre a porta da intimidade, deixando de ser o transcendente, absoluto, distante, para tornar-se o Pai, Criador, o Deus-Trino que é amor.

⁵ Expressão usada por Inácio na contemplação do Exercício do Reino [EE 91-100]. Será estudada no capítulo 3.

⁶ RAHNER, Karl. *Palavras de Inácio de Loyola a um jesuíta de hoje*. São Paulo: Loyola, 1978, p. 8-10.

⁷ PALÁCIO, Carlos. *Experiencia de Dios. Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 861.

⁸ ALDEA, Quintin (Ed.). *Ignacio de Loyola en la gran crisis del siglo XVI*. Congresso Internacional de História. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 11, 1991, p. 55. (Tradução nossa).

Cada experiência de conversão é sempre inspiradora para a vida cristã, uma vez que, em sua essência está o movimento do Espírito “que sopra onde quer” (Jo 3,8). A de Inácio tem como primeira e fundamental mediação Jesus Cristo, *Palavra Viva do Pai*, que plenifica de sentido todo o itinerário espiritual feito por ele. Sua vida interior é enriquecida pela constante mutação ao atravessar os vãos escuros da alma ferida e alcançar a claridade da luz divina. De uma margem à outra deixa-se modelar, passando do vazio de uma fé preceitual à experiência do encontro; da exterioridade dos grandes feitos à interioridade que descobre, na descida ao coração, o lugar sagrado da oração; dos combates internos que provocam aridez e desolações ao dom da graça que liberta e faz brotar a gratidão.

Ao fazer essa travessia interior chega a um profundo entendimento, compreendendo as verdades do espírito, da fé e das letras com *intensa claridade* (Aut. 30). Essa epifania desperta em seu coração sedento a vontade de ter apenas Deus como refúgio, lançando-o num peregrinar incessante e sem descanso, movido pelo desejo ardente de *ajudar as almas* encontrarem sua liberdade dentro da liberdade divina. Cada sentimento, pensamento, moção e iluminação que perpassa seu íntimo depois da conversão, é anotado, revisto e proposto a quem deseja mergulhar na oração e “tirar de si as afeições desordenadas e depois de tirá-las, buscar e encontrar a vontade divina” (EE 1). Sua verdadeira *loucura por Cristo* (EE 167,3), está muito bem descrita na estrutura dos Exercícios Espirituais, como eixo provocador por onde passa toda “a História da Salvação, centrada em Cristo e orientada para o Pai, no Espírito”⁹.

Inácio experimenta a ruptura com o velho homem e a conscientização da liberdade do novo homem, em Jesus. Os fundamentos dessa experiência são determinantes para a compreensão do seu crescimento espiritual, pois estão bem ancorados na Palavra que ilumina a fé, na fé que provoca a oração, na oração que encontra o amor e no amor que dá coerência à práxis. Tal experiência é o farol que ilumina este trabalho, com o propósito de refletir sobre a importância de redescobrir na Igreja o caminho de integração entre oração e práxis, através do cultivo incessante da interioridade, lugar teológico do encontro, onde é possível estabelecer uma relação de amizade com o Deus-Amor e aprender com ele a dialogar no silêncio da oração que se abre à escuta e à palavra a ser dita; crescer no autoconhecimento, na liberdade interior e no entendimento de que “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas internamente” (EE 2).

⁹ PALAORO, Adroaldo. *A experiência espiritual de Santo Inácio e a dinâmica interna dos exercícios*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 61.

1 A TRAVESSIA INTERIOR

O itinerário de cada ser até Deus e com Deus é único e imprevisível, como única e imprevisível é sua vocação e seu amor, que não se fatiga e nem se cansa, não se repete. [...]. Ele o conduz por caminhos frequentemente secretos, perfeitamente inesperados, cria pistas em pleno deserto, ali onde ninguém poderia imaginar que fosse possível a existência¹⁰.

Toda travessia espiritual tem seu ponto de partida na iniciativa de Deus de comunicar-se ao coração humano. Supõe o movimento de sair de uma margem exterior, da “estabilidade” que ela traz, e seguir em direção ao mais íntimo de si mesmo, à outra margem, num processo que exige *abertura* ao novo que surge e traz consigo inquietações e esperanças; *disponibilidade* para voltar à fonte, recuperando “o frescor original do Evangelho” (EG 11); *ouvidos atentos* às mudanças que são desencadeadas e forjam aos poucos o discernimento; *ousadia* para enfrentar as intempéries que ameaçam o caminhar. O chão desse caminho é a experiência de fé.

A travessia de Inácio “é uma aventura que nasce do chamado misterioso de Deus”¹¹ e encontra eco na sua resposta determinada. Ele é tocado pelo Espírito, que o impulsiona a mudar de rumo, sair daquele pequeno mundo e ir mais fundo, mais intensamente, chegando à experiência de conversão. Lança-se com uma coragem incomum nessa descoberta, partindo do vazio de uma vida inteiramente voltada para si mesma, procurando incansavelmente realizar grandes sonhos a um encontro transformador com Jesus de Nazaré. Com Ele, atravessa as grandes tempestades que deixam barcos à deriva no mar revolto e retiram toda segurança que supostamente possa ser colocada fora de Deus; suporta os fortes vendavais, ameaçadores e frios que fazem cair por terra vaidades e ilusões; enfrenta as brutais torrentes que arrastam o que encontram pela frente e dissolvem as incoerências que lhe ferem a alma, apontando-lhe a estrada da liberdade.

Muitos são os processos que constituem essa travessia, e por isso a tornam incrivelmente humana, porque é feita de limites, fragilidades, tensões e não se define como uma experiência avassaladora e mística que o toma por inteiro e de uma só vez e ele nunca mais é o mesmo. Pelo contrário, é feita de desordens interiores que levam tempo para serem ordenadas, feridas que necessitam de bálsamo, inteligência que anseia pela luz, escrúpulos transformados em algemas que pedem para serem quebradas.

¹⁰ SALVADOR, Federico Ruiz. *Compêndio de Teologia Espiritual*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 456.

¹¹ IDÍGORAS, José Ignacio Tellechea. *Inácio de Loyola, a aventura de um cristão*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 7.

Cada fase do processo é percorrida com intensidade e bravura pelo valoroso soldado. Não desiste, não volta atrás, não se cansa de querer chegar à plenitude em Deus. Mas precisa caminhar, enfrentar os medos, o voluntarismo, a teimosia. Na primeira fase, três momentos são essenciais para compreender que seu caminhar assemelha-se ao de qualquer cristão que se dispõe a responder à iniciativa divina, pois envolve afetos, pensamentos, pobreza interior, cegueira, surdez.

No primeiro momento o acento recai sobre a fé como condição de possibilidade de um encontro com Jesus Cristo, princípio de mudança. No segundo momento, na dimensão antropológica do ser que passa da exterioridade para a interioridade, descendo ao coração, fonte de onde brota a oração. No terceiro momento, na descoberta dos combates espirituais que ele enfrenta ao se dispor estar a sós com o Amado, e a atuação da graça que o faz reconhecer, com gratidão, sua impotência diante da existência do mal, mostrando-lhe a grandiosa força que há no discernimento. Esses três movimentos iniciais de purificação são o fundamento sobre o qual é construída a vida espiritual de Inácio, que atravessa noites escuras e dias cinzentos, até chegar à iluminação do entendimento e compreensão das verdades eternas (Aut. 30).

“Mestre, onde vives?” (Jo 1,38), onde te encontramos de maneira adequada para “abrir um autêntico processo de conversão, comunhão e solidariedade?” Quais são os lugares, as pessoas, os dons que nos falam de ti, que nos colocam em comunhão contigo e nos permitem ser discípulos e missionários teus? (DA 245).

1.1 Do vazio à conversão

O Espírito Santo em Pentecostes revela a face do Ressuscitado à humanidade e a conduz ao Senhor, fazendo brotar a fé como centro da existência cristã¹². Esse acontecimento histórico revela ao mundo o Cristianismo, que em sua essência primeira, leva o cristão, a partir do batismo, a percorrer um caminho de conhecimento para dentro do mistério, encontro pessoal com Jesus Cristo que, em sua morte e ressurreição, dá a todos vida e filiação divina¹³. Ele é a “razão de ser, origem do agir, motivo do pensar e sentir” (DGAE 4) de todos os que creem e professam sua fé na Santíssima Trindade, comunidade de amor. “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DA 243).

¹² GUARDINI, Romano. *A vida da fé*. Lisboa: Editorial Aster, Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1957, p. 22.

¹³ SOUSA, Sandra Regina; PULIER, Tania Ferreira. *Creio na Alegria: caminho da fé cristã nos passos do Credo*. Livro do Catequista. São Paulo: Paulus, vol. 1, 2011, p. 13.

Esse encontro com Jesus tem na Catequese seu ponto de partida e pedra fundamental para o erguimento de uma sólida construção na vida cristã. Ela é a grande responsável por transmitir a riqueza da fé, “que precisa ser *conhecida, celebrada, vivida e cultivada* na oração” (DNC 53). Tal experiência é capaz de mudar vidas e fazer discípulos missionários a exemplo do Verbo de Deus, grande missionário do Pai (cf. Jo 20,21).

Todavia, ao longo da história, a catequese sofre modificações em seu centro vital. Deixa de proporcionar a experiência fundante e inspiradora dos primeiros séculos e faz uma imersão na cristandade, ligando-se ao poder civil com tanta força, que transforma a educação da fé simplesmente numa participação na vida social, na qual toda a sociedade vive em um ambiente inteiramente cristão (CR 8-9), onde não é mais possível encontrar-se com o mistério.

A partir do século XV, ela usa *formulações doutrinárias* para diluir possíveis mal-entendidos causados pela reforma protestante, valorizando somente o aprendizado individual, sem traços de ligação com a comunidade cristã (CR 10-13). Há uma brusca ruptura entre fé e vida, e a iniciação cristã passa por significativas mudanças, responsáveis pelo deslocamento de um modelo experiencial de fé para uma catequese apenas doutrinal (DNC 13), resultando num cumprimento de preceitos vazios do sentido existencial, que deixa ainda mais distante a possibilidade do encontro com o Jesus dos Evangelhos.

Do século XX até os dias de hoje, graças a efervescência dos diversos movimentos que surgiram na Igreja: *bíblico, patrístico, litúrgico e querigmático*, proporcionando uma “revalorização da Bíblia, da Liturgia e do anúncio de Jesus Cristo”, da abertura inspiradora do Concílio Vaticano II, e tantas outras mudanças ocorridas na história, a catequese inaugura um tempo novo de conscientização da importância de uma fé sólida, que leve o cristão a uma verdadeira conversão e compromisso com as transformações sociais, evidenciando a importância de uma permanente ação evangelizadora, que seja porta-voz dessa experiência do encontro com Deus que se revela na realidade humana (CR 14-29).

A caminhada de fé feita por Inácio de Loyola até sua juventude, no fim da Idade Média, expressa em suas posturas e ideais o vazio do não encontro com Cristo, sendo ele mesmo que se descreve como um “homem entregue às vaidades do mundo”, vivendo entre o sagrado e o profano sem culpa ou medo (Aut. 1). Porém, as grandes provações que a vida lhe traz, o colocam frente a frente com a Palavra (Aut. 5-6), e o fazem chegar à real experiência de encontrar-se afetivamente com Jesus, impulsionando-o a colocar os pés no caminho exigente e provocativo do seguimento. Sua primeira travessia parte do vazio existencial e chega gradualmente à uma conversão.

Assim, a mudança de perspectiva da fé doutrinal, “como sistema de crenças que o crente assume, *fides quae creditur*”, para a experiencial “como assentimento à revelação, virtude teologal, *fides qua creditur*”¹⁴, é a primeira etapa do caminho de purificação de Inácio e permite ampliar os horizontes, indo além do que a catequese do seu tempo propunha aos cristãos. A grande novidade agora é que essa fé, “centelha que se expande em viva chama” (LF 4), dilata sua existência e o conduz à um crescimento espiritual que acende o desejo, ainda tímido, de seguimento.

A fé, enquanto ligada à conversão, é o contrário da idolatria: é separação dos ídolos para voltar ao Deus vivo, através de um encontro pessoal. Acreditar significa confiar-se a um amor misericordioso que sempre acolhe e perdoa, que sustenta e guia a existência. Consiste na disponibilidade para deixar-se incessantemente transformar pela chamada de Deus (LF 13).

1.1.1 O vazio do não encontro

Na realidade de Igreja do século XVI, em que a educação na fé não é marcada pela experiência de um encontro verdadeiro com Jesus Cristo, nasce Iñigo¹⁵ López de Loyola, junto com os primeiros raios da modernidade em 1491¹⁶, no castelo de Loyola, na Espanha¹⁷. Sua história, como tantas outras do seu tempo, reflete o cristão comum enraizado em concepções religiosas próprias do final da Idade Média, porém marcadas por inspirações bastante profanas, em cujo centro triunfam os grandes ideais cavaleirescos, que povoam a imaginação dos jovens em busca de grandes proezas e conquistas.

Recebe a fé doutrinal e no esboço biográfico de Pe. Polanco¹⁸, ele assim define sua vivência nela: “Embora se mantivesse preso à fé, ele não vivia a fé, tampouco se guardava contra o pecado; pelo contrário, entregava-se sobretudo aos jogos de azar, às aventuras de galanteio, às querelas e às proezas militares”¹⁹. Sua vida é assinalada por uma tibieza espiritual em que a oração se faz ausente, mas a devoção aos Santos e à Virgem Maria é imensurável, acompanhando-o por toda a sua vida e descrita nos *Exercícios* e no *Diário Espiritual*.

¹⁴ CÁATALA, Vicent. Fe. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 872.

¹⁵ De origem germânica, significa “íntimo”. A partir de 1535, em Paris muda para Inácio, provavelmente por ter grande devoção a santo Inácio de Antioquia, referindo-se a isto em uma carta escrita a São Francisco de Borja.

¹⁶ Inácio de Loyola faleceu em 31 de julho de 1556 e foi canonizado em 12 de março de 1622.

¹⁷ CACHO, Ignacio. Ignacio de Loyola. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 975.

¹⁸ Pe. João de Polanco, espanhol, nascido em Burgos em 1516, entrou na Companhia em 1541. Foi secretário na Companhia, nomeado por Inácio de 1547 a 1573. Escreveu a vida de Pe. Inácio e a História da Companhia.

¹⁹ LETURIA, Pedro. *El gentilhomme Iñigo López de Loyola*. Barcelona: Editorial Labor, S.A, 1949, p. 59.

Entregue às vaidades e apaixonado por armas, o buscador incansável de honras e glórias almeja somente gozar o prestígio de um soldado. Munido de grande obstinação, dá asas às suas ambições desmedidas com habilidade, coragem e ardor²⁰. No entanto, os sonhos caem por terra ao ser ferido numa batalha em Pamplona. Tiros de artilharia o atingem, quebrando uma perna e deixando a outra bastante debilitada. É levado de volta à sua terra para ser cuidado pelos familiares e sofre duras provações durante o tempo de recuperação, suportando dores terríveis com resignada paciência e profundo silêncio (Aut. 1-2).

A morte chega bem perto e quase afasta a esperança do horizonte da vida. “Recebeu os sacramentos, na véspera de São Pedro, de quem é muito devoto, e São Paulo. Diziam os médicos que se até meia-noite não sentisse melhora, podia considerar-se morto” (Aut. 3). Porém, nosso Senhor age em seu favor naquela noite de espera, e o desejo desmedido desse homem o faz atravessar a escuridão e chegar do outro lado, fora do perigo de morte, ainda disposto a sofrer um pouco mais em nome da vaidade que o impulsiona a querer seguir o mundo (Aut. 4).

Em seu espírito cavalheiresco, o mundo é para Inácio o lugar dos deleites, das grandes aspirações, das incontáveis façanhas, dos desejos por realizarem-se. A fértil imaginação o leva a terras desconhecidas como um dom Quixote em busca de sua amada Dulcineia²¹ ou um valoroso soldado disposto a dar a vida para ganhar a batalha, em cuja personalidade existe uma imensa força de vontade e obstinação (Aut. 6). Não se interessa pelos assuntos de fé e pratica “um catolicismo cultural e sociologicamente aceitável no seu mundo cortesão”²², no entanto, era possível ver nele que Deus o havia feito para realizar grandes coisas²³. Esse Deus que despedaça e recompõe para criar um coração novo; fere e cura para suscitar desejos maiores diante da vida; desperta e impulsiona a alçar voos mais altos.

Não resistiria aos embates do tempo uma fé católica reduzida a um elenco de normas e proibições, práticas de devoção fragmentadas, adesões parciais das verdades de fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos que não convertem a vida dos batizados. Nossa maior ameaça é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade, a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez. A todos nos toca recomeçar a partir de Cristo (DA 12).

²⁰ STIERLI, Josef. *Buscar a Deus em todas as coisas*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 12.

²¹ CERVANTES, Miguel. *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.33.

²² AZEVEDO, Ferdinando. *Uma mística do serviço: as inspirações trinitárias na espiritualidade inaciana*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 18, 1994, p. 34.

²³ LETURIA, 1949, p. 148.

1.1.2 O encontro com a Palavra

“Nosso Senhor Jesus Cristo ocupa objetiva e vitalmente o centro, tanto na vida como na teologia espiritual. Deus o pôs como pedra angular da história salvífica e de toda a criação”²⁴. Ele é o coração da experiência cristã e eixo em torno do qual gira seu Corpo Místico, a Igreja, envolvida nesse mistério inefável de amor: “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4,4-5). Fez-se homem para revelar que a vida humana é o lugar *sagrado* onde Deus se dá a conhecer, podendo ser buscado e experimentado²⁵ por cada um de seus filhos e filhas na vida diária com suas lutas, dores, incertezas e aprendizado.

“Ele é a palavra inesgotável de Deus” e quanto mais os seres humanos dela se aproximam, mais se abrem os horizontes e novas e surpreendentes mudanças acontecem²⁶. É explícito em sua pessoa um novo jeito de olhar o mundo, de provocar polêmicas, de romper com esquemas, de não ser compatível com poderes opressores e discursos bem-elaborados distantes da experiência; de endereçar a cada pessoa a mesma e provocadora pergunta: “E vós quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15). Dizer quem ele é exige bem mais que os conceitos que a linguagem estrutura e o pensamento assimila. É preciso encontrar-se com Ele na profundidade do ser e conhecê-lo em sua infinita riqueza.

Temos tudo em Cristo [...]. Se queres curar tua ferida, ele é o médico. Se ardes em febre, ele é a fonte. Se precisas de socorro, ele é a força. Se temes a morte, ele é a vida. Se foges das trevas, ele é a luz. Se tens fome, ele é o alimento²⁷.

Inácio encontra-se com Ele em meio a remédios e unguentos, num martírio de longos dias, através da leitura, que a princípio é apenas para distração. Interessam-lhe as aventuras de cavalarias, os atos heroicos carregados de fantasias a povoar sua imaginação, mas na casa do irmão Martín não acha outra coisa para ler senão um livro da vida dos Santos, o *Flos Sanctorum* de Jacob de Varazze e a *Vita Christi* de Ludolfo de Saxônia²⁸ (Aut. 5).

²⁴ SALVADOR, 1996, p. 87.

²⁵ PALÁCIO, Carlos. *Mistérios de Cristo – mistério do cristão*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 35.

²⁶ BUELTA, 2007, p. 77.

²⁷ CLEMENT, Olivier. *Fontes. Os místicos cristãos dos primeiros séculos*. Textos e comentários. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2003, p. 54.

²⁸ Cf. CARTUSIANO, Ludolfo. *O livro da Vita Christi: em linguagem portuguesa*. Casa de Rui Barbosa, 1957. Coleção de textos de língua portuguesa arcaica; GARCÍA MATEO, Rogelio. *Flos Sanctorum. Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 886-887.

Assim, começa a ser sensibilizado em seu vazio existencial pelo Homem de Nazaré, que pela palavra, penetra aos poucos esse coração agitado por ventos contrários. De um lado, o encantamento pela mulher que lhe rouba os pensamentos e provoca ânsias de conquista. De outro lado, o mergulho nas histórias da vida dos santos e nas maravilhas que realizaram por amor a nosso Senhor Jesus Cristo, suscita-lhe o desejo de fazer o mesmo que eles: “E se eu realizasse isso que fez São Francisco? E isto que fez São Domingos?” (Aut. 6-7). O determinado Inácio acredita ser capaz de empreender as proezas que outros fizeram e coisas ainda maiores.

Em meio ao turbilhão que começa a viver, passa a observar a si mesmo e percebe a diversidade de pensamentos que o agitam, pois quando se imagina fazendo grandes feitos mundanos, sente prazer, mas logo em seguida acha-se insatisfeito. Ao passo que pensando em ir descalço até Jerusalém, comer só verduras e fazer penitências como os santos, sente-se feliz e tal sentimento é duradouro. Desses movimentos internos surge aos poucos a percepção da “diversidade dos espíritos que o moviam, um do demônio e outro de Deus” (Aut. 8). Tal percepção cresce no seu caminho de conversão e transforma-se em *discernimento*, que “torna-se um exercício diário”²⁹ e o ajuda a decidir qual a “melhor maneira de agir e de viver a fé no mundo real e concreto”³⁰, sendo esta uma das grandes marcas da sua espiritualidade e instrumento preciosíssimo para o crescimento espiritual.

A conversão chega devagar ao seu coração, ainda sem certezas, sem formas definidas, sem clareza no entendimento, misturada a um exacerbado e aventureiro voluntarismo, que crê depender tudo de si mesmo. Ao mesmo tempo, a grande novidade o faz crescer num “ânimo generoso, aceso do amor de Deus” (Aut. 9), levando-o a uma gradual reconstrução da vida sob outro fundamento, tendo o Espírito Santo como guia e Jesus Cristo como Senhor, deixando para traz, pouco a pouco, os grotescos desejos de poder, nobreza e posição social.

Os ventos agora sopram em uma única direção e abrandam seu indomável espírito nesse encontro marcante com Cristo. Alimenta “santos desejos quando uma visita do céu” os confirma ao ver claramente a “imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus”. É consolado e rompe definitivamente com todo pecado vivido antes de ser tocado pela graça, visto que, “ficou com tanto asco de toda a vida passada, que parecia terem-lhe tirado da alma todas as imagens [...] e nunca mais teve nem um mínimo consentimento em matéria carnal” (Aut. 10).

²⁹ LIBANIO, João Batista. *O discernimento espiritual revisitado*. São Paulo: Loyola, 2ª ed., 2005, p. 17.

³⁰ MARTIN, James. *A sabedoria dos jesuítas para (quase) tudo*. Espiritualidade para a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Sextante, 2010, p. 263.

Já é possível perceber a ação benéfica de Deus nessa cega criatura e nobre cavaleiro, que se dobra diante da iniciativa divina e se entrega à irrupção de uma luz interior que o faz descobrir o vazio e o abismo sob seus pés, justamente porque lhe mostra o caminho do Absoluto³¹.

A teologia há de guardar a natureza de sua raiz: a fé. Ora, a fé cristã é uma relação de tu a Tu; uma relação que muda a pessoa. Ela é, antes de tudo, não um saber e nem mesmo um agir, mas exatamente um novo modo de existir: viver em Cristo, estar no amor de Deus, caminhar no Espírito. É, pois, a partir desse ser novo, dessa vida nova, desse coração novo, que se dá também um novo entendimento e em seguida uma nova prática. Assim a razão teológica é uma razão convertida, iluminada e transfigurada pelo contato vivo com o Deus vivo³².

1.2 Da exterioridade à interioridade

“A realidade humana é paradoxal: aberta para o transcendente-infinito e ligada à realidade imediata-finita, criatura contingente”³³; exterioridade e interioridade. Dois movimentos presentes e atuantes na dimensão corpórea, onde a criatura criada por Deus vive a complexidade do ser. “A visão cristã do corpo humano vem da crença do dogma da encarnação do Verbo de Deus em nossa carne mortal, através da mulher Maria”³⁴. A tomada de consciência deste fato valoriza a constituição do corpo em seus diversos aspectos. Nele, Jesus se faz homem, sente, experimenta, chora, sofre as mais profundas dores e se relaciona intimamente com o Pai. Embora sendo de constituição divina, sua corporeidade é em tudo semelhante a todos. E a fórmula cristológica do Concílio de Calcedônia aborda com clareza a distinção (sem confusão, sem mudança) e a unidade (sem divisão, sem separação) das suas duas naturezas³⁵.

Confesse que um só e o mesmo Filho, o Senhor nosso Jesus Cristo, perfeito na sua divindade e perfeito na sua humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, composto de alma racional e de corpo, consubstancial ao Pai segundo a divindade e consubstancial a nós segundo a humanidade, semelhante em tudo a nós, menos no pecado (*cf. Hb 4,15*). (DH 301-302).

³¹ IDÍGORAS, J. Ignacio T. *Ignácio de Loyola: solo y a pie*. Madrid: Cristiandad, 1987, p. 99.

³² BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 28-29.

³³ BOLZAN, Maria. *A experiência inaciana, tempo de libertação e integração*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 1, 1988, p. 11.

³⁴ LEPARGNEUR, Hubert. *Consciência, corpo e mente*. São Paulo: Papirus, 1994, p. 219.

³⁵ GRILLMEIER, Alois. *Cristo en la tradicion Cristiana: desde el tempo apostólico hasta el Concílio de Calcedônia (451)*. Salamanca: Edições Sigueme, 1997, p. 828-829

A manifestação de Jesus na carne revela ao mundo um componente antropológico no centro da sua identidade. Seu rosto humano mostra de forma integrada que o corpo unifica-se na interioridade, lugar em que experimenta sua divinização no encontro com Deus, e comunica-se na exterioridade, tornando-se canal de contato com a realidade externa, onde é possível viver a experiência de ser autêntico e único, consciente de possuir um potencial de abertura significativo à sensibilidade.

Inácio ao ser interpelado pela vida de Jesus Cristo, depois de sofrer tão grandes dores em nome da vaidade, mostra no corpo, os primeiros sinais de mudanças neste novo caminho, já visíveis até para aqueles que estão ao seu redor: “foram conhecendo pelo exterior a mudança que se opera em sua alma interiormente” (Aut. 10). Ele empreende no corpo uma passagem gradativa da exterioridade, onde ainda se agitam pensamentos confusos e o autocentramento, para a interioridade, a um nível mais profundo, em que é necessário escavar o coração em suas dimensões nunca dantes exploradas. “A ele nada importava que os outros notassem, mas perseverava em sua leitura e em seus bons propósitos. O tempo, em que conversava com os de casa, gastava-o em assuntos de Deus” (Aut. 11).

A partir desses movimentos internos e externos, reconhece o valor do corpo no caminho dos Exercícios Espirituais “para favorecer a sua disposição à oração, discernir o que lhe sucede e responder ao encontro com Deus”³⁶. Aprende a dar importância à antropologia do ser humano em oração, que necessita de condições favoráveis para a integração: com o ambiente que expresse o tema rezado (EE 79); o lugar mais propício (EE 20); as condições físicas que precisam ser respeitadas (EE 129); a posição corporal durante a oração (EE 76). “Porque Deus não se manifesta só à inteligência ou à razão, mas à pessoa que é espírito no corpo, espírito encarnado”³⁷.

Eu desejaria vivamente que gravásseis em vosso espírito que vossa pessoa e vosso corpo pertencem ao vosso Criador e Senhor. Assim não podeis debilitar a natureza corporal, cujo enfraquecimento não permitiria mais à natureza interior exercer suas atividades. Devemos, na verdade, amar e cuidar do corpo na medida em que ele obedece à alma (CE 25).

O corpo é condição de possibilidade de descer ao coração em busca da Fonte, onde há um lugar propício para o enraizamento da oração. Passar da exterioridade à interioridade é agora uma das exigências impostas a Inácio neste seu caminho de conversão.

³⁶ DOMÍNGUEZ, Luís Maria Garcia. *Cuerpo. Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, 2007, p. 531.

³⁷ PALÁCIO, 2013, p. 51.

1.2.1 Descer ao coração

“Não vá fora, volte-se para dentro de si mesmo, pois no homem interior mora a verdade”³⁸. O coração tem sido ao longo da Tradição bíblica (*Leb* no hebreu) e da patrística (*Kardía* no grego) a sede profunda do verdadeiro conhecimento. Descer até ele e permitir que Deus o ocupe plenamente, só é possível quando há o esvaziamento total de si, a *Kénosis* salvífica que expulsa o ego e escava o espaço mais íntimo, onde habita o *mistério trinitário*³⁹.

Ir ao encontro desse mistério é agora o horizonte existencial de Inácio. Os livros que lê sobre a “vida de Cristo e dos Santos”, mexem tanto com seus pensamentos que ele retira deles o que acha mais bonito. “Traçava as palavras de Cristo, com tinta vermelha; e as de Nossa Senhora com tinta azul”. Seu coração agora mais sensível sente grande consolação por contemplar o céu em noites estreladas, vendo brotar em si o chamado de servir ao Senhor, “pensava muitas vezes em seu propósito, desejando ficar já de todo curado, para pôr-se a caminho” (Aut. 11).

Não se intimida diante do novo, não recua frente ao desconhecido, mesmo que este desperte o medo. Segue decididamente como se tudo dependesse dele e do determinado voluntarismo que o cega. Aprende a descer devagar e às apalpadelas até as profundezas do coração à procura da Fonte imensurável do amor. Tarefa bastante árdua para quem sabe quanto o seu mundo externo o provoca e seus pensamentos ainda vagueiam na exterioridade por entre devaneios.

A descida à interioridade dá início à sua vida de intimidade com Deus, em que descobre a importância do “conhecimento interno”⁴⁰, sendo a oração, chave que possibilita o acesso a esse tesouro escondido. É nela que acontece os grandes encontros e as transformações. Encontrar-se, encontrar o outro e encontrar o grande Outro é mistério à procura de tempo e paciência para germinar e crescer, silêncio e persistência para aprender a cultivar.

Coração. Lugar do discernimento. De deixar tudo e recomeçar. Lugar da experiência dilacerante da cruz, da rejeição, da indiferença, do sorriso torto, do pensamento silenciado. Lugar das descobertas mais profundas, das atitudes mais íntimas, da busca mais intensa. Lugar da vida, dos desejos, dos afetos, da liberdade! Morada do Pai!

³⁸ AGOSTINHO, Santo. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulus, nº 72, 2002, p. 98.

³⁹ MELLONI, Javier. *El conocimiento interno en la experiencia del Cardener*. Manresa 71, 1999, p. 6.

⁴⁰ Expressão usada por Inácio na petição da graça nos Exercícios Espirituais. Será aprofundada no cap. 2.

1.2.2 Primeiros passos na oração

O ser humano procura por Deus em todos os tempos, em qualquer lugar da terra, sob os mais diversos nomes. Tal procura inscreve-se por toda a parte na História das Religiões e deixa suas marcas nas centenas de livros, nos hieróglifos egípcios, nos desenhos antigos e em outras formas de expressão. Tudo remete à busca incessante de se ligar ao Transcendente. Da Idade da Pedra até os dias atuais, o centro da oração em todo o mundo é o Pai, o Criador, a Origem, a Harmonia, a Fonte de misericórdia e de perdão⁴¹. Há nesse reconhecimento do Absoluto a certeza de que o mistério do universo ultrapassa todo e qualquer conceito, e diante dele só cabe à criatura o olhar de admiração, a contemplação agradecida e o êxtase.

O lugar teológico onde o encontro entre criatura e Criador acha seu espaço para expandir por primeiro é na oração. Ela é a possibilidade infinita de comunicação e diálogo. É um gesto simples e profundo, que tem a função de invadir de luz o coração em trevas; de fortalecer os joelhos enfraquecidos; de curar as feridas causadas pelo desamor. É um ato de amor. Penetra e suaviza a existência humana. Nela há uma certeza de que a voz que clama será ouvida: “Por isso, vos digo: tudo o que pedirdes na oração, crede que já o recebestes, e vos será concedido” (Mc 1,24). “É uma conversação do espírito com Deus. Procura, então, o estado do qual necessita o espírito para poder ir ao encontro do seu Senhor, sem esmorecer, e conversar com ele sem qualquer intermediário”⁴².

Inácio, um pouco mais pacificado nesta etapa do caminho, “parte do tempo gastava em escrever, parte em oração” (Aut. 11). No mais profundo de si mesmo, nutre-se de bons propósitos, e firme, espera a hora de escolher entrar na “Cartuxa de Sevilha” ou andar pelo mundo. Os que estão ao seu redor suspeitam que ele quer “abraçar grande mudança de vida” (Aut. 12). Mas, não tem clareza de nada, pois ainda não sabe para onde aponta a novidade de Deus, visto que “quem vive uma experiência, na verdade não tem e tampouco vive de um conhecimento exterior [...], mas de algo que se forjou no íntimo da pessoa”⁴³.

Faz uma intensa experiência de oração no Santuário de Nossa Senhora de Aranzazu, onde começa o novo ciclo da vida, que com o passar dos anos terá como núcleo a intimidade com a Trindade. “Não sentia temores, e tomava certa confiança e amor pela Santíssima Trindade” (DE 95).

⁴¹ MURARO, R.M.; CINTRA, R. *As mais belas orações*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª ed., 1970, p. xix-xxi.

⁴² CLEMENT, 2003, p. 167.

⁴³ SECONDIN, Bruno; GOFFI, Tullo. *Curso de Espiritualidade. Experiência-Sistemática-Projeções*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 37.

De mim vos posso dizer que tenho particular causa para a desejar: porque, quando Deus nosso Senhor me fez mercê para eu empreender alguma mudança em minha vida, lembro-me de ter recebido algum proveito em minha alma, velando no corpo dessa Igreja, de noite”⁴⁴.

Ele se entrega à oração durante toda a noite com o intuito de “alcançar novas forças para o caminho”, aos pés de Nossa Senhora, que se torna fiel intercessora e depositária de sua confiança filial (Aut. 13). “Grande sentimento e visão de Nossa Senhora, muito propícia junto ao Pai [...]. Não podia deixar de senti-la como aquela que é parte ou porta do céu” (DE 31).

“O encontro de cada um com o Senhor é um amplo caminho de graça”⁴⁵. Precisa de tempo para ser assimilado, percebido em profundidade, acolhido em sua grandeza. E ainda exige a experiência para amadurecer e transformar, abrindo a consciência ao entendimento dos vários processos que se desencadeiam após a conversão. Não é instantâneo como num passe de mágica, mas história construída sob a luz da misericórdia divina, que marca como um selo o coração do filho (cf. Ct 8,6), e nele imprime seu amor de Pai.

Por necessitar de tempo na assimilação, a alma de Inácio que ainda se mantém um pouco cega, não sabe discernir a vontade de Deus nas situações pontuais apresentadas pelo caminho, onde ele “não olhava a circunstância alguma interior, nem sabia o que era humildade, nem paciência, nem discrição para regular ou medir estas virtudes”, mas quer somente realizar grandes coisas tendo em vista a “glória de Deus” (Aut. 14). Continua movido por desejos latentes carregados de imagens do mundo exterior, mas já se veem os sinais de uma nova relação em processo de construção. Já se percebe um raso mergulho no coração.

Desse modo, segue o aprendiz a estrada da conversão, preocupado com as “façanhas que devia obrar por amor de Deus”, mas também aprendendo devagar a se colocar em oração e incansavelmente não desistir do propósito de servir. Mais uma vez entrega-se numa vigília em Nossa Senhora de Monserrate, onde vela armas toda a noite, “sem sentar-se nem encostar-se, ora de pé, ora de joelhos”, deixando suas vestes para “vestir as armas de Cristo” (Aut. 17). Há neste gesto orante uma dimensão simbólica do gentil Inácio, expressa na renúncia de si mesmo em prol do Senhor que o chama a despir-se por inteiro dos ideais desconexos, recuperar a “totalidade de sua pessoa, com ambições, dinamismos e paixões a serem ordenados e não mutilados”⁴⁶, e segui-lo fielmente como um bom e determinado soldado de Cristo.

⁴⁴ Palavras de Inácio escritas na carta endereçada a Francisco de Borja (*Fontes narrativas* I, 76).

⁴⁵ SALVADOR, 1996, p. 77.

⁴⁶ FILHO, Spencer Custódio. *Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola: um manual de estudo*. São Paulo: Loyola, vol. 20, 1994, p. 74.

Essa travessia espiritual feita por ele é processo de reconstrução da sua personalidade, a partir do autoconhecimento que reconhece fragilidades e vontades presentes e atuantes em seu íntimo. “Depois de se entreter em oração, fez confissão geral por escrito”, que durou três dias, revelando seguramente sua imensa “determinação” (Aut. 17). Pela terceira vez, antes de seguir viagem para Manresa,

Foi o mais secretamente que pôde a um pobre, despiu-se de todas as suas vestes, e lhas deu. Vestiu-se de sua desejada túnica e foi fincar-se de joelhos diante do altar de Nossa Senhora, e ora assim, ora de pé com seu bordão na mão, passou toda a noite (Aut. 18).

Nesse gesto mostra que as mudanças externas refletem o que ele vive interiormente na busca por agradar somente a Deus, como fizeram também os santos. “O abaixar-se socialmente é o primeiro sinal externo de sua conversão interior que marca definitivamente sua experiência espiritual”⁴⁷. Tal atitude, porém, causa constrangimento no pobre com quem troca suas roupas e ele enche-se de tamanha compaixão que as lágrimas saltam-lhe dos olhos (Aut. 18). No coração deste homem já queima o pequeno desejo de ser livre e de se assemelhar ao Senhor Jesus em sua pobreza e humildade, mantendo-se firme nessa opção durante toda a sua vida. “E sempre mais firme e mais levado a não ter nada” (DE 6).

A estada de Inácio em Loyola, marcada pela transformação interior, feita de duras lutas e descobertas, torna-se o alicerce da sua vida espiritual, e anos mais tarde, depois de viver outras tantas experiências, consolida-se na escrita dos Exercícios Espirituais⁴⁸. “Determinava ficar num hospital uns dias e anotar alguns pontos em seu livro que levava muito bem guardado e que muito o consolava” (Aut. 18). Segundo P. Cusson dois são os frutos desse tempo: “o primeiro é o de sua verdadeira conversão definitiva, que o arranca do mundo e o consagra firmemente ao serviço do Senhor. O segundo é consequência desta eleição fundamental que impõe um novo modo de vida”⁴⁹.

A verdadeira oração não sai apenas dos lábios, mas do “coração”, isto é, de todo o ser. É o grito de *profundis*, “das profundezas”. Pois existe uma correspondência entre as profundezas do coração e as alturas do céu, que não deve ser entendida em sentido físico, mas no sentido de ir além pelo centro⁵⁰.

⁴⁷ www.cpalsj.org/.

⁴⁸ PALAORO, 2012, p. 21.

⁴⁹ CUSSON, Gilles. *Experiencia personal del misterio de salvación*. Madrid: Apostolado da Imprensa; Zaragoza: Hechos y Dichos, 1973, p. 19-20. (Tradução nossa).

⁵⁰ CLEMENT, 2003, p. 168.

1.3 Da desolação ao dom da graça

“A experiência de Deus atravessa também os momentos de desolação e de profunda solidão, assim como os acontecimentos mais simples da vida cotidiana”⁵¹. Inácio percebe lentamente essa realidade. Seu processo interior dentro da via “purificativa”⁵² começa com a conversão, a partir do encontro de fé com o Jesus dos Evangelhos, passa pela descoberta tímida da necessidade de sair da exterioridade e alcançar o caminho da oração na interioridade, e chega nesta terceira etapa agregando novos elementos, imprescindíveis para o discernimento das moções interiores, percepção da tentação que se reveste de luz e clareza do que é a desolação profunda que experimenta na alma e o desinstala para lançá-lo ao encontro da liberdade.

Essa liberdade que é dom divino, direciona e aponta o caminho da via “iluminativa”, pois a relação com Deus é processo e não acontece de forma acabada, pronta. Exige da pessoa tempo para se solidificar, esforço em permanecer fiel mesmo diante de tantos desafios e coragem para enfrentar as muitas e surpreendentes batalhas espirituais, aridez, dúvidas, medos, escrúpulos. Inácio faz seu percurso como um homem comum, com defeitos e qualidades. Passa pela via da purificação entre a alegria da nova experiência, que mexe com suas entranhas, aos espinhos que também fazem parte do caminho e ele ainda desconhece.

Desolação é então o elemento chave nesta terceira etapa da travessia, de tal modo que é importante compreender sua dinâmica para chegar ao conhecimento de que seu objetivo é dilatar a alma em direção ao Criador e Senhor, reconhecendo que mesmo que ele retire “a graça intensa”, deixa “graça suficiente para a salvação eterna” (EE 320).

E sendo a desolação um impulso, uma *moção espiritual* (EE 317-322), sua presença na vida de quem está trilhando os caminhos do Espírito é concreta, pois ela tem o poder de tirar o gosto pelas coisas de Deus. “Chamo desolação a escuridão interna, perturbação, moção para coisas baixas e terrenas” (EE317). É condição de luta e conflito que se opõem à constante alegria. Uma série de estados de ânimo dos quais é impossível fazer uma leitura clara e precisa. Expressam um conjunto de sentimentos que trazem dor e tristeza, sensação de abandono, divisão interior⁵³.

⁵¹ BUELTA, 2007, p. 158.

⁵² “O Pseudo-Dionísio distingue três fases da vida espiritual: purificação, iluminação (meditação da Palavra de Deus) e união com Deus (pela experiência)” Cf. MONDONI, Danilo. *História e Teologia da Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 2014, p. 151. São Boaventura também escreve sobre as três vias em BOAVENTURA, São. *Obras Escolhidas*. Caxias do Sul: Sulina Editora; Porto Alegre: Editora Vozes, 1983, p. 235-256.

⁵³ FONTI, Jordi. Desolación. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 576.

Inácio insiste que nesta fase é essencial não mudar os bons propósitos, “insistir mais na oração, meditação e em examinar-se muito, bem como nos dedicarmos mais a alguma penitência conveniente” (EE 319), pois só é possível sair dela pela força do Espírito. Não há outro caminho para crescer no processo de conversão e proximidade com Deus. Nos combates espirituais, a impotência diante do sofrimento é algo real e desnorteador. No entanto só a ação da graça é eficaz, pois “onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade” (2Cor 3,17).

Na desolação, a liberdade chega para soltar as amarras que prendem o ser a si mesmo. Clareia o entendimento que lhe permite escolher livremente sua vida e o lança destemidamente para a história com os olhos fitos no Senhor e o coração pleno da mais profunda gratidão que nasce do amor. “A purificação da alma pelo fogo espiritual do amor, intenso e tenebroso, realizada na *noite escura*, prepara-a para receber o amor, e a graça de Deus é a luz da sabedoria divina que vem para iluminar”⁵⁴.

1.3.1. Os espinhos cortantes da alma

Avança sem descanso o determinado Inácio e sua vida espiritual ganha força na medida em que a interioridade passa por ajustes e ordenação, encontrando pequenas luzes que se acendem no cotidiano. Aprende a se conhecer um pouco mais, observa suas vaidades e luta contra elas. Em Manresa pede esmola cada dia. Não come carne, nem bebe vinho. Não penteia o cabelo e muito menos corta as unhas (Aut. 19). Também não distingue com clareza a ação do inimigo e por isso é invadido pela tentação sem se dar conta dela, pois “até este tempo sempre perseverava quase num mesmo estado interior, com igualdade grande de alegria, sem ter conhecimento algum de problemas interiores” (Aut. 20).

Desse modo, a voz da astúcia que circunda o coração, interroga seus pensamentos com o intuito de suscitar o medo diante desse novo caminho, apresentando-lhe “a dificuldade de sua vida, como se dissesse dentro da alma: ‘Como poderás sofrer tal vida nos setenta anos que hás de viver?’”. Sua resposta interior é resoluta e fecha a porta à primeira tentação que se lhe apresenta ao espírito: “Ó miserável, podes-me tu prometer uma hora de vida?” (Aut. 20). Assim, o servo de Deus inicia uma nova etapa neste caminho espiritual em que sentirá o gosto amargo da desolação e dos escrúpulos, mas também da incondicional liberdade que o faz enxergar mais longe.

⁵⁴ STEIN, Edith. *A ciência da cruz*. São Paulo: Loyola, 3ª ed., 2002, p. 112.

Experimenta a aridez, os combates internos e uma variedade de sentimentos na alma, até então imperceptíveis: “achava-se às vezes tão desabrido, que não sentia gosto em rezar, nem ouvir missa, nem em nenhuma outra oração”. Em certos momentos o sentimento era contrário, porque “parecia que lhe tiravam a tristeza e desolação, como quem tira a capa dos ombros de um homem”. Enfim, sai do seu estado de principiante na vida espiritual e passa para um estágio mais avançado que requer atravessar as trevas da noite e chegar à claridade do dia, de tal maneira que ele mesmo compreende a profundidade desse caminho e se faz a pergunta: “Que nova vida é esta que agora começamos?” (Aut. 21).

O desalento que obscurece a situação é na verdade uma realidade objetiva em que se encontra a criatura numa total “inquietação, com diversas agitações e tentações, movendo à desconfiança, sem esperança, sem amor, achando-se a pessoa toda preguiçosa, tibia, triste e como que separada de seu Criador e Senhor” (EE 317). Mesmo passando por essa situação, Inácio mantém aceso no coração o “fervor e muita vontade de progredir no serviço divino”, com tanta e tamanha intensidade que persevera nas “confissões e comunhões cada domingo” (Aut. 21).

Todavia, os conselhos do mau espírito, cujas intenções são maliciosas (EE 318), trazendo enganos e provações, o fazem sofrer “muitas aflições de escrúpulos” (Aut. 22), que o atormentam com incessantes desejos de confessar pecados, infinitas vezes, “como se uma mancha acusadora que lhe revela que a imagem idealizada de si mesmo está construída sobre a mentira”⁵⁵, provocando um empobrecimento espiritual e uma crise que toma proporções gigantescas, de modo a achar que não há remédio algum para tais tormentos. E nesse estado de tribulação grita a Deus com todas as suas forças: “Socorre-me, Senhor! pois não acho nenhum remédio nos homens, nem em criatura alguma! [...]. Mostra-me, tu, Senhor, onde o posso achar. Se for preciso andar atrás de um cachorrinho para que me dê remédio, eu o farei!” (Aut. 23).

As tentações são tão fortes que lhe despertam o desejo de morrer e ele grita desesperado, ainda com mais força: “Senhor, não farei nada que te ofenda!” (Aut. 24). É nítido nessa experiência que a desolação não pode ser interpretada como abandono de Deus, embora haja uma completa escuridão na alma, mas necessária para tirar proveito na vida espiritual, ensinando-o a deixar de confiar em suas próprias forças, ordenar suas vontades e abandonar-se inteiramente nas mãos misericordiosas de Deus, fonte de salvação eterna⁵⁶.

⁵⁵ MELLONI, Manresa 71, 1999, p. 9.

⁵⁶ PALAORO, 1992, p. 23.

Teu silêncio, Senhor, é um tormento que aprofunda as dores da ferida. Vivo na noite escura, denegrida, onde tudo é ausência e sofrimento. Vaga sem rumo a alma e seu lamento, fecha todas as portas de saída. A sede é funda, e funda a doida saudade, sem consolo e alimento. Minha memória perde o já vivido, nada de bom encontro no passado, nem vejo no futuro algum sentido. Até quando, Senhor, serei humilhado, no fundo deste poço onde resido? Sinto-me irmão de Jó, crucificado⁵⁷.

1.3.2 As lições de Deus

A desolação tem valor pedagógico no caminho espiritual e cumpre um papel purificador “por sermos tíbios, preguiçosos ou negligentes em nossos Exercícios Espirituais” (322,1). Ajuda a desmontar falsos suportes e desfazer ilusórias esperanças narcisistas, traços tão particulares da natureza humana, “para dar-nos a verdadeira noção e conhecimento e a fim de que sintamos internamente não estar em nós termos grande devoção, intenso amor, [...], mas que tudo é dom e graça de Deus nosso Senhor” (EE 322,3).

Um pouco mais experiente nesta trajetória pela ação da graça, Inácio consegue alcançar “alguma experiência na diversidade de espíritos”, e distingue os meios pelos quais eles agem, o que contribui imensamente para ver com clareza que não precisa mais se confessar dos tantos pecados do passado, fardos pesados que ele carrega sem necessidade, de modo que, “com as lições que Deus lhe dera, começou a considerar os meios pelos quais vinha aquele espírito. Desse dia em diante ficou livre daqueles escrúpulos e se certificou de que nosso Senhor o quisera libertar por sua misericórdia” (Aut. 25). São esses os luzeiros acesos pelo Espírito Santo em cada passo do seu caminho, que anda numa procura apaixonada por encontrar e realizar a vontade do Pai.

“Além das suas sete horas de oração, ocupava-se em ajudar almas que ali o vinham procurar, em assuntos espirituais”, mostrando já um maior despojamento de si em direção a outros, prosseguindo destemido, entregue à leitura e meditação: “Todo o mais do tempo em que se via livre, entregava-se a pensar em assuntos de Deus, do que meditara ou lera”. Essas experiências embebiavam seu coração de consolações e grandes entendimentos. Alguns destes, porém, não são do bom espírito, e sim do mau espírito, teimando em confundir o pobre de Loyola, e tirar-lhe o sono, mas ele com sua capacidade imensa de olhar para dentro de si, de questionar-se, de observar mais atentamente aonde o estão levando tais sentimentos, discerne que são artimanhas do mau espírito e mantém-se firme nas decisões tomadas (Aut. 26).

⁵⁷ MAIA, Pedro Américo. *Desolação*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 33, 1998, p. 76.

É o Pai misericordioso quem segura a mão do filho amado em seus primeiros passos na via espiritual. “Deus o tratava como um mestre-escola trata um menino que ensina. Isso sucedia por sua rudeza e dura inteligência ou porque não tinha quem o instrísse, ou pela firme vontade que o mesmo Deus lhe dera para servi-lo” (Aut. 27). Ele é quem abre as portas do entendimento e derrama sua graça salvífica na interioridade de Inácio, onde estão implícitas a liberdade e a gratidão. E seu coração já é capaz de reconhecer esse dom oferecido por puro amor, primordial na integração do ser, contribuindo para o seu amadurecimento⁵⁸.

1.4 A epifania nas profundezas do ser

O processo de purificação⁵⁹ feito por Inácio na primeira etapa do caminho, ensinado pelo Mestre Jesus, é a derrubada da autossuficiência e o despertar da consciência “passando do fazer ao deixar-se fazer, do cavaleiro conquistador à criatura conquistada”⁶⁰. Até então, existem ainda duas vontades que se entrecruzam. A do homem que precisa de entendimento para compreender qual é o seu verdadeiro chamado, e a do Senhor que o chama e espera sua colaboração no trabalho pelo Reino. Assim, a segunda etapa de transformação nessa travessia guiada pelo Espírito Santo, consolida-se no ajuntamento dessas duas vontades.

Começa o tempo de iluminação interior, a verdadeira epifania nas profundezas do ser em construção, sendo o *entendimiento*, a palavra-chave a guiar a compreensão da realidade. Não é uma tentativa de racionalizar ou de apreender conteúdos, mas experiência dada gratuitamente pelo Espírito que o faz ver a vida de outro modo⁶¹. É uma clareira aberta na alma e luz contra a ignorância que precisa ser vencida para conformar o coração ao coração de Deus.

A primeira luz chega num momento de oração dirigida à Trindade, com tão intensa devoção que começa a “elevar-se-lhe o entendimento, como se visse a SSma. Trindade em figura de três teclas, e isto com tantas lágrimas e tantos soluços que não se podia conter” (Aut. 28). A consonância e harmonia existentes nessa imagem musical, marcam a compreensão da comunhão trinitária. “Nas três Pessoas Divinas há uma plenitude pessoal e uma unidade na divina Essência”⁶².

⁵⁸ LÓPEZ-YARTO, Luis. *La gratuidade, mucho más que una emoción pasajera*. Manresa 85, 2013, p. 8.

⁵⁹ BOAVENTURA, São. *Obras Escolhidas*. Caxias do Sul: Sulina Editora; Porto Alegre: Vozes, 1983, p. 236-238.

⁶⁰ MELLONI, Javier. Cardoner. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 282.

⁶¹ GONZÁLEZ MAGAÑA, Jaime Emílio. Entendimiento. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 765.

⁶² BINGEMER, 1990, p. 49.

Outra vez “se lhe representou no entendimento, com grande alegria espiritual, o modo com que Deus criara o mundo. Parecia-lhe ver uma coisa branca da qual saíam alguns raios e dela fazia Deus luz” (Aut. 29). Inácio serve-se dessa inspiração ao escrever a “Contemplação para alcançar amor” (EE 230-237), cuja oração é feita de forma a “olhar como todos os bens e dons descem do alto [...], assim como os raios do sol” (EE 237). Ele agora entende Deus como fonte e origem de todas as coisas criadas⁶³, e por isso, em qualquer circunstância deve ser louvado, reverenciado e servido (EE 23).

A iluminação traz o consolo de Deus ao seu espírito, mostrando-lhe o bem que ele faz às outras pessoas. Consciente, deixa “os excessos que antes praticava, cortando as unhas e o cabelo”. E certo dia, durante a missa, “na elevação do corpo do Senhor, viu com os olhos interiores uns como raios brancos que vinham de cima” e entendeu claramente “como estava no Santíssimo Sacramento Jesus Cristo”. E ainda, em momentos de profunda oração, vê a Sua humanidade e figura, como que num corpo branco, sem distinção de membros. Suas visões confirmam a fé de maneira tão sólida que “se não houvesse Escritura que ensinasse estas verdades de fé, ele se determinaria a morrer por elas, só pelo que vira” (Aut. 29).

Quando o dinamismo do Espírito Santo perpassa a vida de Inácio provoca uma divisão de águas, uma experiência fundante que marca um antes e um depois, engendrando um novo estado de consciência. Seu olhar vê mais longe ao contemplar o rio Cardoner e alcança as realidades cósmicas, onde Deus tudo unifica e manifesta luz ao entendimento. “Outras águas e outras fontes brotaram do seu interior enquanto o contemplava”⁶⁴, serpenteando por entre vales à procura do mar. “Os prodígios feitos por Deus em sua alma, correrá logo como um rio de amor em toda sua vida”⁶⁵, que não recebeu em outro tempo tanto conhecimento como nessa ocasião.

Não tinha visão alguma, mas entendia e penetrava muitas verdades, tanto em assunto de espírito, como de fé e letras. Isto com uma ilustração tão grande que lhe pareciam coisas novas. Não se pode declarar os pormenores que então compreendeu, senão dizer que recebeu uma intensa claridade no entendimento. Em todo o decurso de sua vida, até os 62 anos, coligindo todas as ajudas recebidas de Deus e tudo que aprendera por si mesmo, não lhe parece ter alcançado tanto, quanto daquela só vez. Nisto ficou com o entendimento de tal modo ilustrado, que lhe parecia ser outro homem e ter outro entendimento, diferente do que fora antes! (Aut. 30).

⁶³ VÁZQUEZ, Ulpiano. *A Contemplação para alcançar amor*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 99.

⁶⁴ MELLONI, 2007, p. 280.

⁶⁵ CASANOVAS, Ignacio. *San Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus*. Barcelona: Editorial Balmes, 1944, p. 109.

Inácio contempla Cristo imerso na luz da Trindade que o envolve, “derramando-se salvífica e economicamente na totalidade da realidade, transfigurando e fazendo novas todas as coisas”⁶⁶. Uma inefável manifestação divina ao coração humano. Esta epifania inunda por um bom tempo seu ser e ele “se foi fincar de joelhos a uma cruz que estava ali perto, a dar graças a Deus”. Diante dela vê com nitidez a visão que há tempos se lhe apresenta ao espírito de um “objeto formoso com muitos olhos”. Percebe então, “um claro conhecimento, com grande assentimento da vontade, que isso era do demônio” (Aut. 31).

A cruz do Senhor vence os embustes do inimigo e a última palavra é o amor. Ela é fonte de salvação para a humanidade e sua claridade aniquila o mau espírito revestido de luz. “É próprio do mau anjo, assumindo a aparência de anjo de luz, introduzir-se junto à pessoa devota para tirar vantagem própria” (EE 332). Até Paulo, mestre no discernimento dos espíritos, assim como Inácio, tão bem o define em sua carta aos Coríntios: “E não é de estranhar! Pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz” (2Cor 11,14).

Os frutos dessa profunda experiência são as “Regras de discernimento dos espíritos” descritas nos Exercícios e essenciais para “sentir e conhecer” as várias “moções”, os dinamismos interiores que atraem a pessoa para “algo”. Propostas e sugestões vindas de fora do “querer de quem as experimenta, produzindo reações das mais diversas, sendo sentidas como apelos, chamamentos ou atrações”. Aparecem também como “pensamentos, frases interiores ou vozes”. Para a pessoa que deseja crescer no caminho da oração é imprescindível identificar tais moções, “as boas para receber e as más para rejeitar” (EE 313-336)⁶⁷.

A experiência mística só é reconhecida como verdadeira a partir dos efeitos que ela deixa na alma e na ação modificada daquele que a experimenta. Todo crédito dado a ela parte da mudança profunda que se exterioriza na conduta. Inácio encontra nessa experiência uma lucidez que reconhece a tentação do mau espírito; uma capacidade de integrar conhecimento e vontade, unificando e harmonizando os diversos âmbitos da sua personalidade; uma abertura à alteridade que o leva a “comunicar ao próximo as coisas do Senhor com simplicidade e caridade”; e uma memória afetiva dessa experiência durante toda a sua vida⁶⁸. Há um mergulho interior tão profundo que possibilita aos seus olhos transfigurados captarem a claridade da presença de Deus em todas as coisas⁶⁹.

⁶⁶ BINGEMER, 1990, p. 49.

⁶⁷ LOYOLA, Inácio. *Exercícios Espirituais*. Tradução: R. Paiva, SJ. São Paulo: Loyola, 7ª ed., 2013, p. 119. (Nota de rodapé 256, p.119).

⁶⁸ MELLONI, 2007, p. 284-285.

⁶⁹ MELLONI, Manresa 71, 1999, p. 17.

Com a sensibilidade aguçada, o peregrino deixa-se guiar incessantemente no caminho espiritual, percorrendo-o com o coração ardendo por ajudar as almas a encontrarem-se com o Senhor e serem transformadas por ele, pois “só desde uma mística profunda pode nascer uma vida apostólica fecunda e profética”⁷⁰, enraizada no chão da história.

Ele vê, ele sabe o que é melhor. Como ele tudo sabe, ele mostra o caminho a seguir. De nossa parte é de grande valia para nós, amparados por sua divina graça, procurar e experimentar muitas maneiras para conseguir andar pelo caminho que é “o mais claro”, o mais feliz, o mais santificante aqui embaixo, inteiramente orientado, ordenado à vida eterna (CE 25).

1.4.1 O incessante peregrinar

“A mística busca o fundo, onde as potências se fundem e se assentam, em que se conhece, quer e sente com toda a alma, não ver as coisas em Deus, sim sentir que todas as coisas são n’Ele”⁷¹. A experiência iluminadora de Inácio em Manresa, aponta para dois aspectos fundamentais, que com o passar dos anos tornam-se muito importantes na espiritualidade inaciana: em sua paixão pela Eucaristia, acredita que “a prática sacramental faz parte do caminho espiritual que necessita ser celebrado e vivido eclesialmente”⁷². Pe. Leturia assim o descreve: “o sacrifício eucarístico era a fonte diária de seus planos apostólicos”⁷³. Outro ponto essencial nessa experiência é o encontro com homens e mulheres para conversar sobre os assuntos de Deus (Aut. 26), que gerou em seu coração o desejo grandioso de ajudar pessoas na escuta atenta através do acompanhamento espiritual, visando um maior aprofundamento no seguimento de Jesus Cristo.

Eucaristia e Acompanhamento Espiritual, duas realidades que tornam fecunda a sua vida missionária. Ao comunicar seu amor, Deus o transforma dando-lhe um novo olhar para o mundo que o cerca, despertando o desejo intenso de descobrir qual seu papel dentro dele. Nesta descoberta é inevitável que ele deixe essa terra que acolhe seus pés, e coloque-se a caminho rumo a outras terras em busca de novas experiências, que lhe tragam respostas e o ajudem “a atingir o fim para qual foi criado: louvar, reverenciar e servir a Deus” (EE 23).

⁷⁰ CODINA et.al. *A pie con Ignacio: una introducción a la espiritualidade ignaciana*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 45.

⁷¹ MELLONI, Javier. *La Mistagogía de los Ejercicios*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae 2001, p.19.

⁷² CODINA et al., 2012, p. 52.

⁷³ SCHIAVONE, Pietro. Missa. *Diccionario de Espiritulidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1234.

Inácio tem sede de *pôr-se a caminho* (Aut. 11) desde o começo de sua conversão. Tal apelo produz no íntimo uma inquietude constante que o impulsiona a desbravar outros caminhos e se autodenominar *Peregrino*⁷⁴, sempre disposto a ir, mesmo sem saber o que o espera pela frente, num caminhar apressado e desejoso de chegar à terra prometida⁷⁵. É uma viagem com Deus em busca do enraizamento interno que vai além do geográfico ou cultural. Como todo peregrino, “tem um senso de liberdade que pode facilmente se tornar uma ameaça a quem quer que ainda ache sua segurança em pertencer a um lugar e grupo específico ou a um sistema sólido”⁷⁶.

Peregrinar não é simplesmente mudança de cenários, mas moções interiores que buscam incansavelmente por Deus. O caminhante não pode correr o risco de parar em qualquer perspectiva para perceber teologalmente a realidade. Esta que o convoca “é a *Kenósis* de Cristo que o leva a encher de esperança sua própria existência e submergir em um movimento peregrinante”⁷⁷, percebendo que o centro dessa peregrinação é conduzido pelo dinamismo do Espírito que o faz partir a pé, sem medo e sem nada além da total confiança em Deus. Passa frio e fome, adocece. Enfrenta tempestades, pestes, processos jurídicos, sofre calúnias. “Durante os cinco processos e duas prisões, não quis, por graça de Deus, tomar outro defensor, procurador ou advogado do que Ele próprio, no qual coloquei, por sua graça e seu divino favor, toda a minha esperança presente e futura” (CE 19).

Desse modo, decide sair de Manresa e embarcar para Barcelona sozinho e sem nenhuma provisão, com a ideia de “ter a Deus só por refúgio” e a firme certeza de que deseja ardentemente alcançar as três virtudes teologais: *caridade, fé e esperança* (Aut. 35), pois, viajando com outra pessoa terá em quem confiar e se afeiçoar. No seu íntimo “esta afeição, confiança e esperança, a queria ter só em Deus. Isto que dizia desta maneira, sentia-o assim em seu coração”. Palavra e sentimento encontram sintonia nesse peregrino mais amadurecido e ansioso por “seguir perfeição e o que mais fosse glória de Deus” (Aut. 36).

E assim, a Trindade o impulsiona a lutar contra a vanglória; a buscar pessoas espirituais para ajudá-lo; a mendigar e defender os fracos; acreditar “que acharia modo de ir a Jerusalém”; dormir em estábulos; enfrentar tempestades no mar revolto e longas caminhadas; ser consolado com as visões que tinha de Cristo; escutar pessoas que o acolhem em casa e falar de Deus para elas; suportar o maltrato da febre; confiar no Pai que o conduz. (Aut. 38-44).

⁷⁴ Esta expressão encontra-se em sua *Autobiografia* nos números 39. 42-43. 45-47. 49. 50. 52. 54. 57-59. 62.

⁷⁵ PALÁCIO, 2007, p. 860.

⁷⁶ www.padresdodeserto.net/peregr.htm.

⁷⁷ RUIZ PÉREZ, Francisco. *Camino. Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 266.

Passa por Roma, Veneza, Chipre, chegando a tão sonhada Jerusalém, que desde os primeiros tempos de sua conversão em Loyola, faz seu coração arder de desejos. “Vendo a cidade, o peregrino teve grande consolação. A mesma devoção sentiu sempre nas visitas dos lugares santos”. Seu propósito era permanecer ali e ajudar as almas (Aut. 45). No entanto, a vontade divina mostra-se pela palavra e ação do provincial dos franciscanos, Pe. Ângelo de Ferrara, que tendo a custódia desses lugares, tem também o reconhecimento papal, através de bulas, de fazer sair ou deixar ficar quem ele assim o quisesse⁷⁸.

Ele ameaça Inácio de excomunhão que se rende e percebe não ser vontade do Senhor ali ficar (Aut. 46). Porém, antes de ir embora da terra dos seus sonhos, empreende um peregrinar audacioso na tentativa de realizar o desejo de pisar novamente os lugares que os pés do Mestre pisaram. Uma pretensão de estar naquele cotidiano que traz as marcas da Sua presença. Aproximar-se, conhecer e amar o Jesus de Nazaré, que pela encarnação realiza a Salvação de Deus, assumindo a condição humana em um lugar específico, num determinado povo e tempo. “No Monte Olivete está uma pedra, da qual subiu o Senhor aos céus e na qual se vêm ainda agora suas pegadas impressas: isto era o que ele queria tornar a ver” (Aut. 47)⁷⁹.

A partir dessa experiência de querer tocar e ver as marcas, Inácio propõe nos Exercícios a contemplação dos mistérios da vida de Cristo (EE 261-312), como caminho de conhecimento interior que impele a escolher conscientemente segui-lo em sua pobreza e humildade, perseguições e injúrias, sofridas como consequência da entrega à cruz pela redenção do mundo. Para alcançar o objetivo de conhecer mais intimamente esse Jesus, ele dá um destaque especial à *composição do lugar*⁸⁰, como elemento imprescindível que coloca a pessoa que contempla, não no passado, mas na realidade da história

Em meio a tão fortes experiências entende o peregrino “ser vontade de Deus não continuar em Jerusalém, veio sempre pensando consigo o que faria. Por fim, inclinava-se a estudar algum tempo para ajudar as almas, e determinava ir para Barcelona” (Aut. 50). Continua assim, o incansável peregrinar à procura de discernir aonde o Senhor o quer conduzir e quais os meios para levar aos corações sedentos a benesse do Seu grandioso amor que se dá a Si mesmo com generosa gratuidade.

⁷⁸ Os motivos de tamanho rigor são os conflitos políticos e bélicos existentes entre cristãos e muçulmanos, que em todos os tempos são ameaças para os inocentes.

⁷⁹ Foi construída no século IV uma Igreja em honra da Ascensão, cuja abóbada ficou aberta, simbolizando o caminho aberto de Cristo para o céu. Na Idade Média foi restaurada e em seu centro ficava uma pedra com as marcas dos dois pés, atribuída aos pés de Cristo. Os fiéis beijavam e raspavam o pó como relíquia até que a marca do pé direito quase desapareceu. (Aut. 47, nota de rodapé 29, p. 55).

⁸⁰ Este tema será aprofundado no capítulo 2.

1.4.2 O desejo ardente de “ajudar as almas”

Sair de Jerusalém não o fez sentar-se à beira do caminho e lastimar por não realizar o sonho de ficar naquela terra respirando os ares que o Senhor respirou (Aut. 8). Pelo contrário, ele segue em frente, indiferente quanto ao lugar da missão, mas seguro de querer colocar os pés em outra estrada e “ajudar as almas”. Essa *indiferença* diante das escolhas a serem feitas é trabalhada por ele no Princípio e Fundamento dos Exercícios, em cujo centro está o não querer uma coisa mais que a outra: “saúde que enfermidade” (EE 23), mas querer somente em tudo configurar-se a Cristo, seu grande amor e sentido de toda essa caminhada.

Percorrendo com ele o caminho já feito, é possível enxergar seu processo de maturação espiritual agora sob outro prisma. Não existe mais o homem centrado em si mesmo, convicto de que a santidade está ao seu alcance só pelas grandes proezas realizadas ou as duras penitências impostas, mas sim, o peregrino que escuta a voz de Deus ressoar em seu coração, enchendo-o de claridade e calor, abrindo possibilidades de perceber a vastidão do caminho missionário que desponta à sua frente.

Esse apelo interior é o chamado apostólico que aponta o horizonte da alteridade e inflama o desejo de levar o outro ao encontro com Deus numa relação de amor. Eis o tempo novo, o verdadeiro *Kairos* derramado em sua vida, fazendo o *pobre peregrino Inácio* (CE 1) alargar-se e perguntar insistentemente: “O que fazer? Por onde seguir agora?” (Aut. 50) Toda a experiência que brota das respostas de Deus é riqueza adquirida e transforma-se em seu magistério espiritual. Agora está marcado em suas raízes mais profundas. O que fazer não é anseio de realizar grandes obras e ser reconhecido por elas, mas partilhar todo o amor recebido com quem quer que seja, vivendo a entrega cada vez mais intensa ao mover do Espírito.

Parte Inácio para Barcelona, Alcalá, Paris. Estuda gramática, teologia, filosofia com o firme propósito de adquirir conhecimentos necessários para ensinar a doutrina cristã e continuar a falar das coisas de Deus. Enfrenta tentações do mau espírito, é preso algumas vezes, sempre sob acusações infundadas. Volta a fazer penitências. Vive de esmolas, enfrenta a epidemia da peste e sérios problemas de estômago. Exercita-se em dar os Exercícios Espirituais e “com isso fazia fruto para a glória de Deus. Muitas pessoas subiram alta notícia e gosto de coisas espirituais” (Aut. 51-84). A ele se juntam os primeiros companheiros em Paris⁸¹, e fazem o voto de gastar suas vidas em proveito das almas no dia 15 de agosto de 1534 (Aut. 85).

⁸¹ Pedro Fabro, Francisco Xavier, Diogo Laínez, Afonso Salmerón, Nicolau Afonso Bobadilha, Simão Rodrigues de Azevedo. Um ano depois juntam-se a eles Cláudio Jaio, João Codure, Pascásio Broet. (Aut. 84, nota de rodapé 38, p. 94).

Com eles ordena-se sacerdote em 24 de junho de 1537, fazendo votos de pobreza e castidade (Aut. 93). Tem muitas consolações, visões espirituais de tamanha importância que o marcam para sempre, assim como as de Manresa. Quando toma a decisão de ser sacerdote, pede à Virgem que o coloque com seu Filho. Estando um dia em uma igreja de La Storta fazendo oração “sentiu tal mudança em sua alma e viu tão claramente que Deus Pai o punha com Cristo, seu Filho, que não teria ânimo para duvidar disto, de que o Pai o punha com seu Filho” (Aut. 96). Essa graça é uma resposta ao seu profundo anseio de ser um companheiro de Jesus e possui uma estreita relação com a iluminação de Manresa, vivida 15 anos antes. Todo o percurso desse tempo é de um verdadeiro amadurecimento espiritual.

Agora, busca “um oferecimento mais completo de sua vida a serviço de Cristo e dos homens”. Essa oferta inspira nos Exercícios o pedido incessante ao Pai, com um colóquio a Maria “para alcançar-me de seu Filho, nosso Senhor, graça para que eu seja recebido sob sua bandeira” (EE 147), com a firme determinação de viver na pobreza com o Cristo pobre⁸², experimentando cada dia mais a verdade desta palavra: “nada tendo e tudo possuindo” (2Cor 6,10) - (CE 11).

Tantas foram as graças recebidas por ele nesse caminho espiritual que não faz outra coisa senão devolvê-las no serviço ao próximo. Em Roma, funda a obra dos Catecúmenos, para a conversão dos Judeus e Maometanos, que deu grandes frutos; funda casas para prostitutas que se arrependem e mudam de vida, provocando grande reforma nos costumes do povo; funda o Colégio Romano e abre a catequese das crianças e rudes em treze bairros de Roma, “confiada por Paulo III aos primeiros jesuítas” (Aut. 98).

É o homem da ação que não perde de vista sua ligação profunda e enraizada com o Senhor. “Sempre crescera em devoção, isto é, em facilidade de encontrar a Deus e agora mais que em toda a sua vida. Sempre que queria encontrar a Deus o encontrava” (Aut. 99). Ao celebrar a Eucaristia tem muitas e consoladoras visões, e quando escreve as *Constituições*, se acaso lhe apresenta dúvidas na alma, celebra missa cada dia, leva o ponto tratado a Deus e faz oração sobre ele. “Sempre orava e celebrava com lágrimas” (Aut. 101).

Numerosos entendimentos da Santíssima Trindade, que iluminavam o espírito, a ponto que me parecia que, à força de estudar, eu não saberia tanto. Em seguida, refletindo ainda sobre o que compreendia, sentindo e vendo, tinha sempre esta impressão, mesmo que estudasse toda a minha vida (DE 52).

⁸² PALAORO. 1992, p. 25.

Cada trecho do caminho percorrido depois de encontrar a alteridade é feito com o intuito de “ajudar o próximo a conhecer e amar a Deus, e salvar a sua alma” (CCJ 446), sendo essa a vocação apostólica da Companhia de Jesus e o significado mais profundo dos Exercícios Espirituais em sua clara função de conduzir o caminhante até a fonte do incomensurável Mistério. É com todo o seu ser que ele se entrega a esta grandiosa aventura de amar e servir. Sair de si à procura de outros. Subir os montes, descer colinas. Alçar voos, vencer neblinas. Ir solícito, como Maria até Isabel. Sem medo, sem olhar para trás. Sem perder de vista o céu. Abandonando-se totalmente nas mãos do Senhor, “aonde vais, aonde vou. Seguindo-vos, meu Senhor, não poderei me perder” (DE 115).

1.5 A experiência torna-se itinerário

A existência dos Exercícios Espirituais⁸³ só é possível graças a todo esse caminho mistagógico percorrido por Inácio de Loyola. Sua estreita relação de amizade com o Criador e Senhor, faz dele um ser aberto que se deixa levar como as águas de um rio correm entregues e sem medo em direção ao mar. Ele se encontra na experiência do amor recebido de Deus, em Jesus Cristo, e essa marca é tão funda que deixa vestígios na realidade, faíscas que acendem outras vidas e desvela novos horizontes, estradas nunca antes percorridas, entendimento das verdades eternas.

A grande originalidade desse homem que se deixa conduzir por Deus é o fato de escrever um método de oração onde transparece o “reflexo fiel de uma interioridade”⁸⁴, que ele aprende a conhecer a partir de uma entrega ousada e sem reservas ao Espírito Santo de amor. “Os Exercícios supõem de modo muito primordial, em sua dimensão psíquica, um trabalho na ordem dos afetos ou da sensibilidade profunda”⁸⁵. Propor seu itinerário à alma sedenta é abrir a porta para o cultivo do mundo interior, ultrapassar fronteiras e chegar à essência humana onde habita o amor em toda sua riqueza. Inácio empenha-se “desejoso de inflamar as pessoas a melhor se conhecer e a melhor conhecer e amar seu Criador e Senhor”, estimulando-as a caminharem em direção a um verdadeiro “progresso espiritual” (CE 21).

⁸³ Inácio foi acusado de pelagianismo. Para muitos a oração proposta por ele nos Exercícios dependia apenas da vontade humana para alcançar a Deus, mas pelo contrário, ele afirmava que liberdade e graça são inseparáveis neste caminho. Pelágio foi um monge que discordou de Agostinho quanto ao fato da liberdade estar em consonância com a graça. Para ele, “os dons naturais” presentes no homem eram suficientes para vencer o pecado.

⁸⁴ PALAORO, 1992, p. 53.

⁸⁵ DOMÍNGUEZ MORANO, Carlos. *Psicodinâmica de los Ejercicios ignacianos*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 30, 2003, p. 124.

Inácio que é um experimentadíssimo mestre da introspecção, grande conhecedor das marés interiores do espírito, dos apelos da graça e as maneiras sutis de resistência que o homem possui, quer mostrar nessa experiência pessoal que assim como ele fez, cada um pare para pensar, medite, peça a luz de Deus e enfrente-se com as grandes questões: Deus e eu⁸⁶.

“Os Exercícios são, com toda certeza, tudo o melhor que nesta vida pude pensar, sentir e entender, para o homem poder aproveitar a si mesmo, como para poder frutificar, ajudar e aproveitar a outros muitos” (CE 10). Assim, escreve Inácio ao Padre Manuel Miona em 1536, definindo o que são os preciosos Exercícios Espirituais. Neles estão contidos a experiência interior combinada com a experiência apostólica, realizando seu sonho de “ajudar as almas” a progredirem no caminho pedagógico do Espírito Santo. Ele diz ao Pe. Câmara que não os escreveu de uma só vez, mas durante todo o percurso do caminho.

Algumas coisas que ele observava em sua alma e as achava úteis a si e lhe parecia poderem ser úteis aos outros, as punha por escrito, por exemplo, o exame de consciência com aquele modo de linhas etc. As eleições especialmente me disse havê-las tirado daquela variedade de espíritos e pensamentos que tinha quando estava em Loyola doente da perna (Aut. 99).

Os Exercícios foram reconhecidos pela Igreja como instrumento valioso para o crescimento na vida espiritual. Na Encíclica “Mens Nostra”, de 1929, Pio XI o recomenda ao clero, mas também aos leigos como “uma obra excelente”, que proporciona a todos muitas e preciosas experiências. “É coisa averiguada trazerem consigo os Exercícios Espirituais esta perfeição da vida cristã. Dimana deles a paz interior e o zelo de ganhar almas para Cristo, que se costuma denominar espírito apostólico” (MN 1937, p. 50-57). Esse reconhecimento da grande contribuição de Inácio à espiritualidade, traz a certeza de que todo seu itinerário registra na Igreja de Cristo um sólido exemplo de alguém que literalmente entende e vive a profundidade do ser cristão, buscando a santidade, o seguimento de Jesus Cristo e o compromisso com a evangelização.

Nós, veneráveis irmãos, instruídos na escola da história, proclamamos e temos o santo retiro dos Exercícios como Cenáculos, que o poder de Deus levantou para que as almas generosas, apoiadas no socorro da graça divina, esclarecidas à luz das verdades eternas, e animadas pelos exemplos de Cristo, [...] entendam dever servir ao seu Criador nas ações valorosas do apostolado cristão (MN, p. 57-58).

⁸⁶ IDIGORAS, 2001, p.67.

Antes de entrar na rica experiência das quatro semanas dos Exercícios, que tem como eixo principal a História da Salvação em seus diversos matizes, da criação à ascensão, é digno de consideração apontar os elementos importantes que compõem a sua base, a partir de onde se constrói a experiência. Primeiramente, trata-se de reconhecer que é um *método vital* que conduz ao Mistério⁸⁷, por isso, a simbologia do “caminho” é basilar para a compreensão de toda sua estrutura.

Num segundo momento, aparece a finalidade dos Exercícios, em que a articulação entre oração, ordenação das afeições e busca da vontade de Deus, só é possível, se há uma entrega generosa ao grande condutor desse processo, o Espírito Santo. “Ele é que no tempo privilegiado da graça leva a pessoa, através de uma catarse progressiva e interna, para o encontro pessoal com o Deus vivo” (EE 1)⁸⁸. Deixar-se conduzir por Seu dinamismo é abrir a porta da interioridade que procura incansavelmente pelas transformações verdadeiras.

1.5.1 O caminho do Criador com a criatura

Caminhar é fazer história e se deixar invadir pelo imprevisível do dia a dia. Tem sabor de alegria e dor, escolha e erro, decisão e dúvida, em que contexto histórico, cultura, costumes, leis, normas, vida social e experiência religiosa influenciam no processo de crescer e tornar-se pessoa. Todos os seres em todos os lugares do mundo estão sempre a caminho, fazendo caminho num movimento contínuo de busca da esperança, mas também de retrocessos. Nem sempre o caminho exterior é reflexo do interior. O caminhante muda de rumo, envereda-se por caminhos errados, encontra o certo. Há uma responsabilidade pessoal, mas também um conjunto de fatores que modificam a caminhada feita de complexidade e graça.

O “pôr-se a caminho” (Aut. 11) de Inácio é chave hermenêutica para a compreensão de todo o processo proposto nos Exercícios. Caminhar é um traço forte em toda sua vida de peregrinação espiritual, não só pelos inúmeros deslocamentos geográficos, mas também pelo movimento interno provocado pela comunicação divina, que o transfigura em sua aventura humana⁸⁹, lançando-o para a profundidade das águas do Espírito, portadoras da Vida Verdadeira. É um itinerário de fé, iluminado pela experiência e não um voluntarismo que chega a uma meta.

⁸⁷ PALAORO, 1992, p. 56.

⁸⁸ Nota de rodapé 3, p. 9.

⁸⁹ PALÁCIO, 2013, p. 72-73.

Desse modo, a estrada a ser trilhada pelo *exercitante*⁹⁰ dentro dos Exercícios, tem uma tríplice conotação que carece de entendimento. Primeiramente é caminho que faz “o Criador agir diretamente com a criatura” (EE 15), numa relação pedagógica, gradual, ritmada, respeitosa, e estreita-se na medida em que passa pelo conhecimento, afetividade, linguagem, ação, inteligência. É um processo interior relacional, precisa de tempo para germinar, generosidade para crescer e fidelidade para permanecer.

A segunda dimensão é o fim ao qual se pretende chegar, isto é, a transformação pessoal que acontece durante a caminhada, exigindo da pessoa “sair do próprio amor, querer e interesse” (EE 189), na medida em que é despertado nela uma fidedigna paixão pelo seguimento de Jesus Crucificado e uma total abertura ao movimento do Espírito em direção a um caminho de maior serviço e louvor a Deus.

Quanto a nós, gostaríamos de nos revestir da mesma veste de Cristo nosso Senhor, sofrendo opróbrios, falsos testemunhos e injúrias, sem ofensa da parte do próximo. Assim, mais caminharíamos para Deus, mas ganharíamos destas riquezas espirituais, das quais nossas almas desejam estar totalmente acumuladas, se elas vivem no Espírito (CE 19).

A terceira dimensão aponta para o papel do acompanhante espiritual, que se propõe caminhar ao lado do exercitante neste processo, e que em sua postura “não opte nem se incline a uma parte ou a outra, mas ficando no meio, como o fiel de uma balança, deixe o Criador agir diretamente com a criatura e a criatura com seu criador e Senhor” (EE 15). Ele é apenas um “diácono do Espírito”, um “teógrafo e mistagogo”⁹¹, atento aos movimentos sutis que acontecem na alma, mas seguro de que “toda espiritualidade é um caminho humano para Deus que transcende os meios humanos”⁹².

1.5.2 Deixar-se conduzir pelo Espírito

Por *Exercícios* espirituais se entende qualquer modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e outras operações espirituais [...]. Assim como passear, caminhar e correr são *Exercícios corporais*, chamam-se *Exercícios* espirituais diversos modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas. E depois de tirá-las, buscar e encontrar a vontade divina na disposição de sua vida para sua salvação (EE 1).

⁹⁰ Pessoa que se dispõe a mergulhar profundamente no caminho dos Exercícios Espirituais.

⁹¹ VÁZQUEZ, Ulpiano. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 36.

⁹² TETLOW, Joseph Allen. *Encontrar a Deus em todas as coisas*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 21.

Sendo os Exercícios “a expressão universalizada e metódica, e ao mesmo tempo extraordinariamente flexível, da experiência de Inácio”⁹³, faz muito sentido a oração ser sua atividade principal e perpassar todo o caminho, visando ajudar o exercitante a corresponder à ação da graça divina. Ele a experimenta das formas mais variadas e valoriza sua força de transformação, pois a fonte de onde brota é o Espírito Santo, o “fogo abrasador” que o orienta e o conduz ao mais profundo de si mesmo, lá onde o espera Deus.

“Todo aprofundamento na existência, todo pressentimento do mistério diante do amor, da beleza ou da morte tende para a oração”⁹⁴. Qualquer que seja sua linguagem, se feita de gestos, palavras, sentimentos, silêncio, súplica, louvor, adoração, é um meio eficaz para se fazer a experiência do amor, instrumento valioso na construção da vida interior e aporte fundamental para o crescimento da espiritualidade.

Junto à oração, os Exercícios apontam neste trecho do caminho mais dois movimentos guiados pelo Espírito que devem ser bem observados, pois estão presentes em todo seu trajeto: a ordenação dos afetos e a busca da vontade de Deus. A articulação entre eles é obra da graça, mas o exercitante pode ter uma “livre disposição de perder aquela capacidade original de aderir à vontade de Deus”⁹⁵, e isso requer uma atenção redobrada e um discernimento indispensável e atento para não correr o risco de romper um desses horizontes durante a viagem interior.

Por isso, o caminho dos Exercícios mostra que “é necessário crescer em liberdade, conhecer-se, e saber das próprias afeições desordenadas, sem estranhar em tê-las”⁹⁶, mas desejar ordená-las em prol de um bem maior, buscando sem cessar a vontade divina. A dinamicidade do Espírito colabora com o crescimento contínuo da responsabilidade do exercitante de entregar-se livremente à oração, criando espaço para o autoconhecimento, que se empenha em purificar projeções egoístas e impulsionar o avanço para Deus. “Os exercícios são o fruto de uma reflexão muito concreta sobre o ato de liberdade, e seu valor universal vem de que eles expressam dialeticamente os momentos e os elementos essenciais [...] do drama humano-divino que é a liberdade”⁹⁷.

⁹³ BARREIRO, Álvaro. *Contemplar a vida de Jesus: prática e frutos*. São Paulo: Loyola. Coleção Leituras e Releituras, 2ª ed. 2003, p. 15.

⁹⁴ CLEMENT, 2003, p. 167.

⁹⁵ ARZUBIALDE, Santiago. *Ejercicios Espirituales de S. Ignacio: historia y análisis*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2009, p. 90.

⁹⁶ CORELLA, Jesús. *Dinâmica del deseo y de las afecciones desordenadas em processo de los Ejercicios (1)*. Manresa 66, 1994, p. 157.

⁹⁷ SAMPAIO, Alfredo. *Um equilíbrio difícil: graça e liberdade nos EE de Santo Inácio*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 90, 2012, p. 37.

1.5.3 A História da Salvação nos Exercícios Espirituais

“Quem propõe a outro o modo e a ordem de meditar ou contemplar deve narrar fielmente a história de tal contemplação ou meditação” (EE 2). Os eventos salvíficos de Deus: criação, redenção, mistérios da vida de Jesus Cristo, “que por mim se fez homem” (EE 104), são a matéria essencial das quatro semanas dos Exercícios Espirituais, *história* a ser contemplada, meditada, percorrida pelo exercitante, que na oração faz a experiência do grande mistério contido na História da Salvação. Esse processo resulta numa tomada de consciência do compromisso que deve ter quem experimenta tamanha riqueza e torna-se colaborador dentro da economia da Salvação, percebendo com mais realismo a ação divina no cotidiano.

A dimensão soteriológica dos Exercícios tem sua fonte na Sagrada Escritura, que parte da ação criativa de Deus criando o mundo e o ser humano, passa pela ruptura do pecado original e todas as suas consequências no distanciamento entre a criatura e seu Criador, “até chegar ao cumprimento da promessa em Jesus Cristo e a consideração gradual e íntima da mensagem da salvação”⁹⁸. Eis o caminho de revelação e fé proposto nas quatro semanas que se articulam entre si, sendo que em cada uma delas há um fruto a ser buscado.

A chave que abre esse tesouro da espiritualidade inaciana é o Princípio e Fundamento, que ajuda o exercitante a vislumbrar o horizonte dos Exercícios, compreendendo em profundidade o fim para o qual foi criado. Na primeira semana há um convite explícito a experimentar a dura realidade de pecado existente no mundo e dentro de si mesmo, mas também deixar-se envolver pelo olhar da misericórdia divina colocando-se diante da cruz, que suscita uma rejeição do pecado e abertura ao perdão, e provoca profundas mudanças.

Na segunda semana há um chamado de Jesus para segui-lo e comprometer-se com ele. Por isso, ao contemplar e conhecer o mistério da sua Encarnação, o exercitante se presta a responder com fidelidade à Voz que o chama, dispondo-se ao maior serviço do Reino. A terceira semana chega a um nível de configuração com Jesus mais afetivo e efetivo pela identificação com o Mistério Pascal, participação nos seus sofrimentos, tendo em vista alcançar uma autêntica humildade. Na quarta semana, a contemplação do mistério da Ressurreição alarga a união com o Senhor e abre uma vida nova na alegria do Espírito⁹⁹. Percorrer essas quatro semanas possibilitam um inigualável e surpreendente mergulho na História da Salvação.

⁹⁸ GONZALEZ, Luis; IPARRAGUIRRE, Ignacio. *Ejercicios Espirituales, comentário pastoral*. Madrid: Biblioteca de Autores cristãos, 1965, vol. 144.

⁹⁹ CEI-ITAICI. *A força da metodologia nos Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2002. Coleção Leituras e Releituras, p. 30-42.

1.5.3.1 O amor-amizade entre Deus e o ser humano

“O ser humano é *criado* para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor e, assim, salvar-se”. Esse é um texto “claramente antropológico”, que coloca em evidência a abertura da pessoa à transcendência divina, sentido último da existência¹⁰⁰. Sua criaturalidade estabelece com Deus um forte vínculo de amizade que a conduz ao sentido profundo e orientação fundamental da vida: *maior* serviço e louvor. É uma experiência de fé vivida com radicalidade, despojamento de si e consciência de que, “as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o ser humano e para o ajudarem a atingir o fim para o qual foi criado” (EE 23).

Do seio da mãe Terra brota a água pura que ao barro se mistura. E as mãos sedentas do Amor modelam a amada criatura. Numa explosão de alegria a vida se inicia e quando o Amor envolve tudo, o ser se deixa amar. Na grande descoberta o sentir profundo do caminhar no mundo, e o coração responde ao chamado, abrindo-se à fé. O Amor assim, seja amado, servido e louvado e a esperança alcance o outro que põe-se a caminhar.

O *Princípio e Fundamento* é porta de entrada dos Exercícios e contém em si a seiva que alimenta todo o processo. Não é uma oração carregada com as características próprias das quatro semanas: preâmbulo, corpo da oração, colóquio. É o início do caminho que se faz em busca de alcançar a liberdade interior. Convite do Espírito Santo para a criatura abraçar por inteiro o projeto do Criador, que cria por pura gratuidade e ama com amor de Pai. Inácio vive com inteireza essa experiência de ser criatura e reconhece sua ação salvífica na alma humana, pois “o mesmo Criador e Senhor se comunica à alma devota, abrasando-a em seu amor e louvor e dispondo-a para o caminho em que melhor poderá servi-lo” (EE 15).

Esse modo de compreender e viver a fé faz a criatura olhar livremente as coisas criadas e utilizar-se delas *tanto quanto* lhe for propício para a promoção do bem, e não como muletas que escravizam os afetos. Inácio chama de *indiferença* essa postura, o que não significa frieza, insensibilidade ou falta de iniciativa diante de grandes questões que exigem escolhas, mas sim “distância afetiva das coisas para eleger bem, libertação interior afetiva aberta a Deus”¹⁰¹. É a busca constante de viver em direção ao que *mais* conduz à maior glória de Deus.

Que não queiramos mais saúde que enfermidade, riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que vida breve, desejando e escolhendo somente aquilo que *mais* nos conduz ao fim para o qual somos criados (EE 23).

¹⁰⁰ ARZUBIALDE, 2009, p. 113.

¹⁰¹ PALAORO, 1992, p. 87.

1.5.3.2 O processo de conversão à luz do mistério de Cristo

“A primeira semana liga-se ao Princípio e Fundamento, do qual é como a *subversão* (o pecado “subverte” o plano de filiação e fraternidade amorosa de Deus) e a *recomposição* (Deus revela-se como Pai até mesmo na situação de pecado)”¹⁰². Toda a história do pecado é ruptura de relação e quebra da aliança de amor (Cf. Gn 3,1-19). É fechamento em si mesmo, a desintegração. Inácio apresenta os três pecados acontecidos na Criação que impedem a realização da história salvífica: dos anjos, de Adão e Eva e os pecados pessoais.

Trazer à memória o pecado dos anjos, isto é, recordar como foram criados na graça. Não quiseram, no entanto, servir-se de sua liberdade para prestar reverência e obediência a seu Criador e Senhor [...]. Trazer à memória o pecado dos primeiros pais [...] e quanta corrupção veio disso ao gênero humano. Trazer à memória o pecado de cada pessoa, agindo contra a bondade infinita do seu Criador e Senhor (EE 50-52).

Por outro lado, ele insere todo esse dinamismo de quebra no movimento da graça. “É aprendizado contínuo das maneiras como Deus atua e como o pecado se faz presente na história humana e na história pessoal”¹⁰³. As considerações feitas a esse respeito nesta semana são em clima de “vergonha e confusão a meu próprio respeito, vendo quanta gente foi condenada por um só pecado mortal e quantas vezes mereci ser condenado para sempre por meus numerosos pecados” (EE 48), e ainda “pedir profunda e intensa dor e lágrimas” (EE 55,4), não com o objetivo de arrastar o exercitante para a culpabilidade, ou a se fechar no pessimismo, mas sim, encontrar-se com o perdão que brota da fonte do amor de Deus e revela que “onde abundou o pecado superabundou a graça” (Rm 5,20)¹⁰⁴.

É experiência da misericórdia divina que, em seu Filho Jesus, salva e arranca dessa condição pecadora, através do seu chamado¹⁰⁵. Diante do Crucificado é possível passar das trevas à luz, da autossuficiência à necessidade intrínseca de ser salvo, do silêncio infértil ao diálogo misericordioso. O processo toma forma na leitura redentora da própria história e na reconstrução integral da identidade ferida pelo pecado, mas ao mesmo tempo, envolvida por completo nos braços compassivos do Pai.

¹⁰² FILHO, 1994, p. 45.

¹⁰³ MAGAÑA, Álvaro Quiroz; OSORIO, Hermann Rodriguez (org). *Exercícios Espirituais na América Latina*. Rio de Janeiro: CPAL, 2011, p. 25.

¹⁰⁴ PALAORO, 1992, p. 89-90.

¹⁰⁵ PALÁCIO, Carlos. *Para uma teologia do existir cristão. Leitura da segunda semana dos Exercícios Espirituais*. Perspectiva Teológica 16, 1984, p. 175.

Desse modo, o exercitante é chamado a viver uma profunda humildade à semelhança de Cristo na cruz, e olhando para si mesmo se perguntar “O que tenho feito, faço e devo fazer por Cristo?” (EE 53). “A espiritualidade que daqui resulta não é a de uma pessoa que sai à procura de Deus fora do mundo, mas é a de um Deus que vem ao encontro da pessoa em sua situação histórica de pecado e de dor”¹⁰⁶.

Imaginando Cristo, nosso Senhor diante de mim na cruz, fazer um colóquio: como de Criador, se fez homem e como, da vida eterna, chegou à morte temporal e assim morreu por meus pecados. Igualmente, olhando para mim mesmo, perguntar o que tenho feito por Cristo, o que faço por Cristo e o que devo fazer por Cristo. Enfim, vendo-o nesse estado, assim suspenso na Cruz, refletir naquilo que me ocorrer. O colóquio se faz como um amigo fala a seu amigo ou um servo, a seu senhor (EE 53-54).

1.5.3.3 Conhecer internamente para mais amar e seguir

“A espiritualidade inaciana é marcada pela experiência da encarnação de Deus na realidade humana”, fato esse que responde à busca de sentido religioso dos tempos atuais e impõe a necessidade de assumir um compromisso com os contextos culturais na realidade pós-moderna¹⁰⁷. Portanto, a segunda semana liga-se à primeira, porque “a pessoa humana só se salva da sua impossibilidade de viver a filiação e fraternidade atendendo ao chamado para o seguimento de Cristo”¹⁰⁸, na concretude da história com suas exigentes urgências.

Essa semana (EE 91-189)¹⁰⁹ abre a contemplação dos mistérios da vida de Jesus Cristo, o realizador incondicional da vontade do Pai, centro da fé cristã, que inaugura um novo caminho de acesso a Deus, através da sua humanidade (cf. Hb 10,20), restaurando inteiramente a comunhão entre o Pai e seus filhos. Ele, o *Rei eterno*¹¹⁰, chama pessoalmente: “quem quiser vir comigo há de trabalhar comigo, a fim de que, seguindo-me na luta também me siga na glória” (EE 95,5). É importante “considerar como todos os que tiverem juízo e razão se oferecerão inteiramente para esse trabalho” (EE 96) na qualidade de discípulos conscientemente atentos à voz do Mestre.

¹⁰⁶ FILHO, 1994, p. 86.

¹⁰⁷ PALÁCIO, 2013, p. 12.

¹⁰⁸ Op. cit., 1994, p. 45.

¹⁰⁹ É a semana mais extensa dos Exercícios. Sua novidade “é acrescentar à experiência de sentir-se *perdoado* o sentir-se *chamado*. Conversão do coração, chamamento para a missão, duas etapas que revelam a obra de Jesus; duas etapas consecutivas e inseparáveis. Cristo nos liberta para segui-lo; e é através do seguimento do Senhor que iremos encontrar a vontade de Deus para nossa vida”. (Cf. PALAORO, 1992, p. 92).

¹¹⁰ “É um exercício que procura a transição da experiência do amor salvador, que perdoa, para uma experiência do amor Salvador, que continua atuando na história”. (EE 91, nota de rodapé 108, p. 49).

Inácio considera decisivo que a união do exercitante à pessoa de Jesus, deve se estender também à sua missão, e para isso é imprescindível uma atitude de total disponibilidade em conformar-se à vida dele. Pacificado e reconciliado com Deus, consigo mesmo e com o mundo, profundamente tocado pela misericórdia divina, o ser entra nessa semana pedindo “a graça de não ser surdo a seu chamado, mas pronto e diligente para cumprir sua santíssima vontade” (EE 91,4). Quem ouve o chamado não se isenta dos sofrimentos, mas identifica-se com a sua Pessoa, participa do seu Senhorio, oferta a própria vida, coloca-se a serviço (EE 98).

A resposta ao chamado do *Rei eterno*, leva o exercitante a entrar na Contemplação¹¹¹ da Encarnação (EE 101-109)¹¹², e aventurar-se a conhecer este Homem de Nazaré a partir de sua vinda à terra para fazer a *redenção do gênero humano* (EE 107,2). Nesse caminho, pede a graça de alcançar “o conhecimento interno do Senhor que por mim se fez homem, para que eu mais o ame e siga” (EE 104). Penetrar esse mistério é tomar consciência de uma “realidade espiritual cuja compreensão é possível, mas inesgotável. Não há uma palavra definitiva sobre Ele, pois sempre há um caminho a percorrer”¹¹³.

Tal experiência de conhecimento do Senhor alimenta a mística do apaixonamento por Ele e impulsiona o exercitante a fazer sua *Eleição*¹¹⁴, escolhendo participar da Aliança salvífica oferecida pelo Deus de amor, que quer uma entrega humilde e solidária ao serviço dos pequenos, dos maltratados, dos pobres, sob a ação transformadora do Espírito de Jesus Cristo. “Assim, qualquer coisa que eu escolher deve ajudar-me a atingir o fim para o qual sou criado, sem ordenar e trazer o fim para o meio, mas o meio para o fim” (EE 169).

Nos exercícios não temos um tratado sistemático sobre Jesus Cristo; tampouco pretendem dar um conhecimento completo sobre sua vida. O que propõem é que se busque e se encontre a vontade divina mediante um encontro transformador com Cristo¹¹⁵.

¹¹¹ “O método proposto por Inácio para a assimilação pessoal do mistério de Cristo (*conhecer-amar*) e para configuração com ele (*seguir*) não é o da meditação segundo as três potências. Propõe contemplações a partir das narrações evangélicas”. (EE 101, nota de rodapé 122, p. 53).

¹¹² Há uma incrível identidade entre essa Contemplação da Encarnação proposta por Inácio, que destaca a cegueira humana, ou seja, o pecado, como causa da vinda do Verbo à terra e o escrito de Santo Atanásio “A Encarnação do Verbo” (cf. São Paulo: Paulus, 2010, Coleção Patrística), em cujo centro está a afirmação que a *redenção* aconteceu pela negligência humana ao abandonar a contemplação de Deus. É bastante provável, segundo seus biógrafos, que Inácio não tenha lido Atanásio, no entanto, os dois encontram o ponto comum, um, pela experiência própria e o outro pela razão teológica, que também tem seu chão na experiência.

¹¹³ FILHO, 1994, p. 86.

¹¹⁴ Para muitos estudiosos é o ponto máximo de todo o caminho dos Exercícios Espirituais. “Momento privilegiado e decisivo para descobrir e dizer sim à vontade divina”, segundo o estilo da vida de Cristo e as inspirações do Espírito. Cf. SAMPAIO, Alfredo. Elección. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 726-733. O processo da eleição não chega ao fim no término dos Exercícios, mas continua pela vida afora, sempre em busca da vontade divina.

¹¹⁵ PIRES, Cláudio. *A função da Sagrada Escritura na segunda semana dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, 1981, p. 21.

1.5.3.4 O amor apaixonado a Cristo crucificado

Inácio constrói sua espiritualidade sobre o chão da escolha, atitude de obediência amorosa feita de uma escuta atenta ao que a vontade de Deus aponta. É realizada em liberdade e oferecida ao exercitante para que ele acolha e faça a oblação de si mesmo numa adesão apaixonada a Jesus. A terceira semana dá início à experiência de um amor que não conhece fronteiras e busca por aquele que deseja participar de Seus sofrimentos e identificar-se com a Sua dolorosa paixão.

É dura e de difícil compreensão a linguagem da cruz para qualquer ser humano, mas é primordial para quem decide seguir a Cristo crucificado. A contemplação do mistério da paixão e morte do Senhor (EE 190-217) é voltada agora para a sua humanidade sensível, que sofre no corpo e no espírito. Ele segue o “caminho encarnatório que vai do projeto trinitário original à cruz”, manifestando o mais absoluto do amor “no cume da debilidade e indigência”. É a verdadeira *Kénosis* que chega à nudez total na crucifixão, e a transforma em um mistério de amor e comunhão, “expressão de docilidade e amor filial ao Pai”¹¹⁶, que aparentemente encontra-se ausente: “Considerar como a divindade se esconde: poderia destruir os seus inimigos, e não o faz, deixa padecer tão cruelmente sua sacratíssima humanidade” (EE 196).

A chave dessa cristologia de Inácio é a visão de La Storta (Aut. 96), pois nela Deus o entrega a seu Filho e o torna “companheiro de Cristo Crucificado”, chamando-o a identificar-se com Ele na disposição da sua vida “em passar todas as injúrias, todas as afrontas e toda a pobreza” (EE 98), sendo necessário sair dos interesses particulares e compartilhar a dor do Senhor. Assim a graça a ser pedida nesta semana pelo exercitante é a da comunhão com Cristo. “Pedir o que quero: será aqui dor, sentimento e confusão, porque o Senhor vai à sua paixão por meus pecados” (EE 193). Reconhecer sua situação é importante para o impulsionar a “pedir o que é próprio pedir na paixão: dor com Cristo doloroso; abatimento com Cristo abatido; lágrimas com pena interior por tanta pena que Cristo passou por mim” (EE 203,3).

Corpo doado. Ó sangue derramado no caminho da dor. Diluído na água do medo, entrega fecunda no cálice da bênção. Em ti, a cor amável da bondade, frágil e desnuda, mas vitoriosa diante do beijo que trai e do valente que nega. Espalhas no universo, preciosíssimo sangue, a vontade confiante e inquieta de mudar direções, de amar incansavelmente sem leis que subjagam; sem preceitos esvaziados de sentido; sem a covardia que despedaça o desejo mais sincero do coração de diluir-se em ti, sangue amoroso, vertido na cruz do perdão, do corpo inerte do Amado.

¹¹⁶ ARZUBIALDE, 2009, p. 502.

1.5.3.5 A alegria da vida nova em Cristo

A quarta semana dos Exercícios (EE 218-260) é clarificada pelo Espírito do Ressuscitado e o pedido que o exercitante traz em seu coração “é a graça de sentir intensa e profunda alegria por tanta glória e gozo de Cristo nosso Senhor” (EE 221). À luz do Mistério Pascal é possível renascer para uma nova vida “em Cristo”, sendo que sua ressurreição é a mais plena manifestação do amor de Deus, que o resgata de entre os mortos, oferecendo-o “escatologicamente à história como Senhor de toda a Criação”¹¹⁷.

Inácio acentua também outro efeito da ação do ressuscitado: a função de *consolador*, “que nosso Senhor exerce, comparando como os amigos costumam consolar-se” (EE 224). Esse ofício consiste em conceder o Espírito Santo, fonte de toda consolação que procede do Pai e enche o espírito humano da mais profunda alegria. Também um aspecto importante a ser notado nessa semana é o compromisso que deve assumir o exercitante com o Cristo Ressuscitado na sua Igreja, a partir da transformação interior que ocorre durante todo o caminho espiritual.

A comunhão eclesial para Inácio é essencial na volta para casa, depois de terminado os Exercícios Espirituais, pois na Igreja vive-se de maneira madura a dimensão da fé. É nela que os seguidores de Jesus servem, anunciam, evangelizam. É a esposa de Cristo, cabeça do corpo místico que se constrói na diversidade de seus dons, carismas, funções, pluralidade de seus membros, diversificação¹¹⁸. “Sentir com a Igreja” (EE 352) é para Inácio viver a comunhão à imagem e semelhança da Trindade, incorporação dinâmica no serviço do Reino. “Deixando de lado todo o juízo próprio, devemos ter o ânimo preparado e pronto para obedecer em tudo à verdadeira Esposa de Cristo” (EE 353).

Outra dimensão dessa experiência da ressurreição acontece na última proposta de oração chamada de “Contemplação para alcançar amor”. Ela é síntese do caminho feito. Recolhe todo a vida transformada do exercitante – que encontra sua liberdade interior na entrega de si mesmo ao Deus-Trino – e o lança na história, lugar onde é possível colocar em prática as grandes e iluminadoras graças vividas no itinerário dos Exercícios. Essa Contemplação é de tal maneira importante para a compreensão global do caminho trilhado que será aprofundada no capítulo dois desta pesquisa.

¹¹⁷ ARZUBIALDE, 2009, p. 539.

¹¹⁸ FILHO, 1994, p. 213.

1.6 Conclusão: “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas internamente”

Essência. Conquistar, avançar sem temer o caminho. Percorrer novas terras, ir em busca de *mais*. Preso em vontades, em desejos, vaidades. Sem olhar as estrelas, sem amar os irmãos. Solidão fez morada em mim. Sonhos no chão, Boa-Nova nas mãos. A vida, enfim, iluminou-se. Claridade a chamar: “Em tudo amar e servir”. E ser livre para seguir. Contemplar, caminhar na vontade do Pai. Em suas mãos ver tecer o mistério: viver. Coração encontrou a paz!

O caminho espiritual de Inácio de Loyola segue uma linha de continuidade e ascendência. Ele não se nutre do “muito saber” dos tratados teológicos, das fórmulas doutrinárias, dos discursos sistematizados, das devoções ou experiências emocionais, mas sim da comunicação de amor feita por Deus no mais íntimo do seu coração, marcada pela novidade e o imprevisível, pelas tempestades e calmarias. É cultivada numa vida de oração e resulta num aprendizado fecundo de “sentir e saborear internamente” todo o movimento da graça divina a alargar os horizontes da sua existência, fazendo-o crescer em várias dimensões.

O caminho de intimidade vivido por ele está definido em suas palavras no final da *Autobiografia*: “Sempre crescera em devoção, isto é, em facilidade de encontrar a Deus e agora mais do que em toda a sua vida. Sempre, a qualquer hora que queria encontrar a Deus, o encontrava” (Aut. 99). Tal experiência apresenta-se aberta às criaturas e não está ligada a merecimentos por conquistas realizadas, títulos adquiridos ou recompensa pela ascese praticada. Ultrapassa todo e qualquer esforço pessoal, pois é a plena gratuidade do amor.

Sua vida espiritual é iluminadora para quem deseja crescer no cultivo da interioridade. Seu testemunho evidencia que a autêntica comunicação e abertura entre Criador e criatura é caminho contínuo de conhecimento da Trindade, de si mesmo e do outro, aprimoramento da capacidade de discernir como fruto do conhecer e do amar, e condição de possibilidade de fazer da oração um valioso instrumento para manter constantemente acesa a chama do amor.

Entrando na capela, durante a oração, visão, fora das forças naturais, da Santíssima Trindade e de Jesus. E no sentimento dessa visão, coberto de lágrimas de amor terminando em Jesus e para a Santíssima Trindade um sentimento de respeito, de acatamento, mais próximo do amor reverencial do que de qualquer outra coisa (DE 83).

CAPÍTULO 2

“CONTEMPLAÇÃO PARA ALCANÇAR AMOR”

O primeiro capítulo desta pesquisa acompanha Inácio de Loyola em sua trajetória de conversão, cujo ponto de partida é a comunicação do amor de Deus, pela mediação de Jesus Cristo, e o ponto de chegada a união mística com a Trindade. Os Exercícios Espirituais descrevem muito bem essa experiência, e promovem uma Mistagogia, ou seja, uma “iniciação ao Mistério de Deus”¹, fazendo um percurso que perpassa toda a História da Salvação.

A trajetória do exercitante inicia-se no Princípio e Fundamento, num “reconhecimento consciente, livre, de sua dependência total ao Deus Criador”²; passa pela conscientização dos pecados na história humana e da ação misericordiosa do Pai; mergulha nos mistérios da vida de Cristo, – da Encarnação à Ascensão –, e chega à Contemplação para alcançar amor, “um exercício que pressupõe a purificação das semanas anteriores e recobra todo seu significado ao término do caminho percorrido”³.

“O coração humano está marcado por Deus” e é nele que ele se revela. Durante o caminho dos Exercícios essas marcas vão sendo evidenciadas em consolações, desolações, moções, sentimentos, luzes, pensamentos, uma verdadeira “*Teografia*”, que Ele deixa impressa quando atua no mais secreto da alma⁴. É preciso ler a partir de dentro essa escrita que torna explícita a comunicação de amor entre Criador e criatura, fazendo com que o amor recebido seja *experiência fundante* e o amor respondido, *experiência fundada*⁵.

Amor é então a palavra chave abordada diretamente nesta Contemplação. Motor que põe em marcha a orientação da vida do exercitante na volta para casa, depois de alcançá-lo em abundância na Fonte original. Chave espiritual que interpreta, ilumina e “condensa em uma forma superior transcendente o mais vital dos Exercícios”⁶. Sua expressão e critério são um dar e receber mútuo, um intercâmbio, uma comunicação realizada na gratuidade. “Todos se esforcem por ter a intenção reta, pretendendo servir a divina Bondade, e agradar-lhe por causa de si mesma e do amor e benefícios singulares com que nos preveniu” (CCJ 288).

¹ VÁZQUEZ, 2005, p. 19.

² PALAORO, 1992, p. 87.

³ ARZUBIALDE, 2009, p. 559.

⁴ Op. cit., 2005, p. 20.

⁵ GARCÍA, José. *De los Ejercicios a la vida ordinaria: La Contemplación para alcanzar amor*. Manresa 79, 2007, p. 166.

⁶ IPARRAGUIRRE, Ignacio. *Lineas directivas de los ejercicios ignacianos*. Bilbao: Mensajero, 1949, p. 59.

Amor é o eixo central onde se revela a doação incondicional do Deus trinitário, que na realidade da História da Salvação oferta seu Filho amado (cf. 1 Jo 4,10). É o fio condutor da jornada espiritual de Inácio e horizonte último da mística inaciana, em que fica claro que é amor experimentado na interioridade, transformado em entrega a Cristo, pobre e humilde, nascido do agradecimento por sua oblação a toda humanidade (EE 98). “Só consegue experimentar a transparência divina das coisas quem encontra a Deus, não só onde Ele queira ser encontrado, mas onde Ele está abaixado ao mais denso, ao mais fechado ao divino [...] à Cruz de Cristo”⁷, expressão fecunda de um amor maior.

O selo que marca, teologicamente, a Contemplação para alcançar amor, em termos de forma e conteúdo, é trinitário. E, justamente por ser trinitário, não deixa de ser cristológico, já que a via de acesso inaciana para o mistério trinitário não é outra senão Jesus Cristo⁸.

Muitos estudiosos concordam que a experiência vivida por Inácio em Manresa é determinante na escrita dessa Contemplação⁹, uma vez que ele compreende “toda a realidade criada como diafania de Deus, *meio divino*, lugar de encontro, de adoração, amor e serviço”¹⁰. Em sua constituição ela integra dois impulsos essenciais que lhe conferem identidade própria e finalidade: um para a interioridade que busca a união plena com o Deus-Trino e outro para a universalidade que sai de si em direção a uma mística do serviço.

É ao mesmo tempo “uma atenção respeitosa em tocar a presença de Deus em tudo e uma aplicação amorosa de todo o ser em servir à sua divina Majestade”¹¹. Um modo de oração, mas também um modo cristão de viver, de existir e de agir. E só é fecundo se há uma travessia para a realidade em movimento, onde o estado de pureza original do ser humano, retrata com perfeição a “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26). É “chave de interpretação e iluminação do processo dos Exercícios”, que parte do Princípio e Fundamento e expressa a relação do Criador com o mundo numa dimensão cósmica e amorosa, em que Ele evidencia a sua “imanência em todo ser criado”¹².

⁷ RAHNER, K., *Meditaciones sobre los Ejercicios de San Ignacio*. Barcelona: Herder, 1979, p. 259-260.

⁸ BINGEMER, 1990, p. 306.

⁹ ARZUBIALDE, 2009, p. 486. Autores como Nadal, Polanco, González Dávila, o *Directorium Granatense* e os Diretórios de 1591 e 1599 relacionam esta Contemplação com a via unitiva, por isso o lugar dela há de ser sempre junto à quarta semana. (Cf. CUSSON, 1973, p. 262-275).

¹⁰ GARCÍA RODRÍGUEZ, Antonio. Amor. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Terraes, 2007, p. 149.

¹¹ SAMPAIO, Alfredo. *Praticar na vida cotidiana a dinâmica dos Exercícios: o fruto da Contemplação para alcançar o Amor*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 68, 2007, p. 36.

¹² VON BALTHASAR, Hans Urs. *Textos de Ejercicios Espirituales*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2009, p. 253.

Há uma circularidade nesse caminho, onde a Contemplação para alcançar amor representa uma volta ao Princípio e Fundamento, e este, uma ida até a Contemplação¹³. No ponto de partida nasce a vocação humana para a reverência, o louvor e o serviço (EE 23), e no ponto de chegada, o reconhecimento dos dons recebidos expressam o desejo profundo de transformar o amor em gestos (EE 230).

Quem orienta essa pedagogia espiritual é o Espírito Santo, o Mestre interior: “ora chamando a atenção para um aspecto do assunto proposto; ora despertando sua memória; ora iluminando ou propondo algo novo através das moções”. Ele, “a virtude divina”, que ilumina o entendimento (EE 2) atrai à oração, sendo seu *autor principal*, “instruindo, movendo e robustecendo o exercitante¹⁴.

Este capítulo privilegia a estrutura da Contemplação para alcançar amor, com a finalidade de mostrar seus traços presentes nas quatro semanas e seu valor na compreensão do percurso feito nos Exercícios; acentuar sua característica de ser ponte que leva o exercitante de volta à realidade; provocar a reflexão sobre o amor a ser alcançado na oração, como centro da identidade cristã e motor da sua práxis.

A abelha se entrega a um incansável movimento de ida e volta. Vai à flor, nela penetra até o fundo do pistilo, suga e não para até encontrar a substância adocicada... saboreia-a. Então volta para sua vida, para seu cotidiano, para sua casa. Transforma o que “saboreou”¹⁵.

O *caminho da contemplação* define o que é contemplar na espiritualidade inaciana, e sua eficácia no processo dos Exercícios. Também acentua os dois passos fundamentais para chegar a uma fecunda experiência de oração na Contemplação para alcançar amor. O primeiro deles articula os elementos responsáveis por ritmar o caminho, colaborando na predisposição do coração para adentrar no mistério: a *oração preparatória*, uma “aplicação do Princípio e Fundamento ao tempo de oração (EE 231,3)¹⁶, a *composição de lugar* que dá um “corpo ao conteúdo do exercício” (EE 232)¹⁷, a *petição da graça* do “conhecimento interno”, como o dom de conhecer a partir do coração, expandindo-se na capacidade de “amar e servir” (EE 233).

¹³ BINGEMER, 1990, p. 306.

¹⁴ Nota de rodapé 10, p. 11.

¹⁵ MALDANER, Maria Fátima. *Contemplação para alcançar o Amor*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 14, 2007, p. 63.

¹⁶ PALAORO, 1992, p. 81.

¹⁷ ZAS FRIZ, Rossano. *Composición de lugar*. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 360

O segundo passo alcança os quatro pontos que representam “a lógica trinitária do amor”¹⁸ expressa no reconhecimento agradecido do exercitante dos “benefícios recebidos pela criação, redenção e dons particulares”, ajudando-lhe a ponderar “com afeto” o quanto Deus dá-se a Si mesmo, em Cristo, pelo Espírito, possibilitando-o “alcançar” em profundidade esse Amor e responder a ele, amando (EE 234). Perceber Sua presença em “todas as criaturas” (EE 235), crescer na colaboração constante com Seu trabalho no mundo (EE 236), e na consciência de que “todos os bens e dons descem do alto” (EE 237), para a realidade sensível, onde é possível “encontrar Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus” (CCJ 288).

As duas notas preliminares “dão a tônica daquilo que a Contemplação pretende suscitar”¹⁹. São trabalhadas em separado nesta pesquisa no primeiro e no terceiro capítulos, com a pretensão de destacar a importância delas para dar unidade ao trabalho. No primeiro capítulo a nota usada é “o amor é comunicação de ambas as partes” (EE 231), e o intuito é de evidenciar que a experiência fundante da vida espiritual de Inácio é a comunicação de Deus. A resposta dada por ele é a livre oferta de si mesmo. No terceiro capítulo, a nota empregada é “o amor consiste mais em obras do que palavras” (EE 230), fruto da Contemplação, que possibilita ao exercitante abrir-se à realização de uma práxis do serviço, fundamentada no chamado de Jesus Cristo e na disposição de transformar o amor recebido em amor doado.

A Contemplação para alcançar amor é aporte importante na reflexão sobre a unidade imprescindível que deve haver entre oração e práxis, pois em sua estrutura há uma conformidade entre as duas dimensões solidamente construídas. Partindo da experiência de ser amado, é possível chegar à consciência da seriedade e do compromisso que o cristão é chamado a assumir ao professar a fé no Deus-Trino. Viver em sua intimidade e ao mesmo tempo aprender a comunicar seu amor, sendo “contemplativo na ação”, mantendo o coração centrado n’Ele, descobrindo sua presença em cada gesto realizado no dia a dia, consciente de que “ama com o mesmo amor com que Deus ama a todas as criaturas, porém o “peso” de seu amor só descansa em Deus (Cf. EE 184. 338)”²⁰.

A Contemplação para alcançar amor é o caminho para a contemplação na ação. Será precisamente o amor compartilhado o que trará à vida as mesmas possibilidades que estão germinalmente nas pessoas e que esperam o amor para poder existir e ser compartilhadas, como uma semente espera o sol e a água²¹.

¹⁸ ARZUBIALDE, 2009, p. 569.

¹⁹ BINGEMER, 1990, p. 307.

²⁰ TEJERA, Manuel. *La cuarta semana em la dinámica de los Ejercicios Espirituales*. Manresa 59, 1987, p. 403.

²¹ BUELTA, 2007, p. 226.

2 O CAMINHO DA CONTEMPLAÇÃO

“A oração é a essência e a vida dos Exercícios”²². Inácio a propõe com toda riqueza de detalhes ao longo das quatro semanas, tendo o cuidado de explicitar as diversas maneiras de exercitá-la: “meditar, contemplar, oral vocal e mentalmente”, reforçando sua finalidade de ser um meio da “pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas e encontrar a vontade divina” (EE 1).

A *contemplação* é proposta como um modo específico de orar a partir da segunda semana dos Exercícios Espirituais (EE 101), quando se inicia o caminho de contemplar os mistérios da vida de Cristo – “só compreensível na totalidade das etapas e na sua mútua relação”²³. O objetivo dessa proposta é alcançar a graça de configurar-se a Ele inteiramente no amor: “amar e seguir” (EE 104); “imitar” (EE 109); escolher o que for para Sua maior glória (EE 152); juntar-se à sua dor (EE 203); pedir a graça de sentir intensa e profunda alegria com Ele (EE 221); “amar e servir” (EE 233). O processo desencadeia uma “transformação progressiva” que modifica a percepção da realidade e “a maneira de estar presente nela” como seguidor de Cristo²⁴.

Na Contemplação para alcançar amor, o exercitante que mergulha inteiramente na vida de Jesus Cristo e deixa-se transfigurar por Ele, agora é convidado a contemplar “o mistério do Deus Criador e do Deus Redentor, do Deus que dá a vida e que conserva o universo, de quem tudo procede e para quem tudo retorna”²⁵. É a sua *Autocomunicação* que gera vida, livremente, e a tudo configura numa unidade indissolúvel. O êxtase desse amor é a doação plena de Si que *desce*²⁶ ao mundo e se faz presente em toda a realidade: “nos elementos dando o ser; nas plantas, a vida vegetativa; nos animais, a vida sensitiva; nas pessoas, a vida intelectual (EE 235). Esse convite sustenta o caminho da Contemplação e assinala a importância de percorrê-la, entregando-se a uma experiência de desarmar-se das defesas, desfazer-se das garantias, despojar-se de si mesmo, do “eu” egoísta, e audaciosamente, na mais absoluta nudez, navegar pelos mares insondáveis do Mistério, sem rota, sem cais, sem medo. Livre, entregue, abandonado nas mãos bondosas do Amor.

²² PALAORO, 1992, p. 79.

²³ PALÁCIO, Carlos. *Os “mistérios” da vida de Cristo nos Exercícios Espirituais*. ITAICI- Revista de Espiritualidade Inaciana 8, 1992, p. 40.

²⁴ Ibid., p. 38.

²⁵ Op. cit., 1992, p. 115.

²⁶ Karl Rahner é provavelmente o único teólogo que usa este termo com propriedade para explicitar a autocomunicação de Deus, na Palavra eterna, que desce à Criação e permanece na história dando a Si mesmo e em contrapartida, deseja que o ser desça ao mais secreto de si e encontre-se com Ele.

“A oração de contemplação é o protótipo da oração afetiva, e por isso é também conhecida como ‘oração do coração’, para distingui-la de outros modos de orar”²⁷. Não é um modelo exclusivo criado por Inácio, mas ele acrescenta a *imaginação* como um elemento chave que a distingue da contemplação clássica, iniciada na tradição cristã com os Padres da Igreja. Estes exaltam o grande valor da contemplação, não como um fim em si mesma, mas uma mediação para se alcançar a união plena com Deus. Apoiados na certeza de que há no espírito humano uma necessidade de “nutrir-se da verdade”, contemplar é então a melhor maneira de obter a satisfação de tal desejo, tendo em vista aderir ao mistério da fé de forma absoluta²⁸. Tem fundamental importância na vida monástica e perpassa a história dos grandes místicos como São João da Cruz, Teresa de Ávila e tantos outros com características próprias e muita vitalidade, gerando inúmeros frutos.

Contemplar é um *escavar, perfurar* a superfície do coração e alcançar o núcleo mais secreto que contém os sinais do Mistério²⁹. Entrar no espaço sagrado onde habita o Transcendente, inebriar-se de sua presença inefável e, no silêncio deslumbrado, submergir nesse mistério e “ver”³⁰ além das realidades externas e aparentes. Atravessar a densidade do humano e chegar à transparência, num encontro que a tudo transfigura. “Vai além dos lábios e da mente, portanto, não centrado no processo discursivo dos pensamentos, mas sim, situa-se em chave de amizade, de gratuidade, de fascinação, cercada do enamoramento”³¹. Aparenta ser ineficaz, pois não é especulação, nem discurso, nem reflexão teológica ou exegética³², mas simplesmente contemplação, sensibilidade que saboreia internamente. Instrumento poderoso para se chegar ao conhecimento interno, profundo e afetivo do Deus-Amor.

Na contemplação o mestre, o guia é Deus mesmo. Ele é o que leva o exercitante com sua linguagem de moções: consolações, desolações, luzes, obscuridades, quietudes... por caminhos insondáveis do Espírito. A técnica, o modo que propõe Inácio, é um meio, um instrumento, porém, “*o que conduz a contemplação*” é o Senhor. O sujeito só tem que dispor-se, entrar nela com “*grande ânimo e generosidade para com seu Criador e Senhor*” (EE 5), deixando que o Senhor irrompa na alma³³.

²⁷ GUILLEN, Antonio T. Contemplación. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Ediciones Mensajero; Santander: Editorial Sal Terrae, 2007, p. 445.

²⁸ BERNARD, Ch. A. Contemplação. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas; Portugal: Paulistas, 1989, p. 185-186.

²⁹ BORRIELLO, L. CARVANA, E. DELGENIO, M.R.; SUFFI, N. Contemplação. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 261.

³⁰ Ver com os olhos interiores, esta é a grande novidade de Inácio ao propor a *contemplação*. Ver a cena bíblica para entrar nela e captar o que de mais essencial ela contém.

³¹ GUILLEN, 2007, p. 446.

³² ARZUBIALDE, 2009, p. 331.

³³ *Ibid.*, p. 113.

A Contemplação para alcançar amor traça seu caminho envolvendo a totalidade das dimensões humanas. *Afeto, imaginação, conhecimento interno*, integram-se numa relação ritmada e harmoniosa, que preparam o exercitante para mergulhar integralmente na “lógica trinitária do amor”, em cujo núcleo está a Bondade divina imersa em toda a Criação, doando-Se infinitamente, provocando na vida humana a entrega sincera da *memória*, da *vontade*, do *entendimento* e da *liberdade*. É oração e tem força suficiente para transformar coração e realidade, potencializando as estruturas fundamentais do ser e aflorando a criatividade, o encanto, a beleza, a reciprocidade.

2.1 O ritmo dos elementos essenciais

O *ritmo*, no universo musical, significa “a combinação harmoniosa de sons, vozes, palavras, incluindo as pausas, os silêncios e os cortes necessários para que soe de forma agradável aos sentidos”. Sua ação na vida humana é inquestionável, pois tanto nas coisas internas quanto nas externas tudo passa pelo seu fluir. Ele é que proporciona a realização do movimento com naturalidade numa sequência regular e progressiva. Se falta a habilidade rítmica, faltam as pausas, os pontos, o alinhamento primordial, a duração, a sucessão³⁴.

De maneira análoga, a oração em sua forma estrutural, também possui essa capacidade de combinar elementos diferentes, tais como silêncio interior, consciência corporal, disposição do coração, afetividade, imaginação, desejo, com o intuito de interligá-los e ordená-los, numa perspectiva de conduzir o exercitante a um processo de evolução, que atravessa cada etapa da dinâmica oracional, permitindo sua interiorização gradativa. Entrar no ritmo da oração é deixar-se mover pelo Espírito Santo que cria harmonia e receptividade, tempo e espaço necessários para o encontro e a relação pessoal e imediata com Deus.

O ritmo da Contemplação para alcançar amor é intenso e provocativo. Exige a capacidade de atenção e escuta, – presentes desde o início dos Exercícios –, colaboradores indispensáveis no processo de concentrar-se, possibilitando que a oração seja ritmada em seu desenvolvimento e evite o dano da dispersão que conduz a pessoa que ora por outras vias. Da mesma forma, entrar no ritmo com “ânimo e generosidade” (EE 5,1) exclui restrições e limites e permite um avançar na entrega total de si mesmo à atividade espiritual, buscando com ardor as profundezas do coração.

³⁴ www.conceito.de/ritmo.

Inácio propõe a mesma estrutura inicial em cada *contemplação* nos Exercícios, dando-lhe merecida legitimidade: “Antes de começar a contemplação ou meditação, deve-se fazer sempre a oração preparatória, sem mudá-la. Também devem ser feitos os dois preâmbulos” (EE 49). Há uma interligação explícita entre esses três elementos que conduzem de forma cadenciada à “meta de buscar e achar, buscar desejando e achar discernindo a vontade de Deus”³⁵.

Para que os Exercícios sejam uma experiência de luz e de gostos espirituais que venham de cima, Inácio fez deles uma experiência de oração. Concebidos na oração, só se realizam na oração³⁶.

2.1.1 Oração preparatória

“A *oração preparatória*³⁷, consiste em pedir a graça a Deus nosso Senhor para que todas as intenções, ações e operações sejam puramente ordenadas a serviço e louvor de sua divina Majestade” (EE 46). É uma “prescrição metodológica” de Inácio presente desde a primeira semana que, por sua própria determinação, permanece constante e invariável ao longo de todo processo dos Exercícios (EE 49). Inspira seu itinerário e apresenta-lhe um horizonte constante de “encerrar em si o núcleo da experiência vivida no Princípio e Fundamento”, em cuja base está a consciência da realidade de que a vida humana é criada para “louvar, reverenciar e servir a Deus”³⁸, desejando e escolhendo somente aquilo que *mais* conduz ao *fim*” (EE 23).

Diante dessa compreensão, a oração preparatória apresenta a condição de possibilidade de “deslocar a criatura para colocar no centro o Criador”³⁹, movendo todo o seu mundo interior em uma única direção do “serviço e louvor”. Expressa de forma ajustada a radicalidade do esvaziamento de si exigida desde o início da trajetória com o Deus de Jesus Cristo “que sendo rico de todas as coisas, despojou-se de tudo para nos dar exemplo” (CE 11), abrindo os horizontes da existência humana que procura pelo sentido⁴⁰ do que seja configurar-se à vida d’Ele que vive a verdadeira e livre *Kenosis*.

³⁵ GARCÍA HIRSCHFELD, Carlos. Preâmbulos. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1472.

³⁶ CUSSON, Gilles. *Experiencia personal del misterio de salvación*. Madrid: Apostolado de La Prensa, 1973, p. 100.

³⁷ Presente nos EE 46, 55,2, 65,2, 91,2, 101,2, 110,2, 136,2, 149,2, 190,2, 218,1, 231,3.

³⁸ GARCÍA HIRSCHFELD, Carlos. Oración Preparatoria. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1377.

³⁹ SANTANA, Roberto González. *En todo amar y servir: estudio sincrónico sobre el texto de los Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola*. México: Obra Nacional de la Buena Prensa, 2000, p. 103.

⁴⁰ SOBRINO, Jon. *O Cristo dos Exercícios de San Ignacio*. Santander: Sal Terrae, 1990, p. 24-25.

Essa *oração* inicia o movimento ritmado do caminho da *contemplação*, acentuando o ordenar consciente de *toda* a pessoa, ponto fulcral que conduz de forma objetiva e incondicional à finalidade dos Exercícios: mover os afetos à uma constante e ininterrupta ordenação na direção de encontrar a vontade divina (EE 1).

2.1.1.1 A ordenação do “afeto”

A importância dos afetos para Inácio de Loyola é expressa nos Exercícios das mais variadas formas. Ele afirma nas anotações que em todo o itinerário usa-se “o entendimento, refletindo, e a vontade afeiçoando-se” (EE 3). Portanto, o exercitante é convidado a “despertar mais os afetos com a vontade” (EE 50,6); chegar a uma “exclamação admirativa, com intenso afeto” (EE 60); reconhecer que Deus tem se dado a Si mesmo “ponderando com muito afeto” (EE 234); encher-se de gratidão pelo quanto Ele tem comunicado seu amor e despertado desejos de responder a Ele, amando⁴¹. Essa dinâmica impele a pessoa a estabelecer com Deus uma união das vontades, que resulta numa comunhão vital do Amor.

O afeto suficientemente ordenado inclina-se de modo natural e espontâneo a desejar só a Deus como bem supremo. Todo o método de Inácio é orientado para a ordenação desse afeto, e neste ponto, sua originalidade é extraordinária diante da realidade que o cerca, principalmente em se tratando do ambiente eclesial em que vive⁴². Aí reside sua grande força e o segredo da permanência dos Exercícios no decorrer da história, pois toca num ponto, que mesmo suscitando controvérsias, resistências e temores, dificuldades que inibem o entendimento, a afetividade é fundamental em qualquer época e lugar, pois faz parte da constituição humana, ainda que negada, malvista ou deixada de lado.

Ele valoriza dignamente o terreno afetivo ao inserir em seu seio a semente da instauração de um novo objeto de amor: “Jesus e seu Reino”⁴³. Para chegar a esse fim, é preciso que “todas as intenções, ações e operações sejam puramente ordenadas” (EE 231,3). Essa linguagem da totalidade usada por Inácio nos Exercícios deixa claro que a experiência de Deus exige a entrega de “tudo” com generosidade, sem mesquinhez ou reservas, pois só assim a ordenação interior conduzirá a pessoa que ora a uma verdadeira descoberta do que é ser livre.

⁴¹ DOMÍNGUEZ, Luis M. *Afecto. Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 95.

⁴² Final da Idade Média, que ainda carrega marcas profundas da negação ou quem sabe do desconhecimento da afetividade como algo intrínseco no ser humano.

⁴³ DOMÍNGUEZ MORANO, 2003, p. 140.

A totalidade tem um lugar especial na Contemplação para alcançar amor, que além de estar presente na *oração preparatória*, encontra-se também no *pedido da graça*, cujo querer está voltado inteiramente para “em *tudo* amar e servir” (EE 233); no primeiro ponto, em sua oração de entrega “Tomai, Senhor, e recebei”, aparece com destaque diversas vezes: “*toda* a minha liberdade, memória, entendimento, vontade”, “*tudo* o que tenho ou possuo”, “*tudo* é vosso” (EE 234); no terceiro ponto que diz “em *todas* as coisas criadas” (EE 236); e ainda no quarto ponto, onde se refere a Deus como fonte de “*todos* os bens e dons” (EE 237). Tudo na criatura foi feito para direcionar-se ao Criador, *todas as intenções, ações e operações*.

As *intenções* são as infinitas possibilidades e desejos que existem na pessoa, vivenciados como projetos e direcionados ao futuro que ainda não se tem domínio. As *ações* ou movimentos, impulso e energia, manifestações, são o resultado final do processo, sua práxis no tempo presente em contato com a realidade⁴⁴. As *operações* se movem no seu mundo interior, onde é formada a personalidade e faz emergir os atos concretos. A essas faculdades que a tornam profundamente humana, juntam-se também a *memória*, em que é possível reviver e assumir o passado ou tirar proveito das inúmeras experiências; o *entendimento*, como a capacidade de entender para comparar, julgar e deduzir outras coisas a partir das que já se conhecem, e a *vontade*, potencial de decidir, levar adiante o que quer e deseja⁴⁵. É o espaço onde moram as afeições⁴⁶.

“Puramente ordenadas a serviço e louvor de sua divina Majestade” se contrapõem à desordem que a finalidade descrita na primeira anotação deixa claro: “todo modo de preparar e dispor a alma para tirar de si todas as afeições desordenadas” (EE 1). Isso implica uma participação integral da pessoa e uma “ação misteriosa de Deus em sua alma”⁴⁷. Por isso, a *oração preparatória* coloca em ordem os movimentos internos do exercitante e dá o ritmo inicial da Contemplação, orientando seu coração para aprofundar um pouco mais no próximo passo, a *composição do lugar*, onde é possível ver além das realidades externas, usando a imaginação como instrumento valioso nesse percurso.

Pois o ser humano que não pode se ocupar inteiramente do único necessário deve, pelo menos, colocar todo o seu ser em ordenar todos os diferentes negócios que o ocupam e solicitam (CE 11).

⁴⁴ MELLONI, 2001, p. 114.

⁴⁵ GARCÍA HIRSCHFELD. *Oración Preparatoria*, 2007, p. 1378.

⁴⁶ MOLINA, Diego. *Meditación con las tres potencias*. Manresa 81, 2009, p. 105-106.

⁴⁷ DOMÍNGUEZ MORANO, 2003, p. 146.

2.1.2 Composição do lugar

A *composição do lugar*⁴⁸, primeiro preâmbulo das *contemplações*, “não é um simples meio para manter entretida a imaginação, mas um recurso utilizado com criatividade na realização do fim proposto em cada exercício”⁴⁹. Quando Inácio a propõe, manifesta uma necessidade concreta da implicação afetiva na cena em que todo o exercitante esteja envolvido no processo da oração. “Aqui se deve notar: na contemplação de realidades visíveis, como, por exemplo, quando se contempla a Cristo nosso Senhor, que é visível, a composição consistirá em ver, com os olhos da imaginação, o lugar físico onde se encontra o que quero contemplar” (EE 47,2-3).

É o “pano de fundo em que se tece o processo de cada exercício”. Aguça a sensibilidade interior e torna possível concentrar-se, evitando a dispersão⁵⁰. Ajuda o exercitante a colocar-se na presença de Deus e tomar posse do conteúdo imaginativo, que serve de referência para o desenvolvimento da *contemplação* a ser realizada, a partir de uma “situação existencial, penetrando, por meio de imagens, na realidade divina, introduzindo-o, por meio do experimental visível, ao mundo sobrenatural, invisível”. Não é manter fixa a imaginação, mas servir-se dela “para passar, do visível, onde se expressa o mistério, à realidade invisível” (EE 47,1)⁵¹.

Na Contemplação para alcançar amor, a *composição de lugar* é “ver como estou diante de Deus nosso Senhor, dos anjos e dos santos que intercedem por mim” (EE 232). Esse cenário de intercessão é bastante valorizado por Inácio, pois implica ver com o olhar agradecido e contemplativo o ambiente celestial, onde os santos que experimentam o amor do Pai, encontram-se disponíveis a intercederem pelos irmãos e irmãs. Em seu *Diário Espiritual* retrata muito bem essa convicção: “Perguntando-me por onde começaria, lembrando-me que poderia começar pelos santos, recomendei-me a eles, a fim de que fossem meus intercessores junto da Santíssima Trindade” (DE 46). Para ele a existência humana está sempre em comunhão com todos que a precederam na terra⁵².

⁴⁸ Presente nos EE 47. 55. 65. 91. 103. 112. 138. 151. 192. 220. 232.

⁴⁹ ZAS FRIZ, *Composición de lugar*, 2007, p. 360.

⁵⁰ PALAORO, 1992, p. 81.

⁵¹ Nota de rodapé 63, p. 33.

⁵² Este pensamento entra em sintonia com a teologia da Oração Eucarística. Nela, as *intercessões*, exprimem que a “Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, tanto celeste como terrestre, e que a oblação é feita por ela e por todos os seus membros, vivos e defuntos, os quais foram chamados a participar da redenção e da salvação adquiridas pelo Corpo e Sangue e Cristo” (Missal cotidiano. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 8*). Há uma troca de dons entre o céu e a terra, a “comunhão dos santos”, professada no *Credo*.

A composição de lugar é um horizonte amplo que, com os afetos ordenados, facilita ver além. Ajustado à *petição da graça*, “os dois preâmbulos assinalam ao longo das quatro semanas o ritmo do desejo e da vontade, ajudados pela imaginação e marcam de modo singular a mistagogia dos Exercícios”⁵³, guiada pelo Espírito Santo, visando somente o encontro afetivo e efetivo com o olhar de amor infinito de Deus. A pessoa por inteira mergulha na vastidão do mar interior rompe com fronteiras de tempo e espaço, alcançando o que só os olhos da imaginação podem ver.

2.1.2.1 Ver com os olhos da “imaginação”

A imagem é o elemento chave no conhecimento humano para chegar à união com Deus na Contemplação: “ver com os olhos da imaginação o lugar físico, onde se encontra o que quero” (EE 47,3). Vai além dos discursos racionais, das considerações particulares, da vontade ou das decisões. “Digo ‘lugar físico’, por exemplo, o templo ou o monte onde se encontra Jesus Cristo ou Nossa Senhora, conforme aquilo que quero contemplar” (EE 47,4). É uma forma de ordenar e representar a realidade sensível que permite imergir no mistério trinitário, tirando o ser de dentro de si mesmo e fazendo-o participante da vida divina⁵⁴.

Essa é a grande novidade de Inácio de Loyola “que está convencido de que todo ser humano dispõe da capacidade de pensar graficamente (imaginação)”⁵⁵. Por isso, faz dela um aporte precioso no caminho da oração, conduzindo ao conhecimento do coração a fim de tornar todas as coisas presentes e significativas em Deus. Acende a chama da verdade na escuridão da mente que por vezes se alimenta de temores. “Quando se trata de realidades invisíveis, como é aqui o caso dos pecados, a composição consistirá em ver com os olhos da imaginação, e considerar aprisionado neste corpo corruptível todo o meu ser humano” (EE 47,5-6).

Soltar a imaginação e realmente se ver na cena concreta permite captar o significado do mistério e atualizar no aqui e agora o acontecimento evangélico que ocorreu. “Ver com o olhar da imaginação, as sinagogas, cidadezinhas e povoados por onde Cristo nosso Senhor pregava” (EE 91,3). Não é estudo de topografia, nem história ou geografia. É uma intuição, não um fim em si mesma, mas sim, um passo a mais para colaborar com a *contemplação*, ampliando os horizontes da sensibilidade interior.

⁵³ ZAS FRIZ, 2007, p. 360.

⁵⁴ HORMAZA, Maria Luz. *La contemplación ignaciana, camino de encuentro*. Manresa 81, 2009, p. 114.

⁵⁵ FRICK, Eckhard. *Imaginación. Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 990.

Todavia, a imaginação tem sua ambiguidade e pode tranquilamente levar por outros caminhos que não sejam o do encontro com o Senhor. “O inimigo costuma propor prazeres aparentes às pessoas que vão de pecado mortal em pecado mortal, fazendo-as imaginar deleites e prazeres sensuais” (EE 314). Por isso, Inácio chama a atenção para usar os sentidos espirituais, pois, “não é um recurso para sujeitar a fantasia”⁵⁶, mas instrumento para assegurar-se da presença divina e centrar-se na afetividade. É um simples deixar-se olhar, tocar, assombrar-se, afetar-se pelo que se contempla. Exige uma disposição para entrar na cena descrita e ver, ouvir, observar, sentir, prestar atenção, fazer parte, saborear⁵⁷. O cenário que a imaginação cria permite que aconteça a *petição*, autêntica chave espiritual da graça que se espera alcançar⁵⁸.

2.1.3 Petição da graça

A *petição da graça*⁵⁹ é o segundo preâmbulo proposto por Inácio e descreve de forma clara o quanto os desejos são fundamentais, capazes de mobilizar “todas as faculdades e capacidades da pessoa, sendo reflexos da vontade divina”⁶⁰. “Pedir o que quero” (EE 233) representa muito bem que “desejo” e “querer”⁶¹ permeiam todo o caminho do Exercícios, levando o exercitante a comprometer suas energias em função de alcançar o fruto almejado em cada etapa do percurso. O desejo diminui a distância entre o Amado e o amante, favorecendo o encontro e a reciprocidade. Porém, “quando entra em desordem, introduz a pessoa no campo das rasas ilusões, das fantasias inconsistentes a até mesmo do delírio incoerente”⁶².

Ao expressar a *petição*, o exercitante coloca fortemente que quer a intimidade com o Senhor, pois tem sede e reconhece a própria indigência, manifestando a vontade de vê-la satisfeita. “Para que a oração dê seu fruto é preciso expressar a Deus o que se deseja, segundo as necessidades que o Espírito faz sentir e segundo a graça própria ligada ao assunto em questão” (EE 48)⁶³. Pedir o que se quer e deseja expressa uma autêntica liberdade e significa o quanto a graça a ser alcançada, mediante a fé, é condição de possibilidade de conhecer verdadeiramente.

⁵⁶ GARCÍA HIRSCHFELD. Preâmbulos, 2007, p. 1471.

⁵⁷ HORMAZA, Manresa 81, 2009, p. 117-118.

⁵⁸ GARCÍA, José. *De los Ejercicios a la vida ordinária: La Contemplación para alcanzar amor*. Manresa 79, 2007, p. 157.

⁵⁹ Encontra-se também nos EE 48. 55,4. 65,4. 91,4. 104. 139. 152. 193. 221.

⁶⁰ PALAORO, 1992, p. 82.

⁶¹ Encontram-se nos EE 20. 98. 167. 199. 350.

⁶² DOMÍNGUEZ MORANO, 2003, p. 141-142.

⁶³ Nota de rodapé 66, p. 33.

Não equivale a desejar um conhecimento externo, mas conhecer por dentro, a partir de dentro, de modo que toque todas as fibras da interioridade. Trata-se de conhecer internamente para aprender a “amar e servir”. “Deve ter algo a ver com o amor ao Senhor e com o amor àquilo que ele mostra, que é amar”⁶⁴. É viver no mundo como lugar onde Ele se revela e espera pelo amor e o serviço de cada um dos seus filhos e filhas, aprendizes de que “tanto amor recebido gera um amor totalmente entregue”⁶⁵.

2.1.3.1 A profundidade do “conhecer, amar e servir”

A intuição de Inácio em relação ao conhecimento interno já está veiculada à primeira semana, em que o exercitante pede a graça do “conhecimento interno dos pecados” (EE 63,2). Há um trabalho de autoconhecimento em que ele se reconhece pecador, compreende o poder letal do pecado, encontrando a redenção no olhar misericordioso de Deus. O enfoque é moral, sedimentado na dinâmica do pecado e da misericórdia, mas ao mesmo tempo, favorece o crescimento da consciência psicológica empenhada em conhecer o próprio “eu”. Sem esse conhecimento mais profundo de si mesmo é impossível voltar-se para fora e conhecer o outro⁶⁶. Desse modo, o primeiro movimento do conhecer internamente está em olhar para dentro do ser.

Na segunda semana, ele usa “conhecimento interno do Senhor que por mim se fez homem, para que mais o ame e o siga” como uma graça a ser pedida na contemplação da Encarnação de Jesus (EE 104,3), tendo em vista alcançar um ardente amor por Ele que se traduza em abandono total em Suas mãos. O conhecimento aqui é concreto e brota do ato de contemplar, provocando o sair de si em direção ao Outro.

Na “Contemplação para alcançar o amor”, o enfoque é no “conhecimento interno de tanto bem recebido, para que, inteiramente reconhecendo, possa em tudo amar e servir à sua divina Majestade” (EE 233). A experiência de conhecer afeta o núcleo mais íntimo da pessoa e abre espaço para a gratidão universal a Deus, doador de dons, impulsionando o ser, visto que, conhecimento que não culmina no amor não é autêntico, e se não é serviço, é enganoso⁶⁷. “Tudo vem de Deus e deve ser a Ele dirigido, na comunicação do amor, no Espírito Santo” (EE 233)⁶⁸.

⁶⁴ VÁZQUEZ, 2005, p. 10.

⁶⁵ GARCIA, 2007, p. 157.

⁶⁶ LACERDA, Milton Paulo. “*Em tuas mãos, Senhor...!*”: aspectos psicológicos da petição da 2ª semana dos EE. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 76, 2009, p. 52.

⁶⁷ PALÁCIO, 2013, p. 164.

⁶⁸ Nota de rodapé 216, p. 92.

Tal conhecimento não é o abstrato e intelectual que a razão moderna enfatizou, nem está relacionado somente a sentimentos e emoções incontroláveis. É um ato que envolve a pessoa como um todo na sua dimensão antropológica mais profunda. Suas raízes estão fincadas no coração, onde afeto e desejo são imprescindíveis no movimento de ver a partir de dentro e se identificar com o que é visto, numa dinâmica crescente de autoconhecer-se⁶⁹.

É conhecimento experimental de tanto amor recebido gratuitamente (operativo e comunicativo) para que, ao se sentir tão amado, sintam-se movidos a amar, oferecendo-se. Servir é um modo do amado comunicar-se com o amante. “Em tudo amar e servir significa participar na missão do Filho, único Salvador dos homens e do mundo”⁷⁰, e saborear a bondade de Deus. Isso não é uma norma a ser seguida nesse itinerário da oração, mas impulso vital nascido dos desejos mais profundos de realmente alcançar a graça de conhecer esse amor, que plenifica a estrutura humanamente divina de cada ser.

Conhecer, amar e servir refletem a compreensão de Inácio a respeito do ser humano, acentuando a força da purificação que limpa as “três janelas da vida cristã: o conhecimento, que sem purificar-se cai facilmente nas ilusões e ideologias; o amor que se desvia para afeições não trabalhadas, e o serviço que se perde nos radicalismos e disputas”⁷¹. Inácio pede sempre muito cuidado, porque o mau espírito penetra essas vias, modifica percepções e impede a capacidade de avançar. “Pois é próprio do mau espírito remorder, entristecer e pôr impedimentos, inquietando com falsas razões para que a pessoa não vá adiante” (EE 315,2).

O que realmente é conhecido é possível comunicar a outros. Há uma intensa relação entre conhecimento e amor, que São João tão bem define: “porque conhecemos o Filho, estamos em comunhão com ele” (1Jo 2,3). Conhecer é se dispor a entregar-se ao Amor apaixonadamente. Inácio é convicto disso e assume que sua missão está impregnada desse desejo ardente: “Animarei as pessoas a melhor conhecer e amar seu Criador e Senhor” (CE 21).

A oração nunca te deixa onde te encontras. Leva-te sempre para outro lugar, mesmo quando as palavras se repetem. É um pouco como caminhar, os passos são sempre iguais, mas devagar, vais avançando ao encontro de novas paisagens. [...]. A oração tem ajudado a mudar a tua relação com Deus e com os irmãos. Mudou e continua a mudar a tua paisagem interior, levando-te a lugares que não conhecias⁷².

⁶⁹ PALÁCIO, 2013, p. 159.

⁷⁰ SAMPAIO, Revista de Espiritualidade Inaciana 68, 2007, p. 35.

⁷¹ LIBANIO, João Batista. *A petição da segunda semana dos Exercícios: “conhecimento interno para que eu mais o ame e o siga”* (EE 104). ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 76, 2009, p. 39.

⁷² www.passo-a-rezar.net.

O ritmo que marca a *oração preparatória*, a *composição do lugar* e a *petição da graça*, permite ao exercitante penetrar consciente e devagar no “coração do mistério”, onde pulsa incansavelmente a força fecunda do Amor em sua lógica interna, que traz a bondade do Pai, a misericórdia do Filho e a sabedoria do Espírito a todos os seres humanos.

2.2 A lógica trinitária do amor

“Deus-Amor é a fonte e a meta de todos os bens, entre outros, de nossa capacidade de amar a Deus e por Deus”⁷³. Ama e se entrega pessoalmente à sua criatura: “Ele nos amou primeiro” (1Jo 4,10.19). A experiência mística do Cristianismo é de um Deus que *desce*, se encarna na condição humana e assume viver a História a partir de dentro, em sua carne visível. A Encarnação de Jesus Cristo traz consigo a cruz e a redenção, de modo que toda a Criação é convidada a fazer-se partícipe desse dom de amor. Sem esta dinamicidade salvífica não há “aliança entre carne e Espírito”.

Inácio é antes de tudo um místico trinitário que vê os sinais da Trindade em todo o universo. Quanto mais se aproxima, mais se surpreende ao descobrir “que a vida divina reveste uma intensidade, uma diversidade, um movimento, que provam, melhor que qualquer afirmação especulativa, quão familiar lhe é, e marca seu ensinamento o mistério das Três Pessoas”⁷⁴. Sua mística vê todo o sentido da existência nesse amor desmedido e oblato.

Põe em movimento três polos interagentes que se fecundam reciprocamente: o eu (a pessoa humana que experimenta), o Outro (Deus, o Absoluto pessoal com quem a pessoa é convocada a relacionar-se) e os outros (os semelhantes a quem esta pessoa é chamada a servir como consequência de sua relação amorosa com Deus)⁷⁵.

Ele experimenta a Trindade na “Ilustração do Cardoner”, quando seu entendimento é elevado e torna possível vê-la na figura de três teclas (Aut. 28), expandindo-lhe a percepção profunda de como Deus criara o mundo (Aut. 29). Toda “a criação saiu das suas mãos de Pai (*descenso*) e tornou-se *linguagem* de amor ao homem, fazendo com que tudo retorne a Ele na liberdade guiada pelo amor (*ascenso*)”⁷⁶.

⁷³ TEJADA, Darío López. *Los Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola: comentario y textos afines*. Madrid: Edibesa, 2002, p. 667.

⁷⁴ LERA, Manresa 63, 1991, p. 183.

⁷⁵ BINGEMER, Maria Clara. *Eu, o Outro e os outros: mística inaciana em tempo mutantes e conflitivos*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 62, 2005, p. 6.

⁷⁶ ARZUBIALDE, 2009, p. 561.

Inácio fala das “Três Pessoas”⁷⁷ mais explicitamente na Encarnação do que na Contemplação para alcançar amor. Nela, ele apenas mostra a ação de cada uma das Pessoas, pedindo ao exercitante para “recordar os benefícios recebidos da criação, redenção e dons particulares” (EE 234). Todo amor experimentado nesse caminho sustenta sua fé em crer que o Pai ama e salva por meio do Mistério Pascal do Filho, que desde a cruz irradia o Espírito Santo sobre toda a humanidade⁷⁸.

“Essa Contemplação reúne de uma maneira nova, essencialmente especulativa, a substância dos diversos temas que as quatro semanas têm proposto em uma sucessão histórica, cujo núcleo tem sido a vida de Cristo”⁷⁹. É uma recapitulação. Aponta para a estreita relação entre as quatro semanas dos Exercícios Espirituais e os quatro pontos da Contemplação. Há semelhanças entre muitos verbos comuns, presença de termos essenciais e similitude das principais imagens utilizadas.

Os quatro pontos da Contemplação são uma ação pedagógica de Inácio, níveis de aprofundamento para descobrir a presença amorosa de Deus em todas as coisas. Apresenta-se primeiramente entre Ele que se dá e o ser humano que responde, dando-se a si mesmo; reconhece a presença divina em todas as criaturas, aflorando a consciência da dignidade que há no corpo, templo do Espírito Santo; percebe Sua atuação no universo e a colaboração a que todos são chamados a dar; mostra que da Fonte de onde tudo brota, faz nascer com força o desejo do dom de si entregue aos outros.

Comunicação, gratidão, cooperação e entrega sintetizam esses quatro pontos e os transformam em uma via espiritual, que alcançam os graus de profundidade da fé, num movimento espiral. É convite para entrar nas maravilhas do Senhor e “descobrir o quanto Deus se doa através de seus dons”⁸⁰, não como uma fantasia que tira os pés do chão da realidade, mas como um alerta para a missão de nutrir-se desse amor gratuito e levá-lo às incongruentes situações atuais. Reconhecer o amor de Deus do qual tudo procede e para o qual tudo retorna, sentir-se envolvido por esse amor e desejar compartilhá-lo com os irmãos é o fruto por excelência dos Exercícios Espirituais, o qual tende a amadurecer, alimentado na oração cotidiana, tornando o cristão contemplativo na ação, desperto e consciente, vendo o próprio Deus em todas as coisas e todas as coisas n’Ele.

⁷⁷ Sua fé trinitária é mais velada nos Exercícios em comparação com o *Diário Espiritual* e a *Autobiografia*.

⁷⁸ TEJERA, Manresa 59, 1987, p. 383.

⁷⁹ FESSARD, Gaston. *La dialéctica de los Ejercicios Espirituales de san Ignacio de Loyola*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 43, 2010, p. 208.

⁸⁰ SAMPAIO, Revista de Espiritualidade Inaciana 68, 2007, p. 38.

2.2.1 Amar por ser amado

Deus, ao longo da História da Salvação, revelou-se como o divino Doador. *No princípio* (Cf. Gn 1,1), encontra-se a Criação, e nela, Ele instaura de forma direta uma relação de amizade que o faz dizer livremente ao homem e a mulher: “Eu vos *dou*” (Gn 1,29). Na aliança com Noé repete: “tudo isso eu vos *dou*” (Gn 9,3); à Abraão promete a bênção: “para te *dar* esta terra” (Gn 15,7). Todos seus benefícios se estendem na caminhada para a terra prometida, junto ao povo escolhido. Sua promessa é realizada em Jesus quando o *doa* a toda humanidade: “Porque a lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade por Jesus Cristo” (Jo 1,17). Ele que diz à samaritana: “Se conhecesses o dom do Deus” (Jo 4,26), como Messias, a ela dá-se a conhecer. Manifesta o cume da *autodoação* em seu Sacrifício Redentor, apresentado na Ceia Pascal: “Este é o meu corpo que é *dado* por vós” (Lc 22,19) e realizado na Cruz como gesto extremo de amor: “me amou e se *entregou* a si mesmo por mim” (Gl 2,20)⁸¹.

O primeiro ponto da Contemplação (EE 234) põe às claras esse incondicional Amor que deixa suas marcas na História. Ao exercitante que o experimenta no caminho dos Exercícios, na grandiosidade de ser criatura criada por Suas mãos afáveis; na misericórdia que emana de Seus braços ao abraçá-lo como pecador; na vida entregue e fecunda do Seu “Verbo” que se fez Homem para redimi-lo e chamá-lo ao serviço, agora lhe é pedido “recordar os benefícios recebidos pela criação, redenção e dons particulares”. Trazer à memória⁸², “tirar do anonimato, das sombras cegas do passado, a incontável generosidade de Deus ao longo da vida, frequentemente invisível para os sentidos torpes”⁸³. Reconhecer que todas as coisas proclamam Sua presença no mundo e são puro dom.

Toda a extensão da Terra é encharcada por esse amor trinitário em que ao Criador é referida a *criação*, com suas estupendas maravilhas, presentes desde a pedra até o ser humano; ao Redentor, a *redenção*, que pelo sangue vertido na cruz do amor, devolve aos amigos a plena liberdade; ao Santificador, os *dons particulares* derramados nos corações dos filhos e filhas, fazendo-os participantes da vida divina. É esse o amor que vai além da percepção humana e do seu reconhecimento explícito, sem contabilidade, sem preço, sem prazo, movido simplesmente pela gratuidade infinita de quem se dá a Si mesmo ofertando os benefícios a serem reconhecidos e recordados com gratidão e afeto.

⁸¹ FINERAN, Geraldo. *O exercício da Contemplação para alcançar amor*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 1, número especial, 1988, p. 76.

⁸² Para Inácio, que bebeu nas fontes da escolástica, a memória é a primeira faculdade da alma humana e é extremamente importante na composição da personalidade.

⁸³ BUELTA, 2007, p. 226.

“Ponderando com muito afeto⁸⁴ quanto Deus nosso Senhor tem feito por mim, quanto me tem dado daquilo que tem”. Esse é um pedido que a memória recorde e o *afeto* considere a realidade em que Deus enche suas mãos e distribui com largueza tudo que tem, pois o amor que dele vem, não se saboreia em si mesmo, sai de Si e comunica-se até alcançar a plenitude⁸⁵. Suas obras doadas por pura graça elevam a um nível de comunicação em que devolver com alegria o que é recebido, torna-se natural, espontâneo, imediato, afetivo, despertando uma admiração terna que inspira uma sintonia com o Doador.

Assim, deixar que o afeto e a capacidade de ser tocado pelo essencial, invisível aos olhos da razão, sejam ativados por tudo que Deus tem feito e dado, é uma maneira de voltar o olhar sobre a criação e a redenção⁸⁶. Desse modo, é a memória, húmus de onde brota o agradecimento sincero, que mobiliza o coração a despertar e responder afetuosamente, louvando, agradecendo e bendizendo ao Criador por tantas e tão generosas graças. Inácio acentua a força sem limites que há na gratidão, enquanto postura de vida, por isso, na carta escrita em março de 1542 e endereçada a Simão Rodrigues destaca a ingratidão como um dos piores males desta terra:

Considero, em sua divina bondade e salvo melhor juízo, que entre todos os males e pecados imagináveis, a ingratidão é um dos que mais merecem ser tida como abominável diante de nosso Criador e Senhor e diante das criaturas, que ele fez para sua divina e eterna glória. Com efeito, ela é falta de reconhecimento dos bens, graças e dons recebidos. Ela é a causa, o princípio e a origem de todo mal e de todo o pecado. Pelo contrário, quanto são amados e estimados, no céu e na terra, a gratidão e o reconhecimento dos bens e dons recebidos (CE 17).

“Em consequência, como o mesmo Senhor quer dar-se a mim quanto pode, segundo sua divina determinação”. Deus dá a existência à criatura, dando-lhe de tudo o que tem, inclusive a Redenção, graças ao Filho amado. Para Inácio esse ponto é ainda mais profundo, pois além de dar seus dons, Ele quer dar-se a Si mesmo, entregar-se à sua criatura, autocomunicando-se na mais pura delicadeza. Com tanto amor, o todo amor quer amar, porque Ele é o amor. Quer unir-se ao amante e nutri-lo desse amor, assumindo-o em Sua vida. “Seu amor infinito de Criador se debruçou sobre sua criatura. Infinito que era, ele fez-se finito e quis morrer por ela” (CE 17).

⁸⁴ Inácio conhece bem a constituição humana e sabe que tudo passa pelos afetos, mas em momento algum desvaloriza o uso da razão na oração (EE 2,2-3), que para ele deve também guiar a criatura em todo seu proceder.

⁸⁵ ARZUBIALDE, 2009, p. 570.

⁸⁶ VÁZQUEZ, 2005, p. 68.

“Refletir em mim mesmo”⁸⁷ é voltar-se continuamente ao mistério até saboreá-lo internamente, deixar-se envolver por ele inteiramente. Próprio das contemplanções da segunda semana, não se trata de terminar a oração afetiva com uma conclusão lógica, mas perceber como a ação do Espírito foi evidente nos apelos sentidos, nas moções, facilitando assim a compreensão do que pode ser feito na vida com todas as vivências experimentadas na oração. É oferecer e devolver a Ele o que ele deu. Deixar que o fogo do amor divino perpassasse a existência provocando uma resposta de amor. Não se pede raciocinar e nem tirar conclusões⁸⁸.

“Considerando com muita razão e justiça o que devo oferecer de minha parte a sua divina Majestade. A saber: todas as minhas coisas e, com elas, a mim mesmo, assim como quem oferece com muito afeto”. Oferecer tudo o que se tem e é, começando pelo núcleo do ser e a raiz de todo amor e atividade: a liberdade, o querer, qualidades pessoais, tudo que do Amor gratuito recebe, com amor desinteressado o devolve⁸⁹. “É a resposta da reciprocidade humana à entrega de Deus”⁹⁰, sem reservas à amizade, com afeição, carinho, gosto. Correspondência que livremente a pessoa humana pode fazer ao dom de Deus.

2.2.1.1 “Tomai, Senhor, e recebei”

Essa oração é uma oblação irrestrita, “uma chama ardente, um místico holocausto que se consome no altar do amor”⁹¹. Entrega e resposta fecunda ao amor desmesurável do Deus-Trino, que ama incondicionalmente. O coração plenificado desse amor prorrompe em sentimentos de gratidão, oferecendo a Ele os dons que recebeu⁹² com extremada reverência.

“Tomai e recebei”⁹³. A forma imperativa desses verbos marcam a rendição decidida da criatura em dar *tudo* ao Senhor, numa total e absoluta entrega que nada mais reserva para si. É a atitude de fé de quem sabe que saiu nu das mãos d’Ele e para ele retornará⁹⁴. Tudo é dado consciente e coerentemente, de bom grado e inteiramente. É a genuína resposta de amor dada ao amor ofertado.

⁸⁷ Este exercício está proposto nos EE 106,4. 108,4. 114,3. 116,3. 122. 125. 194,1.

⁸⁸ ARZUBIALDE, 2009, p. 451.

⁸⁹ TEJADA, 2002, p. 673.

⁹⁰ VÁZQUEZ, 2005, p. 73.

⁹¹ VALENSIER, Albert. *Iniciación a los Ejercicios Espirituales*. Santander: Sal Terrae, 1952, p. 410.

⁹² JUNGUES, José Roque. *A Contemplação para alcançar amor*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 55, 2004, p. 20.

⁹³ Não são dois tempos de um mesmo movimento, mas movimento circular, alguém que oferta e pede ao outro que receba.

⁹⁴ MALDANER, Maria Fátima. *Contemplação para alcançar amor (EE 230-237)*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 14, 1993, p. 59.

“Toda a minha liberdade”. É a capacidade de saber quem se é, e por escolha, render-se sem temor, sem condições ou pretensões. Nada além do desejo de unir-se somente a Ele. União efetiva, afetiva e total. Isento das paixões que acorrentam a sensibilidade, a afetividade e a inteligência e prendem o ser em si mesmo de forma direta ou por meio das realidades criadas. Não se sujeita ao ego, podendo assim, ser desprendido em profundidade. É a posse serena de si, fruto da purificação. A liberdade concede as dádivas da decisão e da autodeterminação. É para Inácio e para toda a antropologia cristã, o campo onde pode dar-se a oferta de Deus à criatura em forma de amor livre e pessoal e a resposta igualmente livre e pessoal a esse dom é orientada ao querer divino que ensina “em tudo amar e servir”⁹⁵.

“Minha memória”. *Lugar santo* da gratidão e do louvor. Conduz ao mistério da existência. Jesus pede por ela na última ceia: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19), acentuando sua dimensão soteriológica, em que a imanência de Deus ao mundo criado é expressão do amor que existe desde sempre. Tudo está repleto da sua presença, é dom e graça.

A alegria evangelizadora reflete sempre sobre o horizonte da memória agradecida: é uma graça que precisamos pedir. Os apóstolos nunca mais esqueceram o momento em que Jesus lhes tocou o coração: “Eram aproximadamente quatro horas da tarde” (EG 13).

O “Entendimento” conduz mais profundamente à verdade de Deus. Amplia a percepção, ajuda na compreensão, impulsiona a sair das próprias verdades, pequenas, estreitas, rasas, e abraçar tudo com mais clareza e evidência. Sem ele, restringe-se aos espaços medíocres das pequenas verdades, atrai à ilusão levando ao beco sem saída do orgulho e da autossatisfação.

Inácio valoriza a inteligência na hora de fundamentar a reciprocidade do amor, pois sua preocupação por assinalar que esse movimento de retorno, tanto afetivo quanto intelectual, deve ser integral e tender a um amor de serviço, mergulhado na essência da luz original que alcança a profundidade até chegar à Origem do existir⁹⁶. “Mas quem quiser fazer uma inteira e perfeita oferenda de si mesmo deve, além da vontade, oferecer também a inteligência” (CE 40).

“E toda a minha vontade” é a força interior que com disposição e empenho escolhe, decide, quer. Não se pode estreitar em ínfimos horizontes egoístas, limitar-se ao espaço da obstinação, dos próprios interesses, dos caprichos infantis, porque assim, não se realiza sua essência maior de em Deus ser sempre amor, estendendo-se ao futuro com amplitude.

⁹⁵ VIVES, Joseph. *La espiritualidad ignaciana como espiritualidade de libertad para el Espiritu, libertad en el Espiritu, libertad de Espiritu*. Manresa 63, 1991, p. 192.

⁹⁶ FESSARD, vol. 43, 2010, p. 260.

“Tudo o que tenho ou possuo vós me destes com amor. A vós, Senhor, restituo. Tudo é vosso. Disponde segundo a vossa vontade”. A iniciativa divina é gratuita, oferta da riqueza interior, dom do Amor. Tudo é recebido por amor e é entregue ao Outro. Exige abertura para colaborar com a obra do Pai, na plena liberdade que se vê capacitada para levar a termo tal obra. É a troca entre ofertante e doador de onde nasce a vida e as mais fecundas mudanças, pois nutre-se da seiva de Deus.

“Dai-me o vosso amor e a vossa graça, pois ela me basta”. Essa afirmação equivale a uma grandiosa *epiclese* do Espírito, para que opere a transformação em Deus e faça de cada ser participante no Ressuscitado, da vida trinitária. Abertura total ao apostolado, à missão universal. Chega assim, ao sentido profundo e operativo do Pentecostes. Quem reconhece que só o amor e a graça lhe bastam, pode sentir-se livre e ordenado de toda afeição às criaturas para direcioná-lo ao Criador de todas elas⁹⁷. Amor e graça preenchem a existência cristã e dão a ela o significado de que amar é infinitamente dom para quem se sente amado. A graça basta a um coração agradecido.

Tomai, Senhor, e recebei é resposta para toda a vida e encontra eco na mística cotidiana do serviço. A sugestão de Inácio é que seja rezada nos outros três pontos: “também refletir em mim mesmo como ficou dito no 1º ponto ou sentir melhor. Da mesma forma nos pontos seguintes” (EE 235. 236. 237), expressando assim a tamanha força que ela traz em si. É entrega não só para um primeiro momento, mas para a vida toda e traduz a atitude cristã que deve permear a vida do Corpo Místico do Senhor.

Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, minha memória e entendimento e toda a minha vontade. Tudo o que tenho ou possuo vós me destes. A vós, Senhor, restituo. Tudo é vosso. Disponde segundo a vossa vontade. Dai-me o vosso amor e a vossa graça, pois ela me basta (EE 234).

Há um reflexo desse primeiro ponto da Contemplação na primeira semana dos Exercícios, quando Inácio acentua que não é o pecado com toda sua *fealdade*⁹⁸ na história humana o que mais importa, mas sim a bondade infinita de Deus, que faz o exercitante reconhecer no colóquio diante do Crucificado “como de Criador, se fez homem e como, de vida eterna, chegou à morte”, suscitando em seu coração a pergunta “o que tenho feito por Cristo, o que faço e o que devo fazer?” (EE 53).

⁹⁷ ARZUBIALDE, 2009, p. 579.

⁹⁸ Para Inácio a fealdade do pecado consiste na ingratidão e no não reconhecimento do amor de Deus (EE 57).

Esse que foi perdoado e purificado das afeições desordenadas, contempla o mundo e a si mesmo com um novo olhar. É impossível não amar a quem o enriqueceu com tantos dons. Há uma semelhança entre a oração de entrega nessa Contemplação com a primeira semana dos Exercícios nos verbos e imagens repetidas: “dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos” (EE 43); “aplicar a memória [...], depois a inteligência refletindo [...], logo a vontade, querendo recordar e compreender” (EE 50. 51. 56); “exclamação admirativa, com intenso afeto” (EE 60); “falando e agradecendo a Deus nosso Senhor por haver me dado vida até agora” (EE 61).

Neste primeiro passo (EE 234), Inácio pede ao exercitante que traga à memória os *benefícios recebidos* da Trindade. Esses vão além dos dons pessoais e alcançam a dimensão existencial-salvífica de todos os seres humanos. Na *criação, redenção e dons particulares*, a História da Salvação se faz realidade no imenso gesto de amor que espera uma resposta sincera, nascida da gratidão de fazer parte desse mistério trinitário. O próximo ponto vai além da presença dos benefícios e considera a presença do Benfeitor em suas criaturas. Agora o “olhar” precisa ver mais longe “a largura e o cumprimento, a altura e a profundidade” (Ef. 3,18) do Amor, que dá existência a cada planta, pedra, bicho, gente.

2.2.2 Deus habita todas as criaturas

“Olhar como Deus habita nas criaturas: nos elementos dando o ser; nas plantas, a vida vegetativa; nos animais, a vida sensitiva; nas pessoas, a vida intelectual” (EE 235)⁹⁹. A imanência do Deus-Trino em todo ser criado¹⁰⁰, infunde-lhe a vida e conserva-a, dando-se a Si mesmo nela. Ele “não permanece exterior à sua criação, mas habita no meio de suas criaturas [...]. O valor e significado de todas as coisas provém não delas, mas da presença de Deus em seu interior, pelo seu Espírito”¹⁰¹. Inácio é tão seguro dessa verdade que a reafirma nos Exercícios Espirituais: “Os perfeitos, graças à assídua contemplação e iluminação do entendimento consideram, meditam e contemplam mais como Deus nosso Senhor está em cada criatura, segundo sua própria essência, presença e poder” (EE 39,6).

⁹⁹ Este “esquema tradicional”, provavelmente provém da “Teologia Naturalis” da época, a qual dividia os seres criados em quatro gêneros: os que possuem o ser (reino mineral), os que além disso possuem a vida (reino vegetal), os que vivem e sentem (reino animal), e os que a tudo isso somam a inteligência e a liberdade. É possível que Inácio acrescente a vida sobrenatural pela qual o homem recebe em si a imagem de Deus e se converte por ela em seu templo.

¹⁰⁰ Inácio retira esta ideia da imanência do pensamento escolástico apreendido durante seus estudos.

¹⁰¹ BINGEMER, 1990, p. 311.

“As criaturas são veículos de Deus e por conseguinte, fontes de contemplação”¹⁰². Ele se dá a Si mesmo a todas elas na profundidade do seu dom. *Está* em tudo, inunda tudo¹⁰³. Tudo é sagrado, permeado pelo seu Santo Espírito e interligado por um único fio de amor. Paulo dilata o horizonte dessa presença quando diz que “Nele vivemos, nos movemos, existimos” (At 17,28).

“O mundo todo está em Deus”¹⁰⁴ e é sinal visível da sua Bondade amorosa, que mesmo em meio ao mal, é sacramento de amor. Na medida em que a criação evolui, mais visível e transparente torna-se a ação do seu Espírito vivificante, despertando uma alteridade operante já existente em cada coração. Em vista disso, o corpo expressa de forma digna a presença divina, sendo templo que abriga o Amor. Carece de ser respeitado em todas as suas dimensões, amado como é, cuidado em sua fragilidade, e disponível em ser dom para outros.

2.2.2.1 O corpo é templo do Espírito

“Do mesmo modo em mim, dando-me o ser, o viver, o sentir e o entender. E também fazendo de mim o seu templo, criado à semelhança e imagem de sua divina Majestade” (EE 235,2). O Espírito Santo, que habita em plenitude o ser, faz dele, templo, santuário e altar do Deus-Trindade: “Sois templo de Deus e o Espírito Santo habita em vós” (1Cor 3,16). Assim, as criaturas apresentam a imagem da Trindade. Essa realidade configura-as dando-lhes dignidade, que mesmo em meio às maiores dores e aos mais tristes pecados, essa divinização mantém-se, ainda que escondida como uma brasa sob as cinzas à espera de um sopro que a reacenda.

E mesmo que muitas criaturas não abram a porta desse sumo bem, pois perderam a chave nas calamidades da vida, os traços da perfeição divina são visíveis, umas com a graça, outras com a força, outras com a inteligência, a fé, a bondade, a resistência, a sabedoria, a compaixão, apesar da exterioridade refletir a fealdade do pecado. Todas, sem exceção, são filhas e filhos amados do Pai, criados por amor “à sua imagem e semelhança” (Gn 1,26). Inácio insiste que seus companheiros de apostolado olhem as criaturas “como banhadas no sangue de Cristo, imagens de Deus e templo do Espírito” (CE 77)¹⁰⁵.

¹⁰² LEWIS, Jacques. *Conocimiento de los Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola*. Santander: Sal Terrae, 1987, p. 150.

¹⁰³ Contrário ao Panteísmo que afirma que Deus é tudo e se mistura em sua abrangência e imanência, para Inácio, sua imanência *está* em todos os seres, mas separada da sua Transcendência.

¹⁰⁴ VÁZQUEZ, 2005, p. 91.

¹⁰⁵ Tradução espanhola: IPARRAGUIRRE, Ignacio. *Obras Completas de San Ignacio de Loyola*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, vol. 820, 1952.

Por isso, cada ser humano é um dom para o outro. Ao ver que “Deus habita todas as criaturas”, o exercitante recupera a visão em sua limpidez original, enxergando todas as coisas do “ponto de vista da Redenção”, em que a novidade da Contemplação para alcançar amor não é comunicar “a ilusão das coisas bonitas”, mas descobrir a beleza, onde parece não existir. Relacionar a realidade concreta com a “história de Deus” presente nela, “com a encarnação, a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus”¹⁰⁶.

Esse ponto remete à segunda semana nos seus elementos fundamentais, em cujo centro está a Encarnação e o seguimento de Cristo (EE 91-109). O “Verbo de Deus”, de condição divina, por amor, se faz homem e habita no mundo entre os seres humanos, tornando templo, o seio de Maria que O acolhe. Inácio assim descreve esse mistério:

Lembrar a história do que quero contemplar: como as Três Pessoas divinas olhavam a superfície plana ou curva do mundo, cheia de gente. Vendo, como todos desciam ao inferno, determinam, em sua eternidade, que a Segunda Pessoa se faça homem, para salvar o gênero humano (EE 102).

Seguir o Verbo em sua missão salvífica, encontra sentido no pedido da graça para conhecer, amar e seguir Jesus Cristo (EE 104), dilatando a compreensão de que, habitada por Deus, a criatura se dispõe a caminhar junto a Ele fazendo o bem ao próximo. A *eleição*, escolha feita pelo exercitante nessa etapa dos Exercícios, o faz entender que todos os seres fazem parte de uma única dimensão divina, formando uma unidade que nutre-se da mesma Fonte.

Este segundo ponto valoriza o “olhar”, que pede tempo para perceber detalhes e ensina a ver sem julgamentos ou preconceitos, ultrapassando a simples aparência das coisas e no íntimo, percebendo a Presença. Olhar contemplativo, dócil, que não se fecha diante dos limites e das trevas. E pela fé, descobre o sentido da existência cristã banhada nas águas do Batismo em nome da Trindade-Amor. No terceiro ponto, o enfoque está no “considerar”, refletir com profundidade, que este Deus dá-se a Si mesmo às criaturas, habita-as, trabalha arduamente por elas e em cada uma delas. Convida a todas a participarem desse trabalho fecundo.

Alcança-me, por tuas preces, se abra para mim a obra em que devo me ocupar. [...]. Preciso que as obras se abram e se disponham para mim, pela graça de Deus. Teme antes ao Senhor, a quem vês diante de ti, para ele não te fechar o coração à sua alegria; nem teu coração se estreite para com ele e tudo que é dele. Pois, se ficares bem aberto com ele e ele contigo, facilmente sucederá que tudo parecerá alargado para ti e tu para todos¹⁰⁷.

¹⁰⁶ VÁZQUEZ, 2005, p. 89.

¹⁰⁷ FABRO, Pedro. *Memorial do Beato Pedro Fabro*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 77.

2.2.3 O incansável trabalho de Deus no mundo

“Considerar como Deus trabalha e age¹⁰⁸ por mim em todas as coisas criadas sobre a terra. Isto é, age à maneira de quem trabalha” (EE 236). O primeiro trabalho do Deus-Trino é a criação. Ele se compromete com sua obra. Interessa-se, acompanha de perto a evolução do universo em contínuo processo com toda sua complexa estrutura e atividade dos elementos: “O começo, o meio e o fim dos tempos, as alternâncias dos solstícios, as mudanças de estações, os ciclos do ano, a posição dos astros, a natureza dos animais, a variedade das plantas, os pensamentos dos homens (Sb 7,18-20). Em tudo se vê Sua ação benéfica num movimento incessante e restaurador.

Na História da Salvação, sua obra é vista em Jesus Cristo. O Pai trabalha na encarnação do Filho, em seu mistério pascal, vida, morte e ressurreição, “ponto máximo de sua decisão a nosso favor e de seu sofrimento por nós. Assim põe a vida na morte”. Jesus crucificado, esvazia-se, fazendo-se servo de todos e revela a ação universal de Deus a serviço das criaturas. Trabalha também enviando o Espírito Santo e põe “alento e esperança na imanência fechada”¹⁰⁹.

Nesse ponto da Contemplação para alcançar amor, aparece o termo *por mim*, e de forma similar na terceira semana, quando Inácio destaca que todo sofrimento de Jesus Cristo foi especificamente por cada pessoa em particular: “vai a sua paixão *por meus pecados*” (EE 193), “ele padece tudo isso *por meus pecados*” (EE 197), “com pena interior por tanta pena que Cristo passou *por mim*” (EE 203). Desse modo, o exercitante é convidado a pedir a graça de sentir “dor, sentimento e confusão” (EE 193) com Ele, entrando em comunhão e participando dos seus sentimentos, “recordando frequentemente os trabalhos, fadigas e dores que nosso Senhor passou desde o dia em que nasceu até o mistério da paixão” (EE 206).

A qualidade de todo esse trabalho de Deus na *criação*, na *redenção* e na *santificação* é imensurável. Com uma constância infatigável, sustenta a atividade de todos os seres e é alento para todas as formas de vida. Ele chama e espera pela colaboração de cada criatura para “em tudo amar e servir”. “Se a pessoa deve ver a habitação de Deus no mundo, não pode colocá-la só no que está aparentemente pronto, realizado, mas deve vê-la também no que está a caminho, no que está se fazendo, no que está doendo, no que está sofrendo”¹¹⁰.

¹⁰⁸ No original dos Exercícios, a palavra em espanhol é *labora*. Inácio usa termos aparentemente semelhantes para dar um sentido de que o trabalho de Deus é com esforço e sofrimento até o ponto de dar a vida.

¹⁰⁹ GARCÍA, Manresa 79, 2007, p. 160.

¹¹⁰ VÁZQUEZ, 2005, p. 95.

2.2.3.1 A participação amorosa na obra divina

“Assim nos céus, elementos, plantas, frutos, animais etc.: dando o ser, conservando, fazendo vicejar e sentir etc”. (EE 236,2). “Deus trabalha dentro do universo, dentro das coisas. Trabalha, também e sobretudo, dentro do homem, pelas moções do seu Espírito¹¹¹”. Jesus junta-se a esse trabalho, desafiando a Lei que desvaloriza a pessoa em função do sábado e diz categoricamente: “Meu Pai trabalha *até agora* e eu também trabalho” (Jo 5,17). Inácio também desafia o exercitante a escutar o convite de Jesus para trabalhar com Ele: “Quem quiser vir comigo há de trabalhar comigo” (EE 95), colaborando no apostolado do amor e do serviço.

Essa é mais uma resposta consciente do exercitante no caminho da Contemplação que, aos poucos, diante das descobertas da grandeza do amor Doador, que faz sua morada no ser, assume o compromisso de devolver com trabalho o que experimenta. É dizer não à “estreiteza do coração”, que se faz surdo diante do sofrimento lancinante da Criação, submetida “à vaidade, ao poder e destruição da natureza, e ainda, destruindo o templo de Deus que é a humanidade”¹¹².

O caminho dos três pontos na Contemplação, passa pelo reconhecer de tantos benefícios e graças recebidos de Deus, apodera-se da certeza de que Ele está presente na história e em cada criatura, desperta a sensibilidade para a colaboração pessoal com Seu trabalho, orientando “o olhar do exercitante para ‘o alto’ de onde isto desce e provém”, do manancial da vida. Este quarto ponto tem uma força de “recapitulação da Contemplação e de todo o percurso feito. É descida e ascensão”, que emanam da Fonte de todo bem e a ela tudo retorna¹¹³.

2.2.4 A Fonte de todos os dons e bens

“Olhar como todos os bens e dons descem do alto, assim como meu limitado poder provém do infinito e sumo poder do alto” (EE 237). Todas as coisas na face da terra têm a mesma origem, nascem da mesma Fonte do amor, e apresentam em si mesmas, a presença ativa do Criador em sua imanência, só possível graças à transcendência. Tudo no universo fala da Sua perfeição infinita e faz voltar à Origem de onde emanam todos os dons. Deus “descende para fazer-me semelhante a ele pelo Espírito”¹¹⁴.

¹¹¹ BINGEMER, 1990, p. 314.

¹¹² VÁZQUEZ, 2005, p. 97.

¹¹³ Op. cit., 1990, p. 316.

¹¹⁴ TEJADA, 2002, p. 695.

A relação desse ponto com a quarta semana está no verdadeiro conhecimento de Deus, que se revela na ressurreição de Jesus de uma maneira nova, “faz resplandecer o triunfo do amor invencível, que agora se manifesta glorioso e transfigurado pela vida divina em um mundo habitado pelo amor da Trindade”¹¹⁵. O exercitante experimenta os dons do alto vindos de Deus. Ele, que “parecia esconder-se durante a paixão, aparece e se mostra miraculosamente em sua santíssima ressurreição pelos seus verdadeiros e santíssimos efeitos” (EE 223). O Espírito Santo comunica a vida do Ressuscitado, imagem perfeita do Pai, plenitude de comunhão que retorna à Fonte original.

Assim, o Amor trinitário irrompe na história e dele “descem ‘benefícios’, ‘dons’, ‘bens’, uma efusão, uma ação”, para fazer de toda criatura participante da mesma comunhão das Três Pessoas divinas e livremente ao entregar-se a si mesma por amor: “Tudo é Vosso” (EE 234), “faz com que tudo retorne à Fonte”¹¹⁶. Essa é a comunicação a ser restabelecida, para manter a diferença que existe entre Criador e criatura, pois tudo d’Ele se origina e n’Ele se abastece¹¹⁷. Frente a esse poder ilimitado, a criatura responde com reverência, humildade e gratidão, pois sabe que todas as coisas, na realidade que a circunda, provém de Deus. Inácio, com o entendimento iluminado, deseja que a pessoa embebida por essa experiência, esvazie-se de vez das falsas ilusões egocêntricas, e plenificando-se do Deus- Trino, faça um dom de si ao próximo, utilizando-se de todos os dons recebidos para colocá-los a serviço.

2.2.4.1 O dom de si para os outros

“Do mesmo modo, a justiça, bondade, piedade, misericórdia etc., assim como descem os raios de sol, as águas da fonte” (EE 237). Os dons são sinais evidentes de que Deus ama. O amor que desce de cima agrega os afetos e purifica as vontades para a vivência verdadeira da amizade. Sair de Deus e voltar a ele, implica olhar ao redor e ver todas as coisas criadas, estabelecendo uma relação de respeito e cuidado ao utilizar-se dos dons da justiça, piedade, misericórdia e bondade em função dos outros, para os outros. É entrar na dinâmica da “mística de olhos abertos”¹¹⁸ e mãos operantes, transfiguradoras, e ao mesmo tempo experimentando a fragilidade tão intrínseca à natureza humana.

¹¹⁵ ARZUBIALDE, 2009, p. 573.

¹¹⁶ LEWIS, 1987, p. 159.

¹¹⁷ VÁZQUEZ, 2005, p. 99.

¹¹⁸ Expressão utilizada por J.B.Metz e citada por Benjamín González Buelta em seu livro Salmos para “sentir e saborear internamente”, 2004.

O amor inquieto deve então ser o selo da vida cristã, que não se conforma com este mundo, mas empreende todas as forças na esperança de vê-lo renovado, transformado (cf. Rm 12, 2). Trata-se do dom de si mesmo que renuncia à centralidade do ego, ao mal uso do poder, à mesquinhez da vaidade e se transfigura em amor espontâneo, gratuito, sem motivos ou interesses, sem justificação, oblato, esvaziado de si, assim como Jesus que “esvaziou-se de sua divindade” (Fl 2,1-11) e se fez servo de todos. Solidifica-se em atitudes concretas que devem reger a vivência dos dons recebidos, estes que “têm suas raízes sagradas em Deus e pode-se descobri-los em todas as coisas”¹¹⁹.

“Eu sou porque tu és; e tu és, porque eu sou, pois como seres humanos dependemos uns dos outros, e como criaturas dependemos de outras criaturas”¹²⁰. Inácio é um apaixonado pelo mundo, pois sabe que ele não existe sem o Criador. Essa certeza é o que dá força e dinamicidade à sua espiritualidade apostólica, fortalece seu amor à Trindade e anima sua presença no mundo. Nada precisa ficar preso ao “eu” egoísta, atado em seus ideais de poder, de conquistas, soberbas mil. “Sem a fonte não há rio, sem a presença da Fonte não há vida”¹²¹.

Pela força e a vida dos raios se pode conhecer o sol, identificação com Cristo “Luz do mundo” (Jo 8,12) e por idêntica força e vida das águas do rio a riqueza da fonte. Identifica-se com o Espírito Santo, a “Água Viva”, prometida no Apocalipse: “A quem tem sede eu darei da água viva” (Ap 21,6), e a vida divina dada nas águas no Batismo¹²².

Um dos frutos da quarta semana é propício para perceber nesse ponto a importância fundamental do dom de si. Ao exercitante pede-se “Olhar o ofício de consolar, que Cristo nosso Senhor exerce, comparando como os amigos costumam consolar-se” (EE 224). Ao beber da fonte límpida do Amor durante o percurso dos Exercícios, experimentando que tudo é dom de Deus, na Contemplação dá um fim final que terá consequências claras na vida cotidiana, onde a entrega a uma práxis transformadora será a expressão máxima da ressurreição de Cristo na vida do outro. O ofício de consolar pede espaço para acontecer na solidão de uma grande parte dos seres humanos nos tempos atuais, que necessitam do serviço cristão embebido do amor atuante e comprometido, colocado mais nos gestos e atitudes do que nas palavras e promessas, e em cujo centro está unicamente a vida de Jesus Cristo, modelo do amor-serviço.

¹¹⁹ GARCÍA, Manresa 79, 2007, p. 160.

¹²⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 36.

¹²¹ JUNGES, Revista de Espiritualidade Inaciana 55, 2004, p. 20.

¹²² GUILLÉN, Manresa 68, 1996, p. 14.

O colóquio final nesse ponto da Contemplação é um diálogo espontâneo e amistoso com o Senhor, que recolhe o vivido, saboreado, sentido ao longo da oração. É resposta à palavra de Deus, na qual o exercitante se une e se identifica com ele. É agradecimento por graças recebidas no caminho. Termina com o Pai nosso, oração de identificação com Jesus Cristo que a ensinou e plenamente a viveu.

Buscar (em fé, esperança e caridade) a união com Deus, até alcançar o sentimento habitual de sua presença e influxo universal: em um clima de transparência, de confiança pacífica, de amor transcendente, de ação contemplativa, até senti-lo presente e atuante em todas as coisas, até sentirmo-nos vestidos, plenos de Deus¹²³.

2.3 Conclusão: “Encontrar Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”

O percurso da Contemplação para alcançar amor é instigante e pedagógico. Se não fizesse parte do processo final dos Exercícios, faltaria a peça chave que fecha um ciclo por dentro e abre outro para fora, onde a história palpita em cada vida humana. Ela não fica imersa em floreios desprovidos de sentido e nem se limita a ser uma contemplação das belezas da natureza. Pelo contrário, é caminho de oração, em que acontece o desnudamento de si e a compreensão do itinerário feito; de ordenação dos afetos; de pedir a graça de conhecer internamente o Senhor para amar e servir; de resposta consciente e livre ao amor oferecido; de reconhecimento que a harmonia do universo tem como fonte o Amor divino, que continua trabalhando em favor da existência e chamando as criaturas a contribuírem com esse trabalho.

A Contemplação para alcançar amor também deseja despertar no exercitante uma disposição natural de viver unido intimamente ao Deus-Trino no cotidiano, conciliando oração e práxis. A experiência que ela suscita é uma saída do “próprio amor, querer e interesse” (EE 189) em direção aos irmãos e irmãs que se encontram no mundo a espera de uma práxis libertadora que se assemelhe à de Jesus de Nazaré, construída sobre dois mandamentos que denotam toda a sua densidade ética: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” (Mt 12,28-34). Uma moção, um movimento que leve à missão de assumir a sensatez do amor refletida “mais em obras do que em palavras”, e que na expressão de Inácio “devemos ter mais em conta as outras pessoas do que nossos desejos pessoais” (CE 7) é motor para encontrar Deus em todas as coisas e todas as coisas n’Ele.

¹²³ TEJADA, 2002, p. 700.

“Encontrar Deus”, isto é, “ler” Deus em todas as coisas é reviver a experiência de fascínio do Absoluto, nas vivências da existência cotidiana, é acolher o divino nas profundezas misteriosas de todos os sentimentos. É “ler” Deus na fidelidade a um amor, a uma amizade ainda quando não correspondidos. É “ler” Deus na solidão e na ausência da fraternidade. É “ler” Deus na sede de amor e de pureza, na tristeza e na própria imperfeição. É “ler” e traduzir Deus também nas atitudes da vida: sofrer com o que sofrem; rir com os que riem; alegrar-se com o que se alegram; permanecer ao lado dos oprimidos; entregar-se às necessidades de outrem, mesmo que seja um estranho; ser agradecido por tudo; atender à verdade íntima do irmão... E ver, assim, as coisas foi a atitude de Cristo durante a sua vida¹²⁴.

¹²⁴ MALDANER, 1993, p. 63-64.

CAPÍTULO 3

“O AMOR CONSISTE MAIS EM OBRAS DO QUE EM PALAVRAS”

O segundo capítulo percorreu a instigante estrutura da Contemplação para alcançar amor, em suas nuances mais diversificadas, sentindo seu ritmo intenso da oração preparatória até os quatros pontos em que o exercitante aprofunda os níveis de conhecimento interno do Deus-Trino. Tal conhecimento já é proposto desde o começo dos Exercícios, expressando três momentos marcantes do processo: “entrada, aceitação e saída”, em que cada um destaca, de maneira própria, uma das Pessoas da Trindade.

O Princípio e Fundamento trata da união de amor existente entre o Pai Criador e a criatura. No exercício do Reino de Cristo a relação é com o Filho, em quem se “personifica e se concretiza a vocação”. Na Contemplação para alcançar amor é uma experiência de Pentecostes, que brota do amor experimentado, transfigura a história pessoal do exercitante e o envia em missão, sob a condução do Espírito Santo¹. Desse modo, em todos os pontos dos Exercícios Espirituais “A Trindade se manifesta ativamente, como fonte e princípio de ação”².

Ao contemplar essa obra trinitária, Inácio assegura-se de que a ação humana não pode estar à margem da união com Deus, mas nela mesma³. E o papel da oração é não se deixar cristalizar no santuário interior, mas revelar-se lucidamente numa *mística do serviço*⁴. Os Exercícios ensinam ao exercitante ao fazer o trajeto de libertar-se do pecado, descentrar-se de si mesmo, configurar-se a Jesus e encontrar o Amor na intimidade, que “o imperativo agora é lançar-se no mundo, de sorte que em sua profissão, destino, causalidades, tarefas e dores, na vida e na morte, no tomar e no deixar, em tudo encontre o Deus vivo”⁵.

O amor de Deus, fonte de todo bem, se mostra em uma solícita e eficaz providência sobre cada um de seus filhos e sobre todas as coisas. E porque Deus, em Cristo, nos ama e nos dá seu Espírito de Amor, podemos como Cristo, amar a Deus e por Deus em todas as coisas⁶.

¹ “A conceitualização ou reflexão sobre a Experiência do Espírito Santo dentro do mistério de Deus (pneumatologia) ia ser uma realidade muito mais obscura e tardia do que a reflexão teológica sobre o Filho de Deus (cristologia)”. (Cf. CHONG, João Chenchon. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 47, 2002, p. 31).

² PALAORO, 1992, p. 30.

³ LEWIS, 1987, p. 157.

⁴ Expressão que denota com intensidade a simbiose existente entre contemplação e ação.

⁵ GARCÍA, Manresa 79, 2007, p. 161.

⁶ TEJADA, 2002, p. 673.

Nas Constituições Inácio fala com clareza sobre isso ao referir-se à postura que deve ter o Superior geral: “Uma grande união e familiaridade com Deus nosso Senhor, na oração e em toda a sua atividade” (CCJ 723). Contemplá-lo em tudo o que constitui o tecido da vida cotidiana supõe uma fé ativa e uma interioridade sensível. Assim, a Contemplação faz do coração uma brasa viva acesa pelo Amor, e da vida, um serviço oblato aos irmãos.

É tão rica essa Contemplação na essência, que sua primeira nota: “o amor consiste mais em obras do que em palavras” (EE 230) é a linha mestra deste capítulo e abre espaço para uma reflexão mais abrangente sobre a práxis em sua condição “histórica e solidária”, como um constante exercício de unir-se a Deus, ampliando a visão global da realidade circundante, que se insere no quadro da criação, onde todos os seres humanos têm seu lugar e vocação.

É ponto fulcral para evitar o grande risco dos Exercícios suscitarem moções que não levem à missão. Não é convite a debruçar-se sobre o ego e paralisar-se na união intimista, mas sim, configuração a Jesus de Nazaré pobre e humilde. “Ele é a Palavra encarnada, obra do amor de Deus por nós”⁷. N’Ele, o que foi dito uniu-se ao que fez. Palavra e ação em harmonia e coerência⁸. E palavras só têm concretude quando transformadas em gestos, caso contrário, correm sérios riscos de desaparecerem junto com as grandes tribulações. As obras são frutos maduros do amor e dão credibilidade, pois possuem verdade e duração. “Se não faço as obras de meu Pai, não acrediteis em mim; mas se faço, mesmo que não acrediteis em mim, crede nas obras, a fim de reconhecer de uma vez que o Pai está em mim e eu no Pai” (Jo 10,37-38).

O exercitante que fez o itinerário dos Exercícios Espirituais agora está de volta ao seu ambiente familiar, social e eclesial. Na caminhada profundamente transformadora, a escrita de Deus deixa as mais surpreendentes marcas em sua alma. Inúmeras moções, consolações, desolações, entendimentos, constituem o processo de se encontrar com o Amor na estrada da oração e entregar-se a Ele numa comunicação mútua, que muda horizontes e faz enxergar Sua vontade como sentido único da existência humana.

Todo a dinamicidade do Espírito vivida no retiro deverá se converter em serviço dentro das mais densas realidades. Chega a hora de redobrar as orações na vida diária, prestando atenção aos diversos movimentos interiores, causados por fatores externos e internos, que influenciam e pedem uma ininterrupta vigilância. Agora é no campo da missão que todo o conhecimento interno, adquirido de Jesus Cristo em cada etapa do caminho, torna-se ação.

⁷ MELLONI, 2001, p. 254.

⁸ MARTÍNEZ, Julio. *Moral social y espiritualidade. Una co(i)nspiración necesaria*. Santander: Sal Terrae, Coleção Presencia Teológica, 2011, p. 141.

E toda ação tem destinatários concretos, palpáveis, feridos. Por isso, a especificidade desse serviço é traduzida em um agir ético, coerente e maduro. Todavia, se essa ação for destituída de amor, não reflete a imagem trinitária, que na encarnação do Verbo fecunda os desertos humanos e diviniza-os, fazendo crescer e expandir esse amor que humaniza, resgata, aproxima, unifica, move, ama com paixão e ensina a amar. Hoje as urgências são maiores, e não é só a fome, a sede, a solidão a serem combatidas, mas o egoísmo, o desperdício, a intolerância, a violência, a injustiça que crucifica os irmãos nas mais deploráveis situações.

Com efeito, “o amor é um ato imanente que tende ao bem do amado: a dar-lhe o que não tem e a descansar no que já tem. O bem consiste nas obras”⁹, que não devem ser entendidas como um fazer compulsivo, obrigatório, exigido como passaporte para a salvação e alcance da vida eterna, mas fruto de uma autêntica experiência da criatura de sentir-se amada pelo Deus-Trino, desejada, querida, respeitada em sua liberdade, acolhida em suas limitações, e por conseguinte, impulsionada em sua *alteridade* a partilhar com os outros.

Aqui, “não se trata de eleger entre amor afetivo e amor efetivo, já que todo amor é por natureza afetivo. Trata-se de situar a expressão efetiva do amor afetivo menos nas palavras que nas obras”¹⁰, pois “Pelos seus frutos os reconheceréis” (Mt 7,16). Assim, cuidar dos que sofrem, acolher as diferenças, defender os mais fracos, levantar os caídos, consolar os aflitos, libertar os cativos, mudar as estruturas é amar e servir na mesma perspectiva de “amor serviçal e serviço amoroso, amor de seguimento ou seguimento amoroso”¹¹.

Este capítulo apresenta o fruto da experiência do Amor na Contemplação: “consiste mais em obras do que em palavras” e requer do exercitante, ao colocar os pés na realidade, um sério compromisso de servir a Igreja e o mundo, agora sobre outra perspectiva, em cujo centro está sua fé transformada pela experiência do encontro com Cristo, sustentando a oração que gera o amor, o grande motor da práxis.

Essa mística do serviço aponta para duas dimensões importantes: a eclesial e a universal. Na dimensão eclesial, pinça elementos fundamentais da espiritualidade inaciana, que o exercitante experimenta durante o percurso dos Exercícios, e agora deve tê-los presentes na oração diária e na vida prática, pois serão um suporte importantíssimo nos grandes desafios a serem enfrentados na comunidade de fé, onde o Corpo de Cristo é constituído de seres humanos.

⁹ ENCINAS, Antonio. *Los Ejercicios de San Ignacio: explicación y comentario*. Santander: Sal Terrae, 1952, p. 693.

¹⁰ COATHALEM, H., *Comentario del libro de los Ejercicios*. Buenos Aires: Apostolado de la Oración, 1987, p. 235.

¹¹ GARCÍA, Manresa 79, 2007, p. 156.

Assim, é essencial manter os ouvidos atentos cotidianamente ao *chamado* de Jesus Cristo, impulsionando um incessante *discernimento* das reais motivações que levam ao seguimento, a uma busca pela *indiferença* como caminho para alcançar a liberdade interior, e a uma profunda vivência da *humildade*, que se coloca a serviço somente por amor.

Na dimensão universal, o acento é sobre o compromisso com a promoção da justiça na sociedade, num contínuo processo de reconhecer que “quem ama dá e comunica o que tem ou pode a quem ama” (EE 231), vivendo a divinização dos filhos de Deus, que ultrapassa “muros” institucionais e se instala na concretude da vida, onde o sofrimento humano encontra abrigo no coração do Redentor e pede compaixão com os pobres-crucificados. A Terra geme nas mãos do Criador, implorando por gestos significativos e conscientes que se desvelem em cuidado. A práxis cristã, movida pelo amor, é capaz de acordar a sensibilidade diante da desumanização destruidora, ampliando a consciência de que o Cosmos está todo interligado pelo mesmo fio de Amor. À criatura cabe uma postura correta que almeje, sempre, em tudo, o bem do próximo e a “maior glória de Deus” (EE 152).

Tua Voz. “Não temas! Eu estou aqui e Sou aquele que te olha, te chama. Desce desta árvore de medos e vem caminhar comigo. Vamos ao encontro dos irmãos que necessitam ser valorizados, animados a prosseguirem. Vem comigo estender as mãos ao que está caído, apoiar o que foi vencido, direcionar o que não tem para onde ir. Ficarei muito feliz por te ter ao meu lado! Necessito de braços acolhedores, de sorrisos esperançosos, de amor no coração. Minha missão precisa ser continuada em ti. Segura firme minha mão e te conduzirei às fontes de água pura”.

3. O SERVIÇO À IGREJA E AO MUNDO

À luz do mistério revelado na Trindade brota a Igreja “do lado de Cristo, morto na cruz” (SC 5) e do sopro do Espírito, em forma de água (batismo) e sangue (eucaristia). Essa realidade espiritual congrega “num só corpo” os filhos e filhas de Deus, comunidade de batizados, membros do *povo sacerdotal, profético e régio*, chamados a viver a fé na comunidade eclesial, participando ativa e frutuosamente das *celebrações litúrgicas*¹², atentos à Palavra, alimentados pelo Pão, enriquecendo-se uns aos outros numa intensa vida fraterna, em busca do conhecimento profundo do Senhor, sem deixar de lado a história com seus arcabouços culturais e sociais, composta de homens e mulheres sedentos por uma ação apostólica eficaz.

¹² BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo. *O mistério celebrado: compromisso e memória I*. São Paulo: Paulinas; Espanha: Siquem, 2003, p. 94.

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação (EG 27).

Inácio aprende passo a passo a “sentir a Igreja”, vivendo dentro dela experiências turbulentas e dolorosas feitas de processos, suspeitas, inquisições, prisões, em virtude do constante impulso que sentia por “ajudar as almas” (Aut. 58. 61. 65. 68), falando das “coisas de Deus”, mas com pouco fundamento nos estudos (Aut. 62)¹³. No entanto, mesmo sofrendo, nada o impede de tornar-se um homem profundamente eclesial. Desde a visão de La Storta, quando “sentiu tal mudança em sua alma e viu tão claramente que Deus Pai o punha com Cristo seu Filho” (EE 96), é aceito pela Trindade como servidor, transformando-se em “companheiro de Jesus”¹⁴, entregue inteiramente ao seu serviço, “associado estreitamente à Roma, ao mistério do Cristo e da Igreja”¹⁵.

Nos Exercícios Espirituais, ele pontua alguns aspectos essenciais que possibilitem ao exercitante enraizar-se na comunidade de fé. “O máximo de experiência pessoal desemboca em um máximo de comunhão eclesial”¹⁶. Portanto, as “Regras para sentir com a Igreja” (EE 352-370)¹⁷ têm o objetivo de alcançar o “verdadeiro sentido” de participação que se deve “ter na Igreja militante” (EE 353), exortando a *louvar* as diversas práticas estabelecidas em seu seio, sentindo-se agradecido por fazer parte, ser membro de uma comunidade que existiu, existe no tempo e segue existindo no presente da história em todos os lugares da terra.

“A graça sempre supera o indivíduo: torna-o membro de um *Corpo*, sarmento de uma *videira*, pedra de um *edifício*, concidadão de uma *comunidade*”¹⁸. O rosto dessa Igreja em tempos pós-modernos é um mosaico composto de uma infinidade de movimentos, pastorais, congregações, associações, ordens com os mais variados carismas, posturas, identidades, gestos, devoções, linguagens. Na arte de compor o mosaico há uma simetria fundamental, onde cada pedaço lixado e polido se encaixa ao outro de maneira integrada, com um pequeno espaço entre eles para o rejunte final. Da mesma forma, a comunidade de fé é composta por pessoas, que em sua unicidade e alteridade, juntam-se de modo a formar a face de Cristo.

¹³ CORELLA, Jesús. *Sentir la Iglesia. Comentario a las reglas ignacianas para el sentido verdadero de Iglesia*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 15, 1995, p. 42.

¹⁴ Nas *Fontes Narrativas II*, 133, Pe. Laínez faz uma relação sobre esta visão que exprime mais profundamente como Inácio a viveu. (Aut. 96, nota de rodapé 30, p. 109).

¹⁵ PALAORO, 1992, p. 27.

¹⁶ MELLONI, 2001, p. 267.

¹⁷ Do tempo dos estudos em Paris (1534). Foram escritas não tanto contra o protestantismo, mas contra os perigos surgidos dentro do seio da Igreja (misticismo exagerado dos “alumbrados” e o falso humanismo de Erasmo).

¹⁸ SECONDIN, 1994, p. 298.

E essa comunidade de fé encontra-se inserida inteiramente no mundo, o lugar do aprendizado, das provações, das dores mais profundas, da luta contra ou a favor do mal. Nele, o novo e o velho se enfrentam o tempo todo. Novos conceitos, velhas posturas. Novas ideias, velhas crenças. Novas experiências, velhas ignorâncias. Estudos, descobertas, avanços, crescimentos, mas quantos retrocessos, conservadorismos, quanta fome e destruição. Quanta pressa e tão pouco equilíbrio. “O mundo é teatro da história da humanidade, marcado por derrotas e vitórias e que os cristãos acreditam ter sido criado e conservado pelo amor do Criador [...], libertado pela cruz e ressurreição de Cristo [...], destinado a ser transformado e alcançar a própria realização” (GS 2).

A mística do serviço realizada a favor da Igreja e do mundo que a circunda, resultante do encontro com Jesus Cristo, deve revestir-se de uma disponibilidade permanente e corajosa, extrapolando os limites de uma Igreja particular, libertando-se de alienações e fechamentos, para lançar-se sem medo na aventura de se entregar ao próximo. Tal entrega, segundo João, é o que dá identidade ao amor: “Nisto conhecemos o Amor: ele deu sua vida por nós. E nós também devemos dar nossa vida pelos irmãos” (Jo 3,16).

Como colaborador dessa comunidade de fé e cidadão do mundo, volta o exercitante, trazendo na bagagem a experiência indelével de amor feita no itinerário dos Exercícios Espirituais. O momento é fértil para cultivar a integração entre oração diária e práxis do serviço, imbuídos de autênticos valores, tais como ética e responsabilidade; respeito e dignidade; solidariedade e compaixão; tolerância e compromisso; gentileza e verdade; perdão e fraternidade.

Por isso, quatro exercícios feitos antes da *Eleição*¹⁹, não podem ser perdidos de vista em tempo algum na caminhada espiritual, pela importância que tem cada um dos seus elementos para o cultivo dos valores essenciais na vida: a *escuta do chamado* do Amor que possibilita viver o *discernimento*, a *indiferença* e a *humildade* de modo fecundo, alimentados na oração. Assim, evita-se que a práxis seja transformada em uma obrigação, uma disputa por poder, um motivo de orgulho, de soberba ou de vanglória, uma forma de manipular ou um jeito egoísta de centralizar. Pelo contrário, torne-se o que ela é em sua essência, práxis libertadora, constituída de cuidado e consciência com a comunidade de fé e com a sociedade, porque nasce da identificação com Jesus, libertador.

¹⁹ O primeiro deles é o “Exercício do Reino”, seguido da “Meditação das Duas Bandeiras”, “Meditação dos três tipos de Pessoas” e “Três modos de Humildade”. Entre o primeiro e o segundo exercício encontram-se a “Contemplação da Encarnação”, “Contemplação do Nascimento” e “Preâmbulo para considerar Estados” que não serão abordados neste estudo.

O Filho de Deus, unindo a si a natureza humana e vencendo a morte, remiu o homem, transformando-o numa nova criatura (cf. Gl 6,15). Pela comunicação do Espírito constitui com os irmãos de entre todas as gentes, o seu corpo místico (LG 7).

3.1 Escutar na vida cotidiana o chamado do Amor

Agora o exercitante está de volta a essa realidade eclesial e, nela, toda a experiência marcante vivida desde o Princípio e Fundamento à Contemplação para alcançar amor, converte-se em adesão à pessoa e ao projeto de Jesus Cristo, abrindo um novo horizonte de sentido em sua práxis na comunidade de fé²⁰, iluminada pela presença divina, constituída de pessoas que trazem “seus tesouros em vasos de barro” (2Cor 4,7), suscetíveis a quebras, rompimentos, estragos. Portadoras de fragilidades, mas também receptoras da força de integração que emana da Trindade. Este é o tempo de entender radicalmente o valor de um “amor que consiste mais em obras do que em palavras”.

Neste contexto, é enriquecedor trazer à memória o “Exercício do Reino” (EE 91-100) e deixar-se afetar novamente pelo desejo sincero de escutar a voz do Senhor Jesus, que chama o discípulo para a missão: “Quem quiser vir comigo há de trabalhar comigo” (EE 95,5). A centralidade desse exercício está na dinâmica do *chamado*, que é “anterior à profissão de fé ou à vocação cristã e eclesial”²¹, e divide-se em duas partes muito significativas. A primeira, apresenta “um rei humano, escolhido pela mão de Deus nosso Senhor, a quem reverenciam e obedecem todos os príncipes e homens cristãos” (EE 92), que passa chamando para trabalhar com ele e partilhar não só das lutas, mas também das vitórias. A segunda parte, “consiste em aplicar esse exemplo do rei deste mundo a Cristo nosso Senhor, Rei eterno que chama todos e cada um em particular” para trabalhar com Ele, andar por seus caminhos, segui-lo nas lutas, vencendo os inimigos e alcançando a “glória do Pai” (EE 95,2).

Inácio estabelece uma comparação entre um chamado e outro, pois “o chamamento do rei temporal ajuda a contemplar a vida do Rei eterno” (EE 91,1), e instiga o exercitante a entregar-se a uma grande causa, “que desperta generosidade e suscita compromisso”²² (EE 94,1). Com efeito, a iniciativa de Cristo, de chamar a todos e a cada um em particular, dá a tônica do caminho a percorrer e inspira a graça a ser pedida “de não ser surdo a seu chamado, mas pronto e diligente para cumprir sua santíssima vontade” (EE 91,4).

²⁰ JUNGES, 2001, p. 118.

²¹ PALÁCIO, 2013, p. 151.

²² No universo simbólico de Inácio trata-se de comprometer-se com uma grande causa, pautado por um código ético que gira em torno da “honra”. (Cf. PALÁCIO, 2013, p. 145-146).

No entanto, a questão não é realizar feitos, mas oferecer-se inteiramente, sem reservas ou condições. É o grande amor apaixonado que move ao trabalho, à colaboração. “Considerar como todos os que tiverem juízo e razão se oferecerão inteiramente para esse trabalho” (EE 96). Essa chamada pessoal é o que faz o exercitante compreender sua importância no mundo, como também a de todas as criaturas, que fazem parte nesta obra da salvação. Só assim, é possível renunciar os próprios interesses e fazer a oferenda todos os dias:

Eterno Senhor de todas as coisas, eu me ofereço, com vossa graça e ajuda, diante de vossa infinita bondade, de vossa Mãe gloriosa e de todos os santos e santas da corte celestial. Quero e desejo, e é minha determinação deliberada, desde que seja para vosso maior serviço e louvor, imitar-vos em passar todas as injúrias, todas as afrontas e toda a pobreza – tanto material quanto espiritual – se vossa santíssima Majestade me quiser escolher e receber nesta vida e estado (EE 98).

Essa é a entrega de um ser que ao passar “pelo movimento kenótico de Jesus Cristo”, incorpora-se no processo encarnatório de Deus feito Homem, que desce aos lugares mais escuros da história e do mundo para transformá-los²³. Entrar nessa intimidade está vinculado à participação em sua missão. Inácio, com todo o seu realismo, sabe perfeitamente que entregar-se a Jesus, comprometendo-se, é caminho processual, constituído de oferendas que se desdobram sem cessar em outras infinitas oferendas que perduram pela vida afora. Não é experiência vivida no exercício proposto e ponto final. É renovada constantemente na vida com seus percalços, pois o seguimento é a “categoria que expressa teológica e eticamente” a sua realidade existencial²⁴. Tendo sido salvo, agora é chamado a ajudar a salvar com presteza e diligência na disposição de cumprir a vontade de Deus. Cristo chama e tal chamado deve ecoar todos os dias, reforçando a dimensão missionária do batismo.

Escutar o chamado do Senhor conduz a vida de oração do exercitante a um constante *discernimento* das verdadeiras motivações que impulsionam e sedimentam sua práxis nesta realidade em que ele se encontra. Tais motivações precisam de lucidez para saber se estão ligadas ou não a interesses próprios, se estão divididas por outros interesses, se são autênticas, para que não ele perca a capacidade de continuar escutando a voz do Amor mesmo em meio ao turbilhão do mundo exterior e tantas vezes, da própria interioridade. “Suas obras provarão que este amor é verdadeiro. [...]. É preciso que se veja que eles não buscam os próprios interesses, mas o de Jesus Cristo, isto é, sua glória e salvação das almas” (CE 26).

²³ MELLONI, 2001, p. 163.

²⁴ JUNGES, 2001, p. 118.

3.1.1 Discernimento das motivações profundas

Um campo de batalha é o coração humano. Em sua dimensão estrutural há uma divisão entre o bem e o mal, sem possibilidade alguma de demarcar fronteiras entre eles. São campos opostos circunscritos em uma realidade polarizada, em que o contexto externo afeta o combate e coloca às claras a interioridade humana composta de *ambiguidades* misturadas, impossíveis de definir uma e eliminar a outra. O bem e o mal, o social e o pessoal, o público e o privado, são os binômios que não precisam ser divididos, mas acolhidos, pois significam a interação do que está no interior da criatura²⁵.

Dentro dessa duplicidade de equilíbrio, o *discernimento* tem um papel determinante, pois “denomina a forma de conhecimento típico da consciência. Discernir é ‘ver através de’, da parede maciça das ilusões e sombras”²⁶. É atenção redobrada diante das reais situações que se apresentam, não como força de decisão entre o bem e o mal, mas canal para “descobrir que só há uma vida verdadeira que deve ser discernida por entre as ambiguidades da história”, composta do joio e do trigo, em que o mal, revestido de bem, precisa ser desmascarado, vencido pela desconcertante “lógica da cruz”, contrária a tudo que se vive na sociedade²⁷.

O exercitante, atuando em seu território de missão, carece de uma atenção redobrada na realidade ambígua, discernindo constantemente situações de confronto entre Cristo e Lúcifer, para romper com os enganos e avaliar as coisas com bom senso e clareza, juízo, conhecimento e entendimento. “O discernimento espiritual está em função das opções, da decisão, da ação a ser tomada”²⁸. É tarefa de analisar as várias moções que movem a alma. Inácio as experimenta com toda sutileza logo no início da conversão ao ler sobre a vida de Cristo e dos Santos, fazendo uma leitura atenta e minuciosa do que se passa em sua interioridade:

Notou todavia essa diferença: quando pensava nos assuntos do mundo, tinha muito prazer; mas quando, depois de cansado, os deixava, achava-se seco e descontente. Ao contrário, quando pensava em ir a Jerusalém descalço, em não comer senão verduras, em imitar todos os mais rigores que via nos Santos, não se consolava só quando tinha tais pensamentos, mas ainda, depois de os deixar, ficava alegre e contente (Aut. 8).

²⁵ PALÁCIO, 1984, p. 197-198.

²⁶ BACH, Marcos. *Consciência e identidade moral*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 100.

²⁷ Op. cit., 1984, p. 199-202.

²⁸ LIBANIO, 2005, p. 7.

Para ele, a pessoa nunca toma posse inteiramente da sua liberdade. Os condicionamentos externos e internos seguem operando de modo permanente, reforçando que o discernimento é um ato que deve existir continuamente na vida humana, visto que, o *mau espírito* não cessa sua ação depois que o exercitante sai dos Exercícios²⁹. Ao voltar à vida ordinária precisa ter ainda mais cautela com seus embustes, devido as complexas circunstâncias que envolvem o dia a dia. A condição humana inspira vigilância cerrada e o discernimento bem feito detecta a voz que fala de dentro, do mais profundo, e muitas vezes pode confundir a voz de Jesus Cristo.

A meditação das *Duas Bandeiras* (EE 136-148) é dirigida à inteligência e “tem a finalidade de dar um critério claro, objetivo e universal para saber o que é verdadeiramente de Cristo ou do inimigo”. É verificação da autenticidade da fé, em que Ele deve ser a verdadeira motivação do compromisso com o Reino, independente das circunstâncias, das pressões ou lutas. O joio e o trigo precisam ser separados no tempo certo, através do discernimento, para que as razões e critérios do seguimento sejam transparentes e livres³⁰.

É necessária uma atenção redobrada aos enganos que se instalam nas ações, pois cada ser humano é suscetível de ser tentado em qualquer situação. Ninguém está seguro em suas convicções, cargos, posturas e nada está imunizado. O discernimento é o caminho que ilumina as dinâmicas espirituais e psicológicas. Assim, a graça de “pedir conhecimento dos enganos do mau chefe e ajuda para defender deles” (EE 139,1), facilita o reconhecimento que o mal está presente nas relações e precisa ser discernido para combater grandes vícios adquiridos ao longo dos anos, corroendo retas intenções no caminho do serviço, provocando um estado de ignorância e cristalização.

O fundamental é que, através do discernimento, adquira-se de volta a lucidez, enxergando as reais motivações que levam ao seguimento de Jesus Cristo, para “sentir e conhecer as várias moções que são causadas na pessoa, as boas para receber e as más para rejeitar” (EE 313), desmascarando o mal que se reveste de bem, pois é próprio do *mau espírito* afligir o coração, colocar impedimentos à boa ação, suscitar ilusões no caminho do bem, provocando divisão interior e exterior, falta de diálogo e de comunhão (EE 315,2). O contrário disso é a atuação do *bom espírito* ao “dar ânimo, forças, consolações, lágrimas, inspirações e quietude, facilitando e tirando todos os impedimentos, para a pessoa progredir na prática do bem” (EE 315,3).

²⁹ DOMÍNGUEZ MORANO, 2003, p. 164.

³⁰ PALAORO, 1992, p. 102-103.

Inácio apresenta na bandeira de Lúcifer o orgulho em sua escala ascendente manifestado de três maneiras: “a ganância de riquezas, que facilmente chega à honra vã do mundo e daí a uma grande soberba” (EE 142). Em linha paralela pode-se refletir sobre a postura de alguém dentro da comunidade de fé que possui cargo de liderança e usa dele para proveito próprio em diversos sentidos. “A dinâmica do orgulho, apropriação levada ao extremo, começa pelo desejo irrefreável de dominar as pessoas e culmina no autocentrismo”. Todo cuidado é pouco quando se tem o poder nas mãos, ainda que seja mínimo. O pecado de Adão e Eva teve a mesma progressão: “a ‘avidez pelo fruto’ (Gn 3,1-3) – *cobiça*; a ‘pretensão de imortalidade’ (Gn 3,5) – *honra vã*; e a autodivinização, ‘sereis como deuses’ (Gn 3,5) – *soberba*”³¹.

A bandeira de Cristo, ao contrário, vai conduzindo a um despojamento processual, em que a pobreza interna e externa refere-se ao abandono da autossuficiência e a acolhida da gratidão. O exercitante se vê inteiramente necessitado da graça divina, e se expressa no pedido de um autêntico “conhecimento da vida verdadeira que o supremo e verdadeiro chefe mostra como graça para o imitar” (EE 139,2). Opróbrios e menosprezos significam a liberdade alcançada diante da despreocupação com o fato de não ser colocado em primeiro lugar.

É querer ser o último escutando a voz do Senhor que fala: “Aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro, seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,43-45). Assim, a mesquinha necessidade de ser reconhecido pelos irmãos e irmãs de comunidade se transforma em identificação íntima com o Servo que “esvaziou-se de si mesmo (*ekénosen*) e tomou a condição de escravo” (Fl 2,7).

Inácio na sua trajetória espiritual não se contenta em ser apenas um bom cristão, mas, vai mais longe no desejo ardente de saber a direção que Deus quer dar a sua vida, partindo de uma leitura do seu mundo afetivo, depois de constatar os diferentes pensamentos que nele são produzidos. Discerne se as motivações são egocêntricas e apresentam-se como altruístas ou se estão revestidas de luz, mas não iluminam de verdade. Sua exigência primordial é um olhar atento à interioridade, reconhecendo a diversidade de movimentos que nela são suscitados e a posse da certeza de que conversão é ação contínua na vida e requer uma renovação constante e um desejo intenso de crescimento. Os duelos internos continuam no processo de ordenar afeições, e há sempre um risco de que antigos e deteriorados *objetos de amor* voltem a fazer parte do universo da intimidade.

³¹ DOMÍNGUEZ MORANO, 2003, p. 182.

A comunidade cristã é um lugar de discernimento, da retidão e das decisões. Necessitamos compartilhar em comunidade, porque somos discípulos; pessoas que, por definição, não chegaram; aprendizes que tratam de interpretar experiências confusas...; peregrinos que estão no caminho para a conversão³².

O discernimento precisa ser buscado com avidez e levado a sério em todas as situações humanas, não só no serviço à comunidade eclesial, mas na vida como um todo, em suas instigantes encruzilhadas. É instrumento valiosíssimo no caminho do autoconhecimento e chave para perceber a ação de Deus com nitidez, sem a mistura ou confusão contidas na ambiguidade. Conta com a parceria da *indiferença* para achar a verdadeira liberdade que se coloca à disposição de servir sem estar preso a cargos, títulos, honras, aplausos e glórias.

3.1.2 A indiferença que busca liberdade

Compreender o significado de um termo depende de saber quais as circunstâncias em que ele é usado. Assim, o substantivo feminino *indiferença*, que no Dicionário é descrito como “falta de interesse, de atenção, de cuidado, de consideração, descaso, negligência, apatia, desprezo, frieza”³³, para Inácio vai além do que significa em sua raiz etimológica e chega de forma direta à ação de ser indiferente diante de situações específicas em contextos reais, que pedem por decisões e atitudes. É usado por ele como adjetivo pela primeira vez no Princípio e Fundamento: “é necessário fazer-nos *indiferentes*”³⁴ a todas as coisas criadas” (EE 23).

O que ele pede nessa expressão é a superação das *afeições desordenadas* em busca de um bem maior. Esse termo não aparece em outros autores espirituais, nem nos escritos da Patrística, menos ainda nos que provavelmente serviram de inspiração para a escrita dos Exercícios³⁵. Ele nasce ao longo do aprendizado espiritual de Inácio de não confundir projetos pessoais com a vontade divina, purificando o autoengano dos afetos que, tornando-se exagerados, cegam o espírito, não permitindo que haja uma disponibilidade em realizar *tudo* o que é pedido por Deus. “Evoca bem a obediência original reconquistada por Cristo, a restauração da harmonia das primeiras manhãs da humanidade e o retorno ao estado de Adão, ensinado pelos Padres”³⁶.

³² MARTÍNEZ, 2011, p. 141.

³³ HOUAISS, Antônio. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora objetiva, 2009, p. 1073.

³⁴ Ele usa essa expressão em mais três pontos dos Exercícios (EE 157.170.179).

³⁵ As leituras feitas por ele da *Vita Christi*, *Imitação de Cristo* e *Devotio Moderna* têm um valor marginal no processo da escrita, embora alguns elementos sejam semelhantes.

³⁶ EMONET, Pierre. *Indiferencia. Dicciónario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1016.

Desse modo, o Exercício dos *Três Binários* (149-163)³⁷, “para abraçar o melhor”, pontua a necessidade de uma disposição da pessoa em deixar a afeição desordenada pela coisa mal adquirida para chegar “aonde Deus quer” (EE 149)³⁸. Destaca três atitudes possíveis ante uma situação em que lhe é pedido a decisão de desprender-se de algo em vista de um bem infinitamente maior. Não é situação de pecado, mas de “desejar e conhecer o que é mais grato” (EE 151) ao Senhor. O que está em jogo não é a posse de um bem, mas a escolha da liberdade interior diante dele, que só adquire sentido em Cristo Jesus, pois discípulo pela metade não pode ser discípulo.

A única atitude plausível da criatura ante o Deus que o elege, chama e ama, é a *indiferença*, compreendida como a absoluta disponibilidade que conduz ao abandono a Deus. [...] Será, portanto a postura existencial que permita ao ser humano estar imerso no mundo e comprometido com a missão de Deus, sem estar atado ao mundo³⁹.

É preciso reconhecer-se na oração em uma das atitudes que a história apresenta: “três tipos de pessoas que adquiriram uma grande quantia, sem ser pura ou devidamente por amor a Deus. Todos querem salvar-se e encontrar a Deus nosso Senhor em paz, tirando de si o peso e impedimento que têm para isso na afeição à soma adquirida” (EE 150). A intenção inicial de todos eles é alcançar a salvação, e esta, requer um processo gradual da consciência dos condicionamentos e desejos que afetam a decisão⁴⁰. Desvencilhar-se deles para que Deus fale na interioridade é o grande chamado. Embora para Inácio o desejo tenha uma forma incomensurável, neste caso, é preciso abrir mão dele, que muitas vezes vem carregado de interesses pessoais, dificultando a entrada na dinâmica do desapego.

“O primeiro tipo de pessoa desejaria tirar o afeto pela soma adquirida, para encontrar em paz a Deus nosso Senhor e saber salvar-se. Mas até a hora da morte, não usa os meios necessários” (EE 153). Representa a atitude imatura e resistente de alguém que quer tirar o afeto que o prende à quantia, mas não faz nenhum esforço para retirar os mecanismos que o impedem de ter um olhar lúcido sobre a situação, anulando a vontade, tornando-a um simples *desejaria*, sem força de mudança, mas sujeita aos condicionamentos que obstruem qualquer movimento em direção a alcançar o que se deseja.

³⁷ No texto original é escrito “Binários”, termo usado nos séculos XV e XVI, designava de modo indeterminado, classe ou tipo de pessoas. Nas traduções recentes usa-se “Tipos”. Este Exercício é o mais original de Inácio, pois não foi encontrado em nenhuma outra fonte.

³⁸ Nota de rodapé 149, p. 65.

³⁹ VON BALTHASAR, 2009, p.62-63.

⁴⁰ MELLONI, 2001, p. 186.

Em paralelo, pode-se pensar no exercitante que possui um cargo de muita responsabilidade e liderança na comunidade de fé, porém encontra-se apegado a ele, sabendo que precisa se desapegar, mas não consegue tomar nenhuma atitude, porque se vê escravo da situação. Nesse caso, só a intenção é insuficiente para decidir-se por libertar a afetividade que teimosamente insiste em permanecer no mesmo estado. É preciso ir além e mudar a perspectiva, transformando a própria atitude em ato concreto na história. “Na ação o ser humano expõe quem ele é”⁴¹, muito mais do que nas palavras ditas ou nos desejos aprisionados.

O segundo tipo de pessoa, “quer tirar o afeto, mas de tal modo que fique com a soma adquirida. Assim que Deus venha até onde ele quer, sem se deixar determinar a deixar a quantia para ir até Deus, ainda que fosse o melhor estado para si” (EE 154). Ele não deixa o apego. Está preso a si mesmo, quer fazer a sua vontade manipulando a de Deus. “A força do afeto dependente deforma a percepção da realidade”⁴². É contradição entre o que diz querer e o que de fato quer, por isso utiliza-se de vários argumentos para encontrar uma certa razoabilidade em seu comportamento, mas no fundo, o desejo é de continuar preso afetivamente ao objeto, é claro, que sob as bênçãos de Deus. O desafio é desafeiçoar-se para escolher, abrindo mão de enganar-se a si mesmo.

O terceiro tipo “quer tirar o afeto, mas de tal modo que não tenha afeição em ter ou não ter a quantia adquirida” (EE 155,1). Encontra a liberdade interior usando a *indiferença* como guia de sua decisão, e assim, consegue tirar o afeto sobre o que possui, tornando-se livre em querer simplesmente o querer de Deus. “Apenas quer querê-la ou não, conforme o que Deus nosso Senhor puser em sua vontade, e o que lhe parecer melhor para o serviço e louvor de sua divina Majestade” (EE 155,2). Age como um bom e fiel discípulo, portador do desejo de “proceder como quem deixa tudo efetivamente, esforçando-se em não querer aquilo ou outra coisa qualquer, a não ser movido somente pelo serviço de Deus nosso Senhor e, assim, que o desejo de melhor poder servir o mova a tomar a soma ou deixá-la” (EE 155,3-4).

É dizer que se dá uma completa circularidade: o querer de Deus impulsiona o querer do homem, e o querer do homem se abre para o querer de Deus. A maior renúncia do próprio querer, maior manifestação do querer de Deus; a maior manifestação deste querer, maior força para renunciar ao próprio querer⁴³.

⁴¹ Ibid., p. 186.

⁴² Ibid., p. 187.

⁴³ Ibid., p. 188.

Os três tipos de pessoas exemplificam as três dimensões que configuram a pessoa humana: o ser exterior, regido pelos sentidos, o ser racional, e o ser deiforme, feito à “imagem” de Deus. Juntos formam uma integralidade em seus dinamismos distintos. Essa parábola interpela o ouvinte a mudar posturas e comportamentos, mudando a maneira de atuar⁴⁴ em seu lugar de missão que é em toda a sua história, e não só na vida eclesial. Não há obstáculo algum entre a vontade da pessoa e a vontade de Deus, porque “O discernimento e a opção são feitos sobre a vontade de Deus e não sobre a “coisa adquirida” (situação)”⁴⁵.

Os dois primeiros tipos não possuem uma vontade firme, que rompa com as amarras afetivas em busca de alcançar a liberdade. Todavia, a atitude do terceiro tipo deve permanecer sempre em estado de alerta, pois as dinâmicas externas e internas não param, não se estabilizam, mas estão em contínuo movimento, precisando de alinhamento uma vez ou outra. Para Inácio a indiferença em momento algum é frieza, insensibilidade, falta de interesse, mas na relação com Deus ela é primordial, pois não permite que os afetos desordenados tomem as rédeas da vida da pessoa e a levem para longe do fim ao qual foi criado: servir e louvar a Deus (EE 23), pois “quando sentimos afeto ou repugnância à pobreza material, não estamos indiferentes à pobreza ou riqueza” (EE 157,1).

A *indiferença* é uma grande aliada no caminho do serviço dentro da comunidade de fé. Ela traz em si uma benéfica capacidade de desatar nós que por ventura prendem as pessoas em suas posições de comando, apoiadas muitas vezes em interesses particulares, presas em afetos desordenados, impossibilitadas de tomar posturas e enfrentar ventos contrários. Ela assegura aos que se encontram em situações complexas, que certas escolhas são inevitáveis e imprescindíveis, por isso precisam ser feitas no horizonte da vida, que preserva com afincamento a relação de comunhão com o Deus-Amor. A *indiferença* carece de receber o apoio extraordinário da *humildade*, colaboradora indispensável para o crescimento da fé e do serviço.

3.1.3 Humildade para servir por amor

Uma das grandes marcas deixadas por Jesus Cristo explicita com lucidez o que é *humildade*. O evangelista João soube como ninguém retratá-la no desconcertante gesto do *lava-pés* (cf. Jo 13,1-15). Seu significado é, acima de tudo, o esvaziamento completo de si mesmo, colocando-se a serviço numa atitude fraterna e cuidado amoroso, abaixando-se para servir.

⁴⁴ ALBUQUERQUE, Antonio. Binarios. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensagero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 231.

⁴⁵ PALÁCIO, 1984, p. 204.

Na intimidade daquela ceia, o Mestre que aos seus discípulos “amou até o extremo” (Jo 13,1), cinge a cintura, derrama água na bacia e lava os pés dos companheiros de caminho. Se faz servo e dá o exemplo. Traduz em gestos o verdadeiro sentido das palavras amor e entrega. Resgata a dignidade alheia pela prática do serviço mútuo: “Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais” (Jo 13,15). Aquele que se eleva acima do outro não conhece o Servo que se faz igual a todos. Assim, cai por terra toda possibilidade de desigualdade entre os filhos de Deus. A hierarquia é colocada de lado e o serviço despretensioso traz de volta a liberdade perdida nas relações de opressão e poder. Lavar os pés, oferecer as mãos, amparar nos braços é o grande ensinamento do Homem de Nazaré.

Diante da amplitude desse gesto o exercitante pode ver nos *Três modos de humildade*⁴⁶ (EE 164-168) em qual deles o único critério “para o serviço de Deus e salvação” (EE 166,2) é objetivamente “imitar e assemelhar-se a Cristo” (EE 167,2) em sua pobreza humilde, como escolha lúcida no caminho da vida. “Ele se fez pobre para entrar em relação fraterna conosco”⁴⁷ e, por conseguinte, espera que a relação humana seja perpassada pela disponibilidade de se fazer pobre nas palavras, nas atitudes, no serviço gratuito, porque “quem ama coloca em primeiro lugar a pessoa a quem ama. Para o soberbo, o que vale em primeiro lugar é o seu ‘eu’ (o que diz, o que quer, o que pensa...)” (EE 164,1)⁴⁸.

No primeiro modo de humildade “é necessário para a salvação eterna: que eu me abaixe e humilhe tanto quanto me seja possível, para obedecer em tudo à lei de Deus nosso Senhor” (EE 165,1). O ponto central é a obediência que brota da confiança. Por isso, é essencial na oração recordar o pecado do orgulho e acolher a condição de restaurar “a imagem e semelhança”, que presume a identificação com a humildade e obediência do Filho de Deus. Esse é o limiar para existir uma comprovada experiência cristã. O exercitante, que na primeira semana experimenta a fealdade do pecado e é purificado, tem que se cuidar para que não caia novamente nas suas garras na realidade. Nada impede que ele corra sérios riscos de quedas nas mesmas questões cruciais experimentadas durante o processo dos Exercícios, e agora concretamente vividas nas relações cotidianas. A consciência do mal possibilita enxergar as condições da salvação de tal maneira que já não cabe mais a hesitação entre ele e o bem.

⁴⁶ “O tema da humildade tem ampla tradição dentro do Cristianismo. São Bento descreve doze graus de humildade, que são recolhidos por Santo Tomás. São Gregório enumera quatro graus de soberba que se opõem aos quatro graus de humildade. São Bernardo em seu tratado *Sobre os doze graus de humildade*, elenca doze graus de soberba. Santo Anselmo não fala de graus, mas sim que opõem a três modos de orgulho, três modos de humildade e um discípulo seu conta sete graus”. (Cf. DOMÍNGUEZ, *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, 2007, p. 1186).

⁴⁷ GARCIA-LOMAS, Juan Manuel. *Ejercicios Espirituales y mundo de hoy*. Bilbao: Mensajero e Santander: Sal e Terrae, vol. 8, 1991, p. 162.

⁴⁸ Nota de rodapé 160, p. 69.

No segundo modo: “que eu me ache em tal disposição que não queira nem tenha mais afeição a ter riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que vida breve, sendo coisa igual para o serviço de Deus e a minha salvação” (EE 166,1-2), a humildade alcança o estado da indiferença presente na segunda parte do Princípio e Fundamento (EE 23). Há uma visível renúncia da vontade própria para não quebrar a comunhão com Deus, passando em profundidade para uma total entrega. Inácio quer que “a oração desperte as afeições, depure o valor exato dos desejos e confirme a veracidade dos apelos de Deus”⁴⁹.

O terceiro modo⁵⁰ é mais um degrau no encontro com a liberdade. É decisão incondicional: “quero e escolho mais pobreza com Cristo pobre do que riqueza; mais injúrias com Cristo injuriado do que honras. E também desejo ser considerado inútil e louco por Cristo, que primeiro foi tido como tal, antes de ser tido por sábio e prudente neste mundo” (EE 167,3-4). É ser tocado por Jesus desde as entranhas, e com os olhos fitos nele se dispor a amar e servir. Ser afetado pelo Seu estilo de vida e segui-lo com o coração esvaziado, produzindo bons frutos na vida comunitária, pois estará menos suscetível à influência do ego que trabalha para si mesmo e quer de todas as formas impedir a configuração com Ele.

Inácio tem um bom exemplo do terceiro grau de humildade, quando, estando a caminho de Gênova, é preso pelos guardas, que pensam ser ele um espião. “Despiram-no e até os sapatos lhe esquadrinhavam, e todas as partes do corpo, para verem se levava alguma carta”. Arrastando-o até o capitão, no caminho “teve o peregrino uma representação de quando levaram a Cristo, embora não fosse visão como as outras. Foi conduzido por três grandes ruas, mas ia sem nenhuma tristeza, antes com alegria e contentamento” (Aut. 51-52). Essa capacidade iluminada de esvaziar-se proporciona o querer empregar-se em um serviço humilde e amoroso, desejoso apenas de ser um simples colaborador em Sua obra salvífica.

O Exercício dos “Três modos de humildade”, no quadro dos Exercícios Espirituais tem em vista a *eleição*, que não deve ser só um ponto ao qual se pretende chegar, mas sim, um viver em constante estado de eleger a Cristo e identificar-se com Ele no serviço de todos os dias. É resposta à Aliança salvífica oferecida por Deus. O primeiro modo “denota uma atitude antropológica de obediência fundamental, o segundo de indiferença e liberdade interior diante das coisas e o terceiro supõe um amor apaixonado, que não mede consequências”⁵¹.

⁴⁹ PALAORO, 1992, p. 106.

⁵⁰ Comparando este modo com o segundo, o elemento comum entre ambos é o serviço apostólico e a diferença consiste na vontade do exercitante, que nesse caso se “ache em tal disposição que não queira nem tenha mais afeição a ter riqueza que pobreza, [...], e naquele “prefere escolher a pobreza e humilhações, já que a obra de Cristo se cumpre sob o signo da *cruz*. Em um, a disposição, no outro, a escolha” (EE 167,1, nota de rodapé 163, p. 70).

⁵¹ BINGEMER, 1990, p. 214.

A chave de tudo se encontra na finalidade com que Inácio delinea a consideração das três maneiras de humildade. Não intenta formalmente expor princípios objetivos de atuação, nem normas de perfeição de nossos atos, nem fazer uma divisão completa da vida espiritual em três graus. Nada disso. Só deseja ajudar a que o homem se afete à verdadeira doutrina de Cristo, condensando sua atitude na humildade⁵².

A caminhada do exercitante na vida eclesial, sustentada pelo chamado diário de Jesus Cristo para viver na liberdade de filho de Deus, o faz consciente de que *discernimento, indiferença e humildade* são “armas” poderosas na jornada espiritual e na práxis do serviço. Por isso, ele deve ultrapassar as fronteiras institucionais e lançar-se no mundo, onde o sofrimento humano e a destruição da natureza alcançam proporções exacerbadas, mas encontram abrigo no coração do Redentor e nas mãos do Criador. A disposição de trabalhar em Sua messe ensina que a centralidade da fé está no “maior serviço”, consciente e cuidadoso, em que cada ser humano, terra fecunda, é chamado a assemelhar-se ao seu Senhor.

3.2 “Quem ama dá e comunica o que tem”

A natureza do amor é comunicar, expandir, alargar, estender, difundir, dilatar, espalhar, pois nasce na fonte originária do coração de Deus. “Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom” (DCE 7), abastecendo-se incessantemente dessa fonte. Este é o universo da via *unitiva*, em que acontece a mais completa união com o Deus que é amor (cf. 1Jo 4,16). Nele a noção de pessoa se complementa com a noção da dádiva, e os bens recebidos tornam-se visivelmente bens partilhados. A necessidade natural da retribuição, explicita a simetria dessa comunicação, em que o primeiro e grande doador é o próprio Deus que ama.

No movimento de receber e doar, evidencia-se o traço fundamental da relação de amor nos seres humanos quando se dá entre iguais. Dos dois lados, seja o perdão da falta alheia, ou o descer para elevar o outro ao nível em que seja possível, o mútuo intercâmbio é em pé de igualdade. Não é um melhor ou maior que o outro e tampouco o outro pequeno o bastante para não se elevar⁵³. Entregar os dons é comunicar. É estar num estado de permanente oferecimento, porque é dom recebido. É a vivência concreta da palavra do Mestre: “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto” (Jo 12,24), não para si mesmo, mas a ser compartilhado com os mais vulneráveis filhos e filhas do Pai Criador.

⁵² RUIZ JURADO, M. *Tres maneras de humildad*. Manresa 38, 1966, p. 128.

⁵³ ARZUBIALDE, 2009, p. 567.

A compreensão cristã do amor como “comunicação de ambas as partes”, que Inácio aponta como chave de leitura de toda a experiência dos Exercícios, não se encaixa na lógica humana dos tempos atuais, herdeira da racionalidade moderna e da subjetividade pós-moderna, voltada para si mesma e sobrecarregada de ídolos, vivendo tranquilamente sem necessidade alguma de estabelecer um horizonte de sentido em Deus, e em consequência disso, sem comprometimento ou disponibilidade para dar do que tem, só e simplesmente por amor.

Neste contexto, o cristão, que também sofre uma “acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor” (EG 78), é advertido a procurar pelo Amor na fonte do coração. Ir além dos seus preconceitos, fechamentos e limites. Compreender que amar é verbo, ação continuada, impulso para sair do egoísmo que gira em torno dos templos e mergulhar na sofrida condição humana; conscientizar-se de que “quem ama dá e comunica o que tem ou pode a quem ama. Por sua vez, quem é amado dá e comunica ao que ama. De modo que, se um tem ciência, ou honras ou riquezas dá ao que não as tem. E assim mutuamente” (EE 231,1-2). Portanto, a comunicação é a substância mesma do amor⁵⁴. Inácio a experimenta como comunhão, dom, amante, amado, essência do Espírito Santo. Ela acontece no nível mais profundo da amizade, que iguala as duas partes na mesma responsabilidade de se doar, sendo fusão entre a ação de Deus e a ação humana.

Através da compaixão com o sofrimento alheio, semelhante ao de Cristo, o Redentor que “levou sobre si as nossas dores” (Is 53,4), e o crescer da consciência de toda exploração sangrenta que sofre a “Mãe-Terra”, escutando o seu grito de socorro por respeito e cuidado, o exercitante agora toma as rédeas da sua vida e amplia seus horizontes, estendendo o olhar para além da sua comunidade de fé, numa tentativa misericordiosa de alcançar o mundo que o cerca, para generosamente partilhar o amor nas ações, tendo em vista somente a “maior glória de Deus”.

Necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de “sentido”, de verdade e de amor, de alegria e de esperança! Não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos templos, mas é urgente ir em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra, que o amor é mais forte, que fomos libertados e salvos pela vitória pascal do Senhor da história (DA 548).

⁵⁴ Inácio aproveita nesta nota a terminologia usada por Santo Agostinho, quando começa sua especulação sobre os vestígios da Trindade no mundo.

3.2.1 O sofrimento humano no coração do Redentor

O sofrimento está enraizado de tal maneira na vida humana que é impossível ignorá-lo ou precisar sua extensão, diversificação e pluridimensionalidade. Ele atinge a pessoa não só em sua dimensão corporal, mas também na moral e na espiritual. A história da humanidade é constituída de preconceitos, exclusões, divisões, e a guerra já não pertence mais ao universo de países que disputam entre si poder e territórios, mas explode por todos os lados dentro do cruel mundo do tráfico de drogas, de pessoas, de animais, de órgãos, de armas, de influência. Divide famílias num desatino sem igual, prolifera nas ruas onde a intolerância atropela o bom senso. Está estampada na política suja, enlameada pela corrupção, que visando a interesses egoístas desvia verbas, elimina adversários e promove a injustiça social.

As dores humanas estão por todas as partes à espera de bons samaritanos que ousem parar, debruçar-se sobre elas e cuidar de suas feridas (cf. Lc 10,29-37). Encontram-se expostas nas calçadas que se tornam casas ou debaixo dos viadutos transformados em tetos. Nas mãos trêmulas de um viciado que morre a cada dia, esquecido de si mesmo. Nas mães que choram lágrimas de sangue, assim como Maria, perdendo seus filhos para a violência descabida e a negligência desumana. Nas doenças psíquicas que sadicamente vitimam pessoas inocentes. No absurdo do *Bullying*, que provoca, de forma irreversível, a destruição moral de um ser humano.

E ainda na extrema dureza de ter que deixar o próprio país ou estado por causa da fome, das guerras, das divergências ideológicas, das sandices de tantos homens. Na perseguição religiosa sofrida por quem deseja apenas professar sua fé. E ainda no abominável terrorismo que espalha o ódio e o medo por todas as partes do planeta; no despropósito do *lobby* quando visa apenas os interesses particulares; na trágica desigualdade; na crueldade da pedofilia e dos maus-tratos sofridos por tantas crianças; na corrupta fraude; na loucura de uma economia que mata, explora, oprime, desperdiça num mercado insano produtor de consumidores insensíveis.

Um universo tão grande que é impossível abraçá-lo e listar nele todas as dores vividas hoje pela raça humana, e que parecem avançar com a força incontrollável das avalanches. A exigência agora é compreender o *sentido salvífico do sofrimento*, pois, “no coração do mundo está a misteriosa presença d’Aquele que se compadece de todos os que sofrem”⁵⁵. O Filho de Deus “tornou-se incessantemente próximo *do sofrimento humano*, pelo fato de ter ele próprio assumido *sobre si este sofrimento*” (SD 16).

⁵⁵ MARTÍNEZ, 2011, p. 148.

Sua história é marcada pela incompreensão, hostilidade e a pretensão dos outros de eliminá-lo. Caminha em direção à Paixão, seu sofrimento maior, com uma perfeita lucidez e certo de ser essa a missão que o Pai lhe confia. “É precisamente por meio da sua cruz que Ele deve atingir as raízes do mal, que se embrenham na história do homem e nas almas humanas”, realizando a obra da salvação, que pelo “desígnio do amor eterno, tem um caráter redentor” (SD 16).

Ele que “passou fazendo o bem” (At 10,38) manifesta sua preferência pelos que sofrem, libertando-os dos espíritos impuros, da cegueira, das deficiências físicas, da lepra. É sensível o bastante para acolher e curar, incluir, perdoar, alcançando o sofrimento do corpo e da alma, devolvendo a dignidade perdida. Mas, como levar a concretude dessa verdade do Cristianismo para os corações que sofrem no presente da história? Onde encontrar vestígios do amor no submundo da trama, onde o indivíduo não se reconhece mais na face do outro que lhe é semelhante, a face do Criador na “sua imagem e semelhança”? Como falar de um Deus que se faz homem, morre na cruz para libertar do mal, se este continua sendo força de destruição? De que modo a fé pode ser sinal de esperança aos corações desesperançados, se dentro da “Igreja que nasce do mistério da Redenção na Cruz de Cristo” (SD 3), o sofrimento é também uma realidade que muitas vezes não experimenta a libertação, germinada no Seu *coração redentor*?

Tais questões abrem o campo para uma reflexão mais realista sobre as verdades de fé que não atingem uma grande parte das pessoas que estão dentro e, menos ainda, as de fora da Igreja. Há um contexto de desequilíbrio em que o exercitante precisa olhar sem enganos. Inácio não oferece românticas ilusões na volta para casa depois da Contemplação para alcançar amor. Acompanhar Jesus Cristo é na pena e na dor (EE 98). A segunda Pessoa da Trindade se faz carne e nasce em meio a tantos sofrimentos e trabalhos, “refaz a criação ao ser crucificado e nos permite olhar para a realidade de um modo em que ainda pode existir esperança; somos capazes de agradecer, de nos comover e de reconhecer o dom e a graça do Senhor”⁵⁶.

Nos olhos de todos os homens habita um insaciável desejo. Nas pupilas dos seres humanos de todas as raças, nos olhares de todas as crianças e anciãos, das mães ou das mulheres que amam, nos olhos do policial, do empregado, do assassino, do revolucionário e do ditador, assim como nos olhos do santo: em todos a mesma centelha do desejo insaciável está presente, o mesmo fogo secreto, o mesmo abismo profundo, a mesma sede infinita por felicidade e alegria e posse sem fim⁵⁷.

⁵⁶ VÁZQUEZ, 2005, p. 85.

⁵⁷ GRUN, Anselm. *Se quiser experimentar Deus*. Petrópolis: Vozes, 2003, p.58.

O imperativo de quem bebeu na fonte do amor, conhecendo Jesus Cristo desde o nascimento até a glorificação, dispondo-se a tudo por sua causa, é que o amor tome forma nas obras realizadas em favor de amenizar o sofrimento latente na humanidade. É no compromisso social, que o exercitante, com sensibilidade. “não passa ao largo pelo sofrimento humano das pessoas e pelo mal do mundo”⁵⁸, mas se compadece, partilha, divide. Compromete-se com a sociedade na luta pelos direitos humanos, ou no trabalho profissional que realiza, e ainda nas situações corriqueiras da vida em que a dor aparece como Jesus a descreve: “Tive fome e me destes de comer; sede e me destes de beber; era forasteiro e me acolhestes; nu e me vestistes; doente e me visitastes; preso e viestes me ver” (Mt 25,34-36). Não de forma assistencialista, causando dependência em quem recebe, mas oferecendo oportunidades, trabalho, consciência, dignidade. É movimento do Espírito Santo de amor, que rompe com a acomodação e que se dá sem limites, derrubando os muros que insistem em separar os filhos de Deus.

3.2.1.1 A compaixão pelos pequenos

“Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Eis a centralidade do evangelho do Reino, que no rosto do pobre apresenta o rosto de Cristo, o Filho de Deus que se faz presença nos pequenos, esquecidos, abandonados, reclamando por cuidados e justiça social. Ele representa todos os que são jogados no sistema opressor do mundo, fora do convívio, excluídos da participação justa nas esferas comuns. Esses retratam a desigualdade que se banqueteia insaciavelmente, deixando cair as migalhas da mesa sem consciência do miserável de mãos estendidas a pedir insistentemente trabalho e pão. Há uma “legitimação” da sua existência no mundo, que permite a reprodução da dominação cotidiana nos níveis mais diversos da sociedade, reafirmando continuidade com o passado⁵⁹.

Desde a Conferência de Medellín (1968), que descreve a pobreza latino-americana e assinala suas causas, levanta-se uma voz profética na Igreja, que ratificada em Puebla (1979), faz surgir com força a expressão *opção preferencial pelos pobres* e usa frequentemente os dois termos pobreza e libertação, reafirmando o compromisso de solidariedade em “favor dos pobres e contra a pobreza”⁶⁰. Chama a atenção nos dias de hoje para um tema tão complexo, que desafia o mundo e também os cristãos a olharem para dentro de suas estruturas e detectar os abusos que contratemunham essa realidade.

⁵⁸ MARTÍNEZ, 2011, p. 37.

⁵⁹ SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 15

⁶⁰ GUTIERREZ, Revista de Espiritualidade Inaciana 25, 1996, p. 33.

E assim, é reafirmado constantemente o desequilíbrio, a distância e o desnivelamento que caracteriza o modo de vida na sociedade pós-moderna. De um lado a fome, a miséria, a exclusão, de outro, o desperdício, a insensatez e o preconceito. Na atualidade, o Papa Francisco tem refletido com ênfase sobre a preferência que deve ser dada aos pobres de Deus: “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e da promoção dos pobres” (EG 187), não como expressão do comunismo, mas, evangelho de Cristo, que veio “para evangelizar os pobres” (Lc 4,18) e ele mesmo “se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com sua pobreza” (2Cor 8,9).

“O pobre manifesta mais palpavelmente as estruturas antropológicas de todo ser humano pelo fato de estar diminuído nelas”⁶¹. Ele é um sacramento, um sinal vivo e verdadeiro da presença de Deus na vida. Precisa ser defendido do cruel egoísmo e da autossuficiência, que afundada nas ilusões, ignora, explora e humilha os prediletos do Pai. Em seu amor inclusivo, clama a seus filhos a terem um coração dilatado pela *compaixão* com os crucificados deste mundo, e lutem para fazer valer a eficácia da ação, combatendo a exclusão social, protegendo e resgatando os que tem nada têm e sofrem como vítimas da discriminação.

O mau samaritano. Quantas vezes tenho passado perto de um doente, perto de um louco, de um triste, de um miserável, sem lhes dar uma palavra de consolo. Eu bem sei que minha vida é ligada à dos outros, que outros precisam de mim, que preciso de Deus. Quantas criaturas terão esperado de mim apenas um olhar que eu recusei⁶².

Inácio assume seu grande amor por Cristo: “quero e escolho mais pobreza com Cristo pobre do que riqueza” (EE 167,3), e nele se inspira para viver a pobreza em sua vida. Começa essa caminhada em Monsserrate quando “foi o mais secretamente que pôde a um pobre, despiu-se de suas vestes, e lhas deu” (Aut. 18). Esse gesto se multiplica infinitas vezes no caminho de conversão até a identificação total com o Senhor, quando se autodenomina *o pobre peregrino*⁶³. No *Diário Espiritual* é explícito o seu entendimento sobre a grandeza contida na forma concreta de viver a pobreza de maneira digna:

Parecia-me com grande clareza e mudança não de costume, que ter qualquer coisa seria uma confusão, que tudo ter seria um escândalo e contribuiria para rebaixar a pobreza, tão louvada por Deus, nosso Senhor (DE 5).

⁶¹ JUNGES, 2001, p. 47.

⁶² BINGEMER, M.C. *A argila e o espírito*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p.131.

⁶³ Ele acrescenta “pobre” pela primeira vez numa carta a Inês Pascual que data de 6 de dezembro de 1524.

Nas Constituições da Companhia, enfatiza no que concerne à missão: “Os centros sociais e a ação direta com e pelos pobres serão tanto mais eficazes na promoção da justiça quanto melhor integrem a fé em todas as dimensões do seu trabalho” (CCJ 300, §2). E ainda reafirma: “Por ser apostólicas, as nossas comunidades devem orientar-se para o serviço dos outros, principalmente os pobres, e para a cooperação com os que buscam a Deus ou trabalham por um mundo mais justo” (CCJ 323). Em seu “contato com os pobres, foi fazendo-se, ele mesmo pobre”⁶⁴.

Ao exercitante que escuta o chamado do Rei eterno, dispõe-se a contemplar os mistérios da sua vida, se compadece de suas dores e humilhações, escolhe segui-lo em humildade e pobreza, agora é o tempo de viver essa escolha. Seu ponto de partida é a descida *ao encontro de Deus*, seguindo o Cristo crucificado, que se esvaziou até chegar ao último degrau da condição humana (cf. Fl 2,6-18) e seu rosto se faz presença no rosto dos pobres, sem voz e sem vez dentro de um capitalismo abusivo.

Sua ética cristã deve resultar de uma espiritualidade genuína dirigida e sustentada pelo Espírito Santo, que aponta para o viver em Cristo, pelos irmãos. “Quando na presença de outrem digo: Eis-me aqui! É o espaço por onde o infinito entra na linguagem, mas sem se deixar ver”⁶⁵. O resultado da comunhão com a Trindade é a compaixão pelos pobres que sofrem calados as injustiças do mundo e o cuidado com a Terra que agoniza nas mais terríveis dores. “Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem” (EG 2).

3.2.2 As dores da “Mãe-Terra” nas mãos do Criador

“Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente” (Rm 8,22). Sem sombra de dúvidas, o Planeta Terra com suas riquezas extraordinárias, tem sido alvo do capitalismo desumano, que o suga gota a gota, visando somente o lucro e produzindo o desperdício dentro de um consumismo desenfreado. Por outro lado, é também uma das maiores preocupações de muitos seres humanos que se importam com esta “casa comum” e requer cuidado e atenção redobrados, pelas atrocidades que tem sofrido ao longo de tantos anos de exploração e desrespeito.

⁶⁴ RAMBLA, vol. 4, p. 26.

⁶⁵ LEVINAS, Emanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 98.

É o claro-escuro da história, onde ouve-se o gemido de cada espécie extinta, de cada árvore tombada, de cada rio que seca. O momento é crítico, pois a continuação da vida depende da Mãe-Terra com seus seios fartos, porém tudo que acontece a ela, acontece aos seus filhos. “A terra seja talvez o maior sacramento do Fazedor e Conservador da vida. Nela Deus se revela como nossa digníssima Mãe”⁶⁶.

A Igreja, apesar de ter como origem da sua teologia bíblica a Criação, esteve alheia às questões concernentes à ecologia por muitos séculos na história. A visão de mundo da “cultura judaico-cristã”, foi culpabilizada por levar a sério demais o antropocentrismo que colocou o homem, criado por Deus, como *senhor da criação*, outorgando-lhe o direito de dominar e subjugar o quanto quisesse. Essa “superioridade humana” frente à natureza deu inteiro respaldo à destruição, fechando as portas para a consciência da integração amorosa que deve existir entre os seres humanos e a Terra. A ciência na atualidade nega veemente esse senhorio, revelando a “igualdade substancial entre o corpo humano e o de outros animais”⁶⁷.

Nos tempos atuais há uma mudança nessas relações, a partir de inúmeros grupos de estudos bíblicos que “tentam aprender com a Bíblia um profundo amor à terra”. Também na presença dos cristãos em movimentos ecológicos; nos empreendimentos sustentáveis que desenvolvem uma economia solidária; nas cooperativas de reciclagem que geram trabalho e são responsáveis pelo sustento de tantas famílias; no testemunho dos que dão a vida por projetos de sustentabilidade, como Ir. Doroty junto aos trabalhadores rurais no Xingu ou Dom Cappio no Rio Francisco lutando pelas populações ribeirinhas⁶⁸. Há sinais de comprometimento na experiência de fé da Igreja que pede ainda mais abertura às realidades do mundo.

Terra, nosso lar. A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, é viva como uma comunidade de vida incomparável. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade de vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todos os povos. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado⁶⁹.

⁶⁶ SUSIN, Luiz Carlos; Santos Joe Marçal (orgs). *Nosso planeta, nossa vida: Ecologia e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 160.

⁶⁷ Ibid., p. 140.

⁶⁸ MURAD, Afonso. *Fé cristã e ecologia: o diálogo necessário*. Perspectiva Teológica 40, 2008, p. 234.

⁶⁹ <http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/text.html>. Trecho da Carta da Terra, uma “Declaração universal de proteção ambiental e desenvolvimento sustentável”, lançada em junho de 2000 no Palácio da Paz em Haia. Iniciativa da sociedade civil que encoraja os povos a reconhecerem uma responsabilidade pelo bem-estar de toda a família humana, da comunidade maior da vida e das futuras gerações.

Inácio abarca toda essa dimensão cósmica da natureza interligada a tudo, quando contempla o céu estrelado e sente-se impelido a servir ao Criador de tantas maravilhas: “A maior consolação que descobrira então era contemplar o céu e as estrelas. Fazia-o muitas vezes e por muito tempo, porque com isso sentia um grande esforço para servir a nosso Senhor” (Aut. 11). Durante toda sua vida conserva essa sensibilidade. Laínez o testemunha: “Subia ao terraço donde se descortina o céu livremente. Aí se punha de pé, tirava o barrete e sem mover-se estava um pedaço com os olhos fitos no céu”⁷⁰.

Essa admiração que ele sentia pelas coisas criadas e o desejo de aprender a ver Deus em todas elas, colabora para que haja na atualidade uma profunda reflexão sobre a certeza de que contemplação da natureza não pode ser algo passivo e descomprometido, mas impulso que leva a querer de verdade e profundamente colaborar com sua preservação, fazendo um esforço de romper a visão mecanicista e utilitarista que insiste em predominar na cultura ocidental. Reduz o planeta a um objeto de onde se pode extrair vantagens e lucros visando apenas interesses pessoais.

Com efeito, o ser humano e o planeta que o acolhe não são mercadorias. A vida não é apenas quantificável. A cura do mundo passa também por uma reformulação dos valores éticos universais através de um autêntico diálogo entre as culturas e por uma refundação da relação entre o ser humano e a natureza, o homem e a mulher, o indivíduo e a transcendência. [...]. Sem uma transformação de si mesmo não será possível qualquer transformação do mundo. Sem uma revolução da consciência de cada pessoa será impossível esperar por uma revolução global⁷¹.

O “Deus que trabalha e age em todas as coisas criadas sobre a terra” (EE 236), recolhe em suas mãos o sofrimento da Mãe-Terra, e provoca no exercitante que O contemplou na beleza da Criação (EE 23), a consciência de pertencer a essa Mãe, que se dá generosa e gratuitamente aos filhos, e de estar em conexão com todas as coisas criadas, assumindo uma *diaconia* em favor da natureza. Uma expansão da consciência que percebe a circularidade existente no Planeta, onde cada elemento está interligado ao outro no dinâmico processo da criação.

A revolução da consciência possui a natureza de conduzir a uma mudança de lógica, de concepção do mundo e a uma melhora quantitativa das relações interpessoais, das relações interculturais e dos modos de vida⁷².

⁷⁰ Aut. 11, nota de rodapé 17, p. 25.

⁷¹ LENOIR, Frédéric. *A cura do mundo*. São Paulo: Loyola, 2014, p.13.

⁷² *Ibdi.*, p. 80.

3.2.2.1 A consciência de pertença e cuidado

Todas as realidades são inteiramente propícias ao amor e ao serviço. Deus está em todas elas e o olhar imbuído de fé o vê “*dando-as e dando-se, habitando, trabalhando, descendo*”⁷³. O coração humano é Seu *habitat*, assim como a natureza, lugar do trabalho constante, da participação efetiva nessa obra magnífica, que geme ininterruptamente e sofre as mais cruéis agressões. Não se pode perder de vista a tríplice relação entre Deus, – o *divino*, o ser, – o *humano*, e a natureza, – o *cósmico*⁷⁴. Tal unidade não permite o descompromisso, o descuido, a negação de pertença, mas exige uma apropriação da *consciência* que dá sentido existencial à ação ética, pois é uma “bússola moral” e está em sintonia com o Amor, embora seja impregnada por esquemas estruturais que a contaminam, tais como o medo, a covardia, a obsessão⁷⁵.

A consciência de pertença e cuidado com a Terra põe em estado de alerta a pessoa que cresce na espiritualidade trilhando a estrada dos Exercícios Espirituais, e vê transformada a própria fé. Seu mundo interior conhece o Autor da vida e abre horizontes nunca antes vistos. O olhar é ampliado e o coração dilatado. Já se conhece um pouco mais e se reconhece irmanada às outras formas de vida, nascidas das mesmas Mãos. Agora é capaz de discernir quais são os gestos de amor que o momento demanda com extremada urgência: o uso consciente da água e do papel; a luta contra o desperdício de todas as formas; a importância da reciclagem do lixo; a defesa dos animais; a preservação dos parques, das praças e das florestas; o respeito pela natureza a partir da abertura à uma consciência profunda do elo existente entre todos os seres no Planeta.

Uma verdadeira experiência do amor libertário de Deus encoraja a viver no mundo com mais confiança e ousadia. Não isento de dificuldades, mas extraindo novas possibilidades de crescimento integral. E assim como o “O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45), conscientizar-se do chamado que é feito todos os dias a transformar realidades sob o impulso do amor operante, que nas obras mostra sua face concreta, e busca em tudo, a glorificação de Deus.

A medida do amor que tenho aqui embaixo por qualquer pessoa é a de dar-lhe a ajuda que posso, pois não ama a Deus de todo coração quem ama qualquer coisa por ela mesma e não por Deus (CE 3).

⁷³ GARCÍA, Manresa 79, 2007, p. 158.

⁷⁴ BACH, 1985, p. 97-104.

⁷⁵ *Ibdi.*, p. 98.

3.3 Conclusão: “A maior glória de Deus”

O “amor que consiste mais em obras do que em palavras” é a valiosa contribuição da Contemplação para alcançar amor aos Exercícios Espirituais. Coroamento do processo do exercitante, que na vida de Jesus Cristo, encontra a direção e o significado da existência, não importando qual seja a práxis assumida, mas consciente de que cada ação deve estar permeada por essa experiência do encontro, em que *discernimento*, *indiferença* e *humildade* são molas propulsoras a movê-lo para em tudo procurar “a maior glória de Deus”.

O carisma e espírito de Inácio de Loyola só podem ser entendidos a partir dessa expressão que ele usa em todos os seus escritos: *Ad Maiorem Dei Gloriam*. Princípio teológico que rege sua vida e produz nela um *acatamento reverencial* norteador da história, que só encontra sentido no “caminho do serviço divino”. É a entrega incondicional que trabalha incansavelmente pelo bem dos outros. É a sua bandeira, “sentido da vida humana, o objetivo dos Exercícios Espirituais e a missão da Companhia de Jesus”⁷⁶.

Que abundância de graças espirituais Deus, nosso Criador e Senhor, aprouve-lhe comunicar! Ele quis, por sua costumeira graça colocá-lo bem alto em todos os aspectos, para seu maior serviço e maior glória. Seu amor infinito de Criador se debruçou sobre sua criatura. Infinito que era, ele se fez finito e quis morrer por ela (CE 17).

⁷⁶ MARTÍNEZ-GAYOL, Nuria Fernández. *Gloria de Dios en Ignacio de Loyola*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 34, 2005, p. 12.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Sois uma carta de Cristo, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações” (2Cor 3,3). Toda carta contém uma mensagem e sempre provoca um movimento interior em quem a lê. Os que consentem em ser carta legível escrita pelas mãos do Senhor Jesus, levam a mensagem do Evangelho no próprio corpo, e são enviados com o selo do Espírito a todos os povos da terra, que precisam ler o que cada um carrega em si e ver em cada passo, gesto e palavra que sai dos lábios, o próprio Cristo Jesus.

Inácio é uma dessas cartas que se transforma em mensagem de amor para o próximo. Sua trajetória espiritual é surpreendente, enriquecedora e única, pois traz em si a marca distinta dessa escrita, cujo conteúdo não tem fórmula pronta, nem é sistematizado em categorias teológicas, mas simplesmente *autocomunicação* de Deus no mais íntimo do seu ser. Iniciativa surpreendentemente livre da graça divina, que de tão desmedida provoca uma transfiguração consciente em meio as lutas, orações, incessante peregrinar, mudança de rota e intenso crescimento humano.

Ele, um cristão comum e descomprometido, envolvido em tantas ambições e vaidades, é sensibilizado pela história de vida do “Verbo que se fez carne” (Jo 1,14), iniciando seus primeiros passos na via espiritual, que começa pela derrubada das egoísticas aspirações e a descoberta da força de transformação que há na Palavra. Aprende a olhar para dentro de si e prestar atenção nos pensamentos e sentimentos despertados. Cresce em sensibilidade e discernimento, compreendendo que a alma se satisfaz não com o “muito saber”, mas com o “saborear internamente”, sentir o gosto, experimentar na intimidade. Vive o processo contínuo de conversão que o leva a um amadurecimento espiritual, e sob a guia do Espírito de amor, livre, dinâmico, iluminador, galga profundezas inimagináveis. Ele mesmo relata em seu epistolário ao escrever a Teresa Rejadell todo o movimento interior que experimenta:

Muitas vezes acontece que nosso Senhor trabalha nossa alma, movendo-a e forçando-a a uma ação ou outra. Fala no interior dela mesma, sem nenhum ruído de palavras. Eleva-a a seu divino amor sem que seja possível resistir a esse sentimento que é seu e que nós fazemos nosso (CE 7).

Esta pesquisa abordou a obra de amor que a Santíssima Trindade fez nas raízes mais profundas da sua experiência de fé, e o impulsionou a viver esse amor na praticidade do seu carisma e grandeza do apostolado, fazendo-o participar plenamente das tristezas e angústias de homens e mulheres do seu tempo.

A divina Majestade sabe com que ardor e com que frequência ela me tem inspirado a vontade decidida e o desejo sempre crescente de ser agradável e útil espiritualmente, por pouco que seja, a todos os homens e a todas as mulheres de minha terra, em sua divina bondade (CE 15).

Passo a passo Inácio entra no caminho da oração e faz dela sua aliada. Enche-se plenamente da Trindade e esvazia-se totalmente de si mesmo, numa laboriosa travessia espiritual. Por fazer uma experiência tão grandiosa, aprende a compreender a alma humana à luz da fé, e sabe do quanto ela precisa ser movida em seus afetos sem deixar de lado a razão, para descobrir o significado do existir em Deus, vivendo a espiritualidade a partir do encontro com Jesus de Nazaré, degustando de sua presença, conhecendo seus feitos, apaixonando-se por sua vida, deixando-se tocar na interioridade pelo seu amor.

A paz de nosso Senhor é toda interior, trazendo com ela dons e todas as graças necessárias à salvação e à vida eterna. Esta paz leva a amar o próximo por amor de seu Criador e Senhor, e este amor faz observar os mandamentos da Lei, segundo a palavra de São Paulo: *Quem ama o seu próximo cumpre a Lei* (Rm 13,8). Cumpriu toda a Lei porque ama seu Criador e Senhor e também o próximo, por amor a Deus (CE 15).

“A relação profunda com Deus, desenvolvida nos Exercícios, deve mudar a mente e o coração, para tornar o exercitante um cristão mais coerente com sua própria vocação”¹. Este certamente é o desejo que Inácio carrega nas entranhas em todos os seus anos de vida, vivendo em função de “ajudar as almas”. Ele não tem a pretensão de esgotar o tesouro da Revelação nos Exercícios, e esses não abarcam todas as riquezas de Cristo e do seu Evangelho, mas humildemente mostra que o Deus-Trino revela-se diretamente à criatura, construindo com ela uma relação de amizade e intimidade pela via da oração, que tem em vista cultivar o amor, ordenar a vida, situar-se ante a vocação recebida, levando a sério o projeto salvífico de Jesus que chama a todos para trabalhar no seu Reino.

¹ QUEVEDO, Luís González. *Permanecer no amor: a continuidade dos Exercícios Espirituais*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 45, 2001, p. 54.

Nunca demoremos em realizar uma boa obra, mesmo que seja pequena, com a ideia de que faremos maiores em outra ocasião. Esta é uma tentação habitual do inimigo: fazer-nos ver a perfeição nas coisas a vir e nos levar a desprezar as coisas presentes (CE 18).

Este trabalho transitou pelos caminhos da experiência, da práxis e da oração. Não com a pretensão de fundamentar-se em conceitos, mas sim com o desejo de mostrar a conexão existente entre elas na experiência de Inácio de Loyola. Sua história é a prova concreta de que “o amor é comunicação de ambas as partes”, precisa ser alimentado na oração e deve se transformar em gestos na história cotidiana, provocando desejos intensos de em tudo glorificar a Deus. “O Senhor quer que vós vivais na alegria [...]. Que vossas palavras, pensamentos e relações com os demais sejam nele” (CE 1).

A Contemplação para alcançar amor contribui de maneira eficaz com este percurso, pois nela a experiência do amor que brota do encontro com Deus na oração, se transforma em práxis de serviço. Ela é essencial para que o exercitante compreenda que todo o processo interior vivido sob a luz do Espírito, nos Exercícios, precisa de uma síntese coerente e de uma mediação operante. Pode-se ver nela uma condição de possibilidade de chegar à espiritualidade cristã hoje com força suficiente para possibilitar um encontro profundo entre o Criador e a criatura. “Quando se começa a sentir em plenitude o amor de Deus, começa-se também, na sensação do Espírito, a amar o próximo. É esse o amor de que falam as Escrituras”².

O Deus vivo e verdadeiro, que em Jesus Cristo fez morada na terra, habita cada coração e espera pelo encontro com sua criatura no mais secreto, onde o Espírito de amor é derramado. E com efeito, a senda da salvação é o amor. Amor desmedido, amor construído, amor que recompõe, que direciona e conserta. Amor que vai atrás dos desolados, que ampara os desvalidos, que é âncora para o mais perdido. O mesmo amor com que Jesus amou. Amor de verdade, corajoso, desafiador. Irrompe volumoso e toma conta de tudo o que encontra pela frente. Aprende com as feridas e realiza pequenos milagres no cotidiano. Estende-se, alarga-se, e a tudo envolve.

Amor nada romântico, mas inteiramente sensível, que chora junto à dor do outro, penetra, suaviza. Cria intimidade, escuta e luminosidade. Amor que, de tão suave, chega a queimar. De tão imenso, insiste em arder. Sempre inquieto e buscador, desbravando novos territórios. Não se contenta com o que tem. Quer sempre mais ser polido, descamado, purificado. Quer ainda mais avançar, modificar, transfigurar.

² CLEMENT, 2003, p. 254.

Ah! O amor! Deseja ir aonde ninguém vai. Corre na direção dos que não têm direção, vibra nos olhos dos cegos, sorri na boca das crianças pequeninas. De ternura se enche o amor, explode, palpita. A seu tempo, faz um coração bater mais forte, os passos andarem mais rápido, a estrada encher-se de flores. No amor, a chuva é mansa; a brisa, leve; o céu, azul. O amor descansa no Amado. Dá-se à vida sem medidas, sem egoísmo e orgulho.

Dele aprende-se a humildade. Nele se reconhece a caridade, o perdão, o diálogo, a vida com mais sabor. Doa-se por inteiro, sem negar ao outro o que lhe é de direito. Derrama-se, desmancha-se, dilui-se no outro, torna-se um com, pois sua fonte originária é Deus. “Seguir este caminho seria andar direito no serviço do Senhor, estimando mais este caminho do que qualquer outra coisa” (DE 160).

Aqueles que professam sua fé no Deus-Trino têm no Evangelho de Jesus Cristo o caminho do amor e do serviço. Sua atuação no mundo depende da experiência de encontrar-se com Ele nas profundezas do coração. Um encontro de amor que seja gerador de amor. Na oração Sua presença se torna mais sensível, candente e inesquecível. Nela é possível cultivar a interioridade e construir a intimidade, caminho feito com paciência, pois exige maturação do desejo, disponibilidade para o encontro e abertura para o diálogo fecundo. “Se falta a capacidade de orar, de se colocar face a face em atitude filial diante de Deus, não há mais nada que seja cristão e ofereça garantias de autenticidade”³.

Ó Deus que suscitastes em vossa Igreja Santo Inácio de Loyola para propagar a maior glória do vosso nome, fazei que auxiliados por ele, imitemos seu combate na terra para partilharmos no céu sua vitória. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. **Amém**⁴.

³ SALVADOR, Federico Ruiz. *Compêndio de Teologia Espiritual*. São Paulo: Loyola, 1996, p.281.

⁴ *Oração do dia* rezada na festa litúrgica de Santo Inácio de Loyola em 31 de julho. Cf. MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1992, p. 624.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fonte

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB, 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2002.

2. Bibliografia de Inácio de Loyola

LOYOLA, Inácio. *Exercícios Espirituais*. Tradução: R. Paiva, SJ. São Paulo: Loyola, 7ª ed., 2013.

_____. *Constituições da Companhia de Jesus: e normas complementares*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Diário espiritual*. Tradução: R. Paiva, SJ. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. *Cartas escolhidas*. Tradução: R. Paiva, SJ. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *O relato do peregrino*. Tradução: R. Paiva. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Autobiografia de Inácio de Loyola*. Tradução: Pe Armando Cardoso, SJ. São Paulo: Loyola, 5ª ed. 1997.

IPARRAGUIRRE, Ignacio. *Obras Completas de San Ignacio de Loyola*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, vol. 86, 1952.

3. Outras bibliografias

ALDEA, Quintin (Ed.). *Ignacio de Loyola en la gran crisis del siglo XVI*. Congresso Internacional de História. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 11, 1991.

ALEMANY, Carlos; MONGE, José A. *Psicologia y Ejercicios Ignacianos*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vols. I e II, 2001.

ARRUPE, Pedro. *La Iglesia de hoy y del futuro*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 1982.

_____. *Inspiração trinitária do carisma inaciano*. São Paulo: Loyola, 1988.

ARZUBIALDE, Santiago. *Ejercicios Espirituales de S. Ignacio: história y análisis*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 1991.

BARREIRO, Álvaro, SJ. *Conhecer, acolher e viver o amor de Deus: como orar a Contemplação para alcançar amor*. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. *Contemplar a vida de Jesus: prática e frutos*. São Paulo: Loyola. Coleção Leituras e Releituras, 2ª ed., 2003.

- _____. *A contemplação da vida de Jesus Cristo: história, método e teologia dos exercícios ignacianos*. São Paulo: Loyola, 2009.
- BARRY, William; DOHERTY, Robert. *Contemplativos em ação: o caminho jesuíta*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BINGEMER, M.C. L. *Em tudo amar e servir: mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 1990.
- _____; NEUTZLING, Inácio; MAC DOWELL, João, A. (org). *A globalização e os jesuítas: história, origens e impactos – Anais*. São Paulo: Loyola, vols. I e II, 2007.
- BUELTA, Benjamín González. *Orar em um mundo fragmentado*. São Paulo: Loyola, 2007.
- CARTUSIANO, Ludolfo. *O livro da Vita Christi: em linguagem portuguesa*. Casa de Rui Barbosa, 1957. Coleção de textos de língua portuguesa arcaica.
- CASANOVAS, Ignacio. *San Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus*. Barcelona: Editorial Balmes, 1944.
- CEI-ITAICI. *A força da metodologia nos Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola. Coleção Leituras e Releituras, 2002.
- COATHALEM, H., *Comentario del libro de los Ejercicios*. Buenos Aires: Apostolado de la Oración, 1987.
- CODINA, V.; HURTADO, M.; MONTES, S.; MOSCOSO, A. *A pie con Ignacio: una introducción a la espiritualidade ignaciana*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CONFERENCIA DOS PROVINCIAIS JESUÍTAS DA AMÉRICA LATINA. *Exercícios Espirituais na América Latina*. Para ajudar em nosso modo de dar exercícios hoje. Rio de Janeiro: Aneas. Coleção CPAL, 2011.
- CORELLA, Jesús. *Sentir la Iglesia. Comentário a las regras ignacianas para el sentido verdadeiro de Iglesia*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 15, 1995.
- CUSSON, Gilles. *Experiencia personal del misterio de salvación*. Madrid: Apostolado de La Prensa; Zaragoza: Hechos y Dichos, 1973.
- DOMÍNGUEZ MORANO, Carlos. *Psicodinâmica de los Ejercicios ignacianos*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 30, 2003.
- ENCINAS, Antonio. *Los Ejercicios de San Ignacio: explanación y comentário*. Santander: Sal Terrae, 1952.
- FABRO, Pedro. *Memorial do Beato Pedro Fabro*. São Paulo: Loyola, 1995.
- FESSARD, Gaston. *La dialéctica de los Ejercicios Espirituales de san Ignacio de Loyola*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2010.

- FILHO, Spencer Custódio. *Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola: um manual de estudo*. São Paulo: Loyola, vol. 20, 1994.
- GARCIA-LOMAS, Juan Manuel. *Ejercicios Espirituales y mundo de hoy*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 8, 1991.
- GIULIANI, Maurice. *La experiencia de los Ejercicios Espirituales en la vida*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 9, 2009.
- GONZALEZ, Luis; IPARRAGUIRRE, Ignacio. *Ejercicios Espirituales, comentário pastoral*. Madrid: Biblioteca de Autores cristãos, 1965.
- GUERREIRO, Juan Antonio; IZUZQUIZA, Daniel. *Vidas que sobran: los excluidos de un mundo en quiebra*. Santander: Sal Terrae. Coleção Presencia Social. 2003.
- IDÍGORAS, José Ignacio Tellechea. *Ignácio de Loyola: solo y a pie*. Madrid: Cristiandad, 1987.
- _____. *Inácio de Loyola, a aventura de um cristão*. São Paulo: Loyola, 2001.
- IPARRAGUIRRE, Ignacio. *Lineas directivas de los ejercicios ignacianos*. Bilbao: Mensajero, 1949.
- LETURIA, Pedro. *El gentilhombre Iñigo López de Loyola*. Barcelona: Editorial Labor, S.A, 1949.
- LIBANIO, João Batista. *O discernimento espiritual revisitado*. Coleção Leituras e Releituras São Paulo: Loyola, 2ª ed., 2005.
- _____. *Discernimento espiritual: reflexões teológico-espirituais*. São Paulo: Loyola, 1977.
- LEWIS, Jacques. *Conocimiento de los Ejercicios Espirituales de San Ignacio*. Santander: Sal Terrae, 1987.
- MADRIGAL, Santiago. *Estudios de Ecclesiologia ignaciana*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2002.
- MAGAÑA, Álvaro Quiroz; OSORIO, Hermann Rodriguez (org). *Exercícios Espirituais na América Latina*. Rio de Janeiro: CPAL, 2011.
- MARTIN, James. *A sabedoria dos jesuítas para (quase) tudo*. Espiritualidade para a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.
- MARTÍNEZ, Julio. *Moral social y espiritualidade. Una co(i)nspiración necessária*. Santander: Sal Terrae, Coleção Presencia Teológica, 2011.
- MARTÍNEZ-GAYOL, Nuria Fernández. *Gloria de Dios en Ignacio de Loyola*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 34, 2005.

- MELLONI, Javier. *La Mistagogía de los Ejercicios*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 24, 2001.
- MONDONI, Danilo. *História e Teologia da Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 2014.
- MONTES, Benigno Hernández. *Recuerdos Ignacianos: memorial de Luis Gonçalves da Câmara*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 7, 1991.
- OSSUNA, Javier. *Amigos en el Señor: unidos para la dispersión*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 18, 1998.
- PALÁCIO, Carlos. *Mistérios de Cristo – Mistério do cristão*. São Paulo: Loyola. Coleção Leituras e Releituras, 2013.
- PALAORO, Adroaldo. *A experiência espiritual de Santo Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios*. São Paulo: Loyola, 1992.
- PÉREZ, Francisco, J.L. *Teología del camino: una aproximación antropológico-teológica a Ignacio de Loyola*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2000.
- PIRES, Cláudio. *A função da Sagrada Escritura na segunda semana dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, 1981.
- RAHNER, Karl. *Palavras de Inácio de Loyola a um jesuíta de hoje*. São Paulo: Loyola, 1978.
- _____. *Dios, amor que descende. Escritos espirituales*. Santander: Sal Terrae, 2008.
- _____. *Meditaciones sobre los Ejercicios de San Ignacio*. Barcelona: Herder, 1979.
- RAMBLA, J. M.; FAUS, González. *Tradición ignaciana y solidaridad con los pobres*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, vol. 4.
- RENDINA, Sérgio. *L'itinerario degli Esercizi*. Roma: ADP, 1999.
- SANTANA, Roberto González. *En todo amar y servir*. México: Obra Nacional de La Buena Prensa, 2000.
- SOBRINO, Jon. *O Cristo dos Exercícios de San Ignacio*. Santander: Sal Terrae, 1990.
- STIERLI, Josef. *Buscar a Deus em todas as coisas*. São Paulo: Loyola, 1990.
- TEJADA, Darío López. *Los Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola: comentario y textos afines*. Madrid: Edibesa, 2002.
- TETLOW, Joseph Allen. *Encontrar a Deus em todas as coisas*. São Paulo: Loyola, 2006.
- VALDÉS, Jose Garcia de Castro. *El Dios emergente: sobre a “consolación sin causa”*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2001.
- VALENSIER, Albert. *Iniciación a los Ejercícios Espirituales*. Santander: Sal Terrae, 1952.
- VÁZQUEZ, Ulpiano. *A Contemplação para alcançar amor*. Coleção Leituras e Releituras São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001.

VON BALTHASAR, Hans Urs. *Textos de Ejercicios Espirituales*. Bilbao: Mensagero; Santander: Sal Terrae, 2009.

4. Bibliografia de vários autores

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Obras Completas de San Augustin*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos, 1983.

ATANÁSIO, Santo. *A Encarnação do Verbo*. São Paulo: Paulus. Coleção Patrística, 2010.

ÁVILA, Teresa. *Escritos de Teresa de Ávila*. São Paulo: Loyola; Higienópolis: Carmelitanas, 2001.

BACH, Marcos. *Consciência e identidade moral*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BIANCHI, Enzo. *Por qué orar, como orar*. Santander: Sal Terrae, 2010.

BINGEMER, M.C. *A argila e o espírito*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BOAVENTURA, São. *Obras escolhidas*. Caxias do Sul: Sulina Editora; Porto Alegre: Vozes, 1983.

BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo. *O mistério celebrado: compromisso e memória I*. São Paulo: Paulinas; Espanha: Siquem, 2003.

CERVANTES, Miguel. *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CLEMENT, Olivier. *Fontes. Os místicos cristãos dos primeiros séculos*. Textos e comentários. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2003.

CODINA, V. *Teología y experiencia espiritual*, Santander: Sal Terrae, 1977.

ECKHART, Mestre. *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1991.

GALILEA, S., *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1984.

GOFFI, Tullo; SECONDINI, Bruno (org). *Problemas y perspectivas de espiritualidade*. Salamanca: Sígueme, 1986.

_____. *Curso de Espiritualidade. Experiência-Sistemática- Projeções*. São Paulo: Paulinas, 1994.

GRILLMEIER, Alois. *Cristo en la tradicion Cristiana: desde el tempo apostólico hasta el Concílio de Calcedônia (451)*. Salamanca: Sígueme, 1997.

- GRUN, Anselm. *Se quiser experimentar Deus*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GUARDINI, Romano. *A vida da fé*. Lisboa: Editorial Aster, Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1957.
- _____. *O espírito da liturgia*. Rio de Janeiro: Lumem Christi, 1942.
- JEANROND, Werner G. *Teología del amor*. Santander: Sal Terrae, 2013.
- JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e ação humana*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- LENOIR, Frédéric. *A cura do mundo*. São Paulo: Loyola, 2014.
- LEPARGNEUR, Hubert. *Consciência, corpo e mente*. São Paulo: Papirus, 1994.
- LEVINAS, Emanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- MOLTMANN, Jurgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MURARO, R.M.; CINTRA, R. *As mais belas orações*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- NEUTZLING, Inácio. *O Reino de Deus e os pobres*. São Paulo: Loyola, 1986.
- SALVADOR, Federico Ruiz. *Compêndio de Teologia Espiritual*. São Paulo: Loyola, 1996.
- SOUSA, Sandra Regina; PULIER, Tania Ferreira. *Creio na Alegria: caminho da fé cristã nos passos do Credo*. Livro do Catequista. São Paulo: Paulus, vols I e II, 2011.
- SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- STEIN, Edith. *A ciência da cruz*. São Paulo: Loyola, 3ª ed., 2002.
- SUDBRACK, Joseph. *Mística, a busca do sentido e a experiência do absoluto*. São Paulo: Loyola, 2007.
- SUSIN, Luiz Carlos; Santos Joe Marçal (orgs). *Nosso planeta, nossa vida: Ecologia e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- TEIXEIRA, Celso Márcio (org). *Fontes franciscanas e clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- UNGER, N.M. *O encantamento do humano: espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 2000.

5. Dissertações e teses

- KORBES, Dionísio. *A contemplação dos mistérios da vida de Cristo nos Exercícios Espirituais de santo Inácio e sua importância para a espiritualidade do militante cristão*. Centro de Estudos da Companhia de Jesus – Faculdade de Teologia. Belo Horizonte, 1990.
- MARTÍNEZ, Nancy Raquel Fretes. *El Acompañamiento Espiritual, un ministerio profético al servicio de la inmediata comunicacion Creador-criatura en Ignacio de Loyola*. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte, 2008.

REYES, Eduardo José Najarro. *Las denominaciones explícitas del Espíritu Santo en los escritos de san Ignacio de Loyola*. Contribución para una pneumatología ignaciana. Centro de Estudos da Companhia de Jesus – Faculdade de Teologia. Belo Horizonte, 1999.

RODRIGUES, Maria Teresa Moreira. *Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola*. Uma revisitação do texto em diálogo com Roland Barthes. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2011.

SALOMÃO, Carlos Giovanni. *As regras “para o sentir verdadeiro que na Igreja militante devemos ter” nos exercícios espirituais de santo Inácio de Loyola*. Centro de Estudos da Companhia de Jesus – Faculdade de Teologia. Belo Horizonte, 1995.

SAMPAIO, Alfredo. *Os tempos de eleição à luz dos “diretórios”*. Pontifícia Universidade Gregoriana, 2001.

6. Documentos do Magistério

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*: Constituição Dogmática sobre as alegrias e esperanças da Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 17ª ed., documento 41, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*: Constituição Dogmática sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 23ª ed., documento 31, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*: Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina. São Paulo: Paulinas, 9ª ed., documento 37, 2008.

CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*: Constituição sobre a Sagrada Liturgia. São Paulo: Paulinas, 17ª ed., documento 26, 2011.

DOCUMENTOS DO MAGISTÈRIO. Carta Encíclica *Deus Caritas Est* do Sumo Pontífice Bento XVI. São Paulo: Paulinas, 11ª ed., documento 189, 2011; 1ª reimpressão 2013.

DOCUMENTOS DO MAGISTÈRIO. Carta Apostólica do Santo Padre BENTO XVI *Porta Fidei*. São Paulo: Paulinas, documento 195, 2011.

DOCUMENTOS DO MAGISTÈRIO. *O sentido cristão do sofrimento humano*. Carta Apostólica “*Salvifici Doloris*” de João Paulo II. São Paulo: Paulinas, 11ª ed., documento 104, 2009.

DOCUMENTOS DO MAGISTÈRIO. Exortação ao Clero de Pio X e Encíclica *Mens Nostra*, Resoluções e orações de Pio XI. Rio de Janeiro: Vozes, 1937.

DOCUMENTOS DA CNBB. *Diretório Nacional de Catequese*. São Paulo: Paulinas, 10ª Ed., documento 84, 2011.

DOCUMENTOS DA CNBB. *Catequese Renovada*. São Paulo: Paulinas, 39ª Ed., documento 26, 2009; 1ª reimpressão 2011.

DOCUMENTOS DA CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 3ª Ed., documento 94, 2011; 4ª reimpressão 2012.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas e Paulus, 12ª ed., 2011.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2007

MISSAL COTIDIANO. *Missal da Assembleia cristã*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MISSAL DOMINICAL. *Missal da Assembleia cristã*. São Paulo: Paulus, 1995.

MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1992.

7. Dicionários e Concordância

BORRIELLO, L. CARVANA, E. DELGENIO, M.R.; SUFFI, N. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Loyola, 2003.

CASTRO, José Garcia (Ed). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensagero; Santander: Sal Terrae, 2007.

ECHARTE, Ignacio. *Concordancia Ignaciana*. Bilbao: Mensagero, 1996.

EICHER, Peter (Dir.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais da Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

FLORES, S.; GOFFI, T. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas; Portugal: Paulistas, 1989.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora objetiva, 2009.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino (org). *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis, Vozes, 1994.

SAMANES, Casiano Floristán; ACOSTA, Juan-José T. *Conceptos fundamentales del Cristianismo*. Madrid: Editorial Trotta, 1993.

8. Artigos

ARZUBIALDE, Santiago. *Raíces de la teologia espiritual en las Dos Banderas*. Manresa 56, 1984, p. 291-319.

AZEVEDO, Ferdinando. *Uma mística do serviço: as inspirações trinitárias na espiritualidade inaciana*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 18, 1994, p. 33-41.

BAIZÁN, Jesús M. Díaz. *Admiración y agradecimiento en los Ejercicios Espirituales de san Ignacio*. Manresa 85, 2013, p. 33-42.

BARREIRO, Álvaro. *Reflexões sobre a contemplação inaciana dos mistérios da vida de Cristo*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 14, 1995, p. 98-106.

BECHARA, Odette. *Quarta semana – amor até a plenitude de vida*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 64, 2006, p. 40-44.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *La cuarta semana: el don y el desafío de la alegría*. Manresa 79, 2007, p. 139-152.

_____. *Eu, o Outro e os outros: mística inaciana em tempo mutantes e conflitivos*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 62, 2005, p. 5-13.

BOLZAN, Maria. *A experiência inaciana: tempo de libertação e integração*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 1, 1988, p. 11-13.

BUELTA, Benjamín González. *Mística en la cultura de la seducción. Aplicar los cinco sentidos a la realidad*. Manresa 85, 2013, p. 57-68.

CATALÁ, Toni. *No el mucho saber, sino sentir y gustar*. Manresa 80, 2008, p. 239-247.

CHÉRCOLES, Adolfo. *El conocimiento interno en el proceso de los Ejercicios*. Manresa 71, 1999, p. 19-29.

CHONG, João Chenchon. *A contemplação para alcançar amor: o Pentecostes inaciano*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 47, 2002, p. 29-38.

CODINA, Víctor. *¿Quién fue realmente Ignacio de Loyola?* Sal Terrae 79, 1991, p. 83-128.

CORELLA, Jesús. *Dinâmica del deseo y de las afecciones desordenadas en proceso de los Ejercicios (I)*. Manresa 66, 1994, p. 147-160.

_____. *Los grandes deseos de los Ejercicios y sus traducciones para el momento presente*. Manresa 66, 1994, p. 297-310.

DE MORE, Geraldo. *Seguimento e imitação de Jesus Cristo na espiritualidade inaciana*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 69, 2007, p. 5-17.

DIAS, Teresa. *¿Es cristológica la contemplación “ad amorem”? Concepción ignaciana de Cristo, Dios-Hombre (I)*. Manresa 45, 1973, p. 289-308.

DIEGO, Luis. *“Vio tan claramente que Dios lo ponía con su Hijo...” La visión de La Storta en la vida de san Ignacio y en la espiritualidad ignaciana*. Manresa 84, 2012, p. 319-329.

- DIEZ-ALEGRÍA, José Maria. *La Contemplación para alcanzar amor en la dinámica espiritual de los Ejercicios de San Ignacio*. Manresa 23, 1951, p. 171-193.
- DOMÍNGUEZ, Luís Maria. *La aplicación del sentidos*. Manresa 81, 2009, p. 141-155.
- _____. *Elección y unión con Dios en el texto de los Ejercicios*. Manresa 83, 2011, p. 109-122.
- DOMÍNGUEZ MORANO, Carlos. “*Quien quisiere venir conmigo...*” (EJ 95,1). *La configuración psicossocial de la identidad*. Manresa 80, p. 33-46.
- ELORRIAGA, Federico. *Las “heridas” en la vida de san Ignacio: um largo caminho hacia la alteridade de Dios*. Manresa 85, 2013, p. 125-135.
- ESTRADA, Juan. *Conocimiento interno del mundo para que más le ame y le sirva*. Manresa 71, 1999, p. 63-80.
- FINERAN, Geraldo. *O exercício da Contemplação para alcançar amor*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 4, 1990, p. 75-77.
- GARCÍA, José. *De los Ejercicios a la vida ordinária: La Contemplación para alcanzar amor*. Manresa 79, 2007, p. 151-166.
- _____. “*El hombre es creado para...*” (EJb 23). *Carácter vectorial y autotrascedente del ser humano*. Manresa 80, 2008, p. 5-17.
- GONZALEZ, Luis. *Contemplativos en la acción*. Manresa 59, 1987, p. 389-403.
- GUEVARA, M. Junkal. *Descubrir, disfrutar y proclamar al Espíritu en la vida cotidiana*. Manresa 83, 2011, p. 215-227.
- GUILLÉN, Antonio. “*Quien quiere imitar en el uso de sus sentidos a Christo nuestro Señor*” (EJ 248). *Sentidos e sensibilidad en los Ejercicioc*. Manresa 80, 2008, p.47-60.
- _____. *El processo espiritual de la Cuarta Semana*. Manresa 79, 2007, p. 127-138.
- _____. *Las quatro semanas de los EE. en una sola contemplación*. Manresa 68, 1996, p. 5-15.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Opção pelos pobres: avaliação e desafios*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 25, 1996, p. 31-38.
- HORMAZA, M. Luiz *la contemplación ignaciana, caminho de encuentro*. Manresa 81, 2009, p. 113-126.
- IGLESIAS, Ignacio. *La Contemplacion para alcanzar amor en la dinâmica de los EE*. Manresa 59, 1987, p. 375-383.
- JUNGES, José Roque. *A Contemplação para alcançar Amor*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 55, 2004, p. 19-20.
- LACERDA, Milton Paulo. “*Em tuas mãos, Senhor...!*”: *aspectos psicológicos da petição da 2ª semana dos EE*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 76, 2009, p. 51-56.

- LERA, José María. *La contemplación para alcanzar amor, el pentecostes ignaciano*. Manresa 63, 1991, p.163-90.
- LETURIA, P. *Estudios Ignacianos, I* (BIHSI, 10), Roma, p.101-376.
- LIBANIO, João Batista. *Inácio e seu mundo*. Grande Sinal 45, 1991, p 401-456.
- _____. *A petição da segunda semana dos Exercícios: “conhecimento interno para que eu mais o ame e o siga” (EE 104)*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 76, 2009, p. 39-45.
- LLÁCER, Darío Mollá. *El discernimento, realidade humana y espiritual*. Manresa 82, 2010, p. 5-14.
- LÓPEZ-YARTO, Luis. *La gratuidade, mucho más que una emoción pasajera*. Manresa 85, 2013, p. 7-20.
- MAIA, Pedro Américo, Oswaldo. *Desolação*. ITAICI – Revista de Espiritualidade Inaciana 33, 1998, p. 77-81.
- MALDANER, Maria Fátima. *Contemplação para alcançar o Amor*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 14, 2007, p. 57-64.
- MARTÍN-MORENO, Juan Manuel. *Los relatos de la resurrección según la exégesis y la teología actual*. Manresa 79, 2007, p. 109-125.
- MELLONI, Javier. *La elección, el nombre ignaciano de la unión*. Manresa 83, 2011, p. 123-133.
- _____. *La crisis como categoria antropológica y espiritual*. Manresa 85, 2013, p. 113-123.
- _____. *El conocimiento interno en la experiencia del Cardoner*. Manresa 71, 1999, p. 5-18.
- MIRANDA, Mário de França. *Encontrar Deus em todas as coisas e sociedade moderna*. Grande Sinal 45, 1991, p. 433-456.
- MOLINA, Diego. *Meditación con las três potencias*. Manresa 81, 2009, p. 101-112.
- _____. *Discernir la presencia de Dios en la vida*. Manresa 83, 2011, p. 229-244.
- MURAD, Afonso. *Fé cristã e ecologia: o diálogo necessário*. Perspectiva Teológica 40, 2008, p. 229-242.
- NAVARRO, Maria Ângela. *Contemplação para eu me deixar alcançar pelo amor de Deus*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 30, 1997, p. 54-65.
- PALÁCIO, Carlos. *Para uma teologia do existir cristão. Leitura da segunda semana dos Exercícios Espirituais*. Perspectiva Teológica 16, 1984, p. 167-214.
- _____. *Experiência de Deus e oração na espiritualidade inaciana*. Grande Sinal 45, 1991, p.415-431.

_____. *Os “mistérios” da vida de Cristo nos Exercícios Espirituais*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 8, 1992, p. 26-42.

_____. *A contemplação dos mistérios da vida de Cristo N. S. nos Exercícios Espirituais*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 59, 2005, p. 43-54.

QUEVEDO, Luís González. *Permanecer no amor: a continuidade dos Exercícios Espirituais*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 45, 2001, p. 53-65.

RAMBLA, Josep M. *Del gentilhombre Ínigo a San Ignacio de Loyola: una eclesialidade progressiva*. Manresa 84, 2012, p. 111-125.

ROYON, E. *Las tres maneras de humildad en la dinámica del seguimiento de Jesús*. Manresa 58, 1986, p. 69-76.

RUIZ GOPEGUI, Juan. *A contemplação para alcançar amor nos Exercícios Espirituais*. Perspectiva Teológica 15, 1983, p. 55-72.

RUIZ JURADO, Manuel. *Tres maneras de humildad*. Manresa 38, 1966, p. 127-138.

RUIZ PÉREZ, Francisco. “*Para en todo acertar*” (EJ 365). *La persona como processo según la espiritualidade ignaciana*. Manresa 80, 2008, p. 19-31.

SAMPAIO, Alfredo. *Um equilíbrio difícil: graça e liberdade nos EE de Santo Inácio*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 90, 2012, p. 27-39.

_____. *Praticar na vida cotidiana a dinâmica dos Exercícios: o fruto da Contemplação para alcançar o Amor*. ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana 68, 2007, p. 29-42.

TEJERA, Manuel. *La cuarta semana en la dinámica de los Ejercicios Espirituales*. Manresa 59, 1987, p. 315-324.

VALERO, Urbano. “*Quien más recibe más deudor se hace*”. *Gratuidade y agradecimiento en san Ignacio de Loyola*. Manresa 85, 2013, p. 21-31.

VALVERDE, Carlos. *Contemplación para alcanzar amor y Medio Divino*. Manresa 42, 1970, p. 157-168.

VIVES, Joseph. *Servir en libertad*. Manresa 63, 1991, p. 191-212.

9. Verbetes

ALBUQUERQUE, Antonio. Binarios. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 230-238.

ALEMANY, Carlos. Cuerpo. *Diccionario de Espiritulidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 529-532.

BERNARD, Ch. A. Contemplação. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas; Portugal: Paulistas, 1989, p. 185-186.

BORRIELLO, L. CARVANA, E. DELGENIO, M.R.; SUFFI, N. Mística. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 261-269.

BUCKLEY, Michael. Contemplación para alcanzar amor. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 452-456.

CACHO, Ignacio. Ignacio de Loyola. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 975-985.

CÁTALA, Vicent. Fe. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 872-876.

DOMÍNGUEZ, Luis Maria. Afecto. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 95-102.

DOMÍNGUEZ MORANO, Carlos. Maneras de humildad. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1185-1192.

DONNELL, John. Trinidad. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1720-1727.

EMONET, Pierre. Indiferencia. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1015-1021.

FONTI, Jordi. Desolación. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 570-575.

FRICK, Eckhard. Imaginación. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 987-993.

GARCÍA HIRSCHFELD, Carlos. Oración preparatoria. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1377-1378.

_____. Preámbulos. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1471-1473.

GARCÍA MATEO, Rogelio. Flos Sanctorum. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 886-887.

GONZÁLEZ MAGAÑA, Jaime Emílio. Entendimiento. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 765-773.

GUILLEN, Antonio T. Contemplação. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Ediciones Mensajero; Santander: Editorial Sal Terrae, 2007, p. 445-452.

_____. Desolación. *Diccionário de Espiritualidade Ignaciana*. Bilbao: Ediciones Mensajero; Santander: Editorial Sal Terrae, 2007, p. 575-580.

MELLONI, Javier. Cardoner. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 279-286.

PALACIO, Carlos. Experiencia de Dios. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 855-862.

PÉREZ, Francisco José Ruiz. Camino. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 260-268.

RODRÍGUEZ, Antonio García. Amor. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Terrae, 2007, p. 148-157.

SAMPAIO, Alfredo. Elección. *Diccionário de Espiritualidade Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 726-733.

SCHIAVONE, Pietro. Missa. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1233-1238.

VERD, Gabriel. Tomad, Señor. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1708-1714.

WITWER, Antón. Contemplativo en la acción. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 457-465.

ZAS FRIZ, Rossano. Composición de lugar. *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 359-362.

10. Sites

Conferencia de Provinciales Jesuítas de América Latina. *¿Cómo surgieron los ejercicios? Condicionamientos históricos de los mismos*. Disponível em <http://www.cpalsj.org/wp-content/uploads/2013/04/EEenALAnexoSurgimientoEjercicios.pdf>. Acesso em 15/09/2014.

VEILLEUX, Armand. *Novos peregrinos ou giróvagos culturais?* Disponível em www.padresdodeserto.net. Acesso em 10 set. 2014.

www.conceito.de/ritmo. Acesso em 03/11/2014.

www.passo-a-rezar.net. Texto de Pedro Gil. Acesso em 27/10/2014.

www.cartadaterrabrasil.org. Acesso em 26/11/2014.

www.magis2013.com. Acesso em 27/04/2014.

www.bicentenariosj.com.br. Acesso em 15/05/2014.